



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**  
**NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**DANIEL DO NASCIMENTO SANTOS**

**O CARANGUEJO: PODCAST NARRATIVO SOBRE O MANGUEBEAT**

**CARUARU**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**  
**NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**RELATÓRIO CIÊNTIFICO**

**O Caranguejo: Podcast Narrativo sobre o Manguebeat**

**DANIEL DO NASCIMENTO SANTOS <sup>1</sup>**

**Caruaru**

**2023**

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. E-mail: daniel.nsantos@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Daniel do Nascimento.

O Caranguejo: Podcast Narrativo sobre o Manguebeat / Daniel do  
Nascimento Santos. - Caruaru, 2023.

149 f. ; av. : 1h 46 min.

Orientador(a): Sheila Borges de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2023.

1. Podcast narrativo e imersivo. 2. Mídias sonoras. 3. Manguebeat. 4.  
Pernambuco. 5. Chico Science. I. Oliveira, Sheila Borges de. (Orientação). II.  
Título.

070 CDD (22.ed.)

Para minha mãe, meus irmãos, parentes e amigos próximos que acompanharam toda minha luta para concluir essa graduação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. À minha mãe Terezinha Raimunda do Nascimento Santos, que sempre foi pai e mãe, e, apesar das dificuldades, sempre me apoiou. Ela talvez não entenda, de fato, o meu constante desejo de estar sempre querendo estudar algo. Aos meus irmãos Rafael, Denise e Kamilly pelo apoio familiar durante os anos de graduação. Aos meus parentes que vibram por cada conquista minha. E a todos meus entes queridos, que já partiram para o plano celestial, em especial a meu avô paterno, Juvenal, que sempre, quando eu lhe visitava, me dizia ao ir embora: “que Deus te faça feliz”.

Aos meus amigos e amigas que são muitos na universidade e fora dela. Mas não posso deixar de destacar alguns, essenciais para a minha experiência acadêmica ter sido, além das muitas dificuldades, ter se tornado mais leve. Agradeço em especial a Ana Clara, Breno Melo, Beatriz Lima, Eloisa Avani, Gabriel Pedroza e Victória Carvalho por terem sido um presente que a universidade me deu. Também a Adriele Silva e Thalícia Souza pela rede de apoio e por terem me dado suporte inicial, quando me mudei para Caruaru para realizar o estágio na Rádio Cultura do Nordeste. A Victória Melo pelo seu jeito divertido de ser e ter topado a aventura de ir até o Sertão de Pernambuco falar de podcast junto comigo. Por tantos outros amigos que fiz durante a graduação como Ricardo, Eduardo, Sammy, Nathália, Cladisson, Luís, Jeferson, Sérgio Lucas, Rayane, Marília e Janilson. Também aos outros amigos que, nos últimos meses, acompanharam meus lamentos nas redes sociais digitais sobre a dificuldade de realizar este presente trabalho. Em especial a Danilo Mergulhão por ser sempre gentil comigo e ter me dado apoio emocional diversas vezes. Aos meus colegas de trabalho.

À minha orientadora Sheila Borges pela orientação e por ter me ensinado tanto sobre mídias sonoras e pelos conselhos profissionais e acadêmicos, que, muitas vezes, vem a partir de uma única frase: “posso ligar?”. Aos demais professores da minha graduação na UFPE, em especial a Amanda Mansur, por ter me dado a oportunidade de poder experimentar a vida de pesquisador, durante o Pibic. Sem deixar de mencionar o professor e grande amigo Luãn Chagas, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que esteve comigo

virtualmente quase todos os dias nos anos pandêmicos falando sobre podcast e dos anseios daquele caos.

Na campanha eleitoral de 2022, o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva uma vez disse que pobre da periferia incomoda muito a elite brasileira quando entra na universidade, porque não fomos feitos para sermos doutores, nós fomos feitos para fazer trabalho doméstico. Não sei se incomodei, mas eu consegui me formar. Um agradecimento também para todos que lutaram pela expansão das universidades públicas no interior, que, sem isso, talvez nem fosse possível ter ingressado em um curso superior.

“Que eu me organizando posso desorganizar. Que eu desorganizando posso me organizar” ( Chico Science & Nação Zumbi).

## RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar o Movimento Mangubeat, mostrando a sua relação intermediária com outras artes. Essa manifestação cultural surgiu em Pernambuco no início da década de 1990 e teve como principal expoente o músico Chico Science. Para isso, foi elaborado o podcast narrativo e imersivo O Caranguejo, que possui dois episódios. No primeiro, é apresentada a trajetória do movimento até a morte do seu principal criador. No segundo, é mostrada a influência da cena mangue no cinema e na moda, além do seu legado para a sociedade pernambucana. Como aporte teórico, foram utilizados conceitos de rádio expandido, de Kischinhevsky (2016), de podcast narrativo, de Bonini (2015), Viana (2020) e Chagas (2021), de intermedialidade, de Cluver (2012), Muller (2012), Rajewsky (2012), Nagib (2014) e Paiva (2016). Como suporte metodológico, realizamos uma pesquisa bibliográfica em fontes utilizando o critério de seleção das fontes, de Kischinhevsky e Chagas (2017). As entrevistas foram executadas com base no modelo aberto, seguindo o método de Campiolo (2010). A análise de conteúdo das fontes buscou apoio em Bardin (2008). Já as etapas de produção do podcast foram definidas a partir de Prado (2006) e Kaplun (2017). Concluiu-se que o podcast O Caranguejo atinge o seu objetivo quando apresenta e divulga o Movimento Mangubeat para a sociedade por meio de uma mídia acessível e democrática: as mídias sonoras.

**Palavras-Chaves:** Podcast Narrativo e Imersivo; Mídias Sonoras; Mangubeat; Pernambuco.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Script do episódio 01.....	49
Tabela 2 - Script do episódio 02.....	93

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	15
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
4.1	MANGUEBEAT NA CENA CULTURAL PERNAMBUCANA.....	20
4.2	A INTERMIDIALIDADE NAS ARTES.....	26
4.2.1	<b>No Movimento Manguebeat com o cinema pernambucano.....</b>	<b>26</b>
4.2.2	<b>Na moda do Manguebeat.....</b>	<b>31</b>
4.3	O MANGUEBEAT E SEU LEGADO PARA A MÚSICA E SOCIEDADE.....	33
4.4	UM BREVE HISTÓRICO SOBRE AS MÍDIAS SONORAS.....	37
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>47</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE.....</b>	<b>49</b>
6.1	SCRIPT DO EPISÓDIO 1.....	49
6.2	SCRIPT DO EPISÓDIO 2.....	110
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>140</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O rádio faz parte do cotidiano da sociedade brasileira desde que chegou ao País no início do século XX. Os estudos sobre as mídias sonoras, que começaram em 1991, de acordo com Cunha (2021), mostram que o rádio passou a fazer parte de nossas vidas criando hábitos como o de sintonizar, com frequência, as emissoras preferidas para ouvir músicas ou se informar sobre as notícias da região onde mora, do país e do mundo. Apesar de ser um meio de comunicação que vem sofrendo diversas crises, desde que, na segunda metade do Século XX, a televisão foi introduzida no Brasil e, no início deste Século XXI, a internet se popularizou com o uso dos smartphones, o rádio permanece potente em meio às mudanças tecnológicas. De acordo com a pesquisa Inside Radio 2022, da Kantar IBOPE Media, realizada em todas as regiões metropolitanas do Brasil, cerca de 83% da população dessas localidades ouvem rádio no dia a dia. Isso representa um aumento de 3% em relação à pesquisa de 2021, que registrava um consumo de 80%. Apesar da possibilidade de ouvir rádio por smartphones, a maioria, segundo a pesquisa, prefere ouvir rádio por meio do aparelho mais tradicional. Os dados também revelam que 63% da população escuta esta mídia quando estão em casa.

O rádio hertziano, porém, não é mais o mesmo (FERRARETTO, 2009). Desde o processo de globalização no mundo e o desenvolvimento da rede mundial de computadores, a internet, este meio de comunicação permanece ultrapassando fronteiras, rompendo barreiras geográficas e levando entretenimento e informação para milhares de pessoas em pleno Século XXI, após mais de 100 anos de existência. Foi a Rádio Clube, fundada em 1919 no Recife, que deu a largada inicial para a expansão da radiofonia no Brasil. Durante muitas décadas, o fato foi alvo de discussões entre pesquisadores em torno da veracidade que a capital pernambucana foi, realmente, palco desse protagonismo sonoro. No entanto, em 2019, esse marco histórico foi comprovado pelo documento da Carta de Natal (2020), redigido pelos estudiosos da área atestando que a Clube de Pernambuco foi a primeira rádio a ser criada em nosso País.

As transformações tecnológicas, impulsionadas pelo avanço da globalização com o fim da Guerra Fria em 1987, permitiu que a internet se desenvolvesse, alcançando novos territórios e acarretando mudanças na essência original das mídias. Segundo Prata (2008), a presença da web na sociedade brasileira provoca intensos debates e questionamentos sobre mudanças de padrões estabelecidos por ela. Ainda segundo a mesma pesquisadora, “o advento da internet, porém, faz surgir uma nova forma de radiofonia” (Prata, 2008, p.50).

Mas o que antes era apenas som, passa a ser também imagens, texto, vídeo e ilustrações, por meio das transmissões on-lines. Lopez (2010), em sua pesquisa sobre rádio hipermediático, considera que isso é normal, pois faz parte de um processo de revisão e reestruturação do rádio. Já para Kischinhevsky (2016), a presença da internet levou o rádio a se expandir, ultrapassando as fronteiras das tradicionais ondas hertzianas e ocupando os espaços criados virtualmente em plataformas digitais.

Em consequência disso, a partir da década de 1990, tornou-se comum as emissoras de rádio armazenarem os seus programas em sites e blogs. Assim, para ouvir, era necessário que a audiência, a cada nova edição, acessasse o site no qual o conteúdo era hospedado para escutar (LOPES, 2015). Dessa forma, aos poucos, foi se desenvolvendo, a mídia sonora, podcast, como nova experiência de produção, edição e consumo que “pode ser definido brevemente como um arquivo de mídia, tradicionalmente um arquivo de formato de áudio, transmitido via podcasting” (ASSIS, 2014, p. 29). Segundo uma pesquisa, feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2021, o Brasil tem 440 milhões de dispositivos digitais (computadores, notebooks, tablets e smartphones). Isso sinaliza que, cada vez mais, os cidadãos passam a ter acesso a ferramentas digitais, o que vai favorecer, apesar das dificuldades econômicas do País, a inclusão digital.

A possibilidade de pessoas produzirem conteúdos em áudio na mídia podcast se tornou comum no Brasil nas últimas décadas pela democratização do acesso a aparatos tecnológicos que permitem a gravação de som, como indica Viana (2020). Esse fenômeno leva os cidadãos a criarem seus próprios “programas de rádio”, hospedando os arquivos em plataformas de áudio. Por

meio das redes sociais, eles buscam suas próprias audiências, consolidando-se, segundo Jenkins (2014), como uma fonte de informação sobre as mais diversas áreas. Segundo a Associação Brasileira de Podcasts, a ABPOD, em 2020 existiam mais de dois mil podcasts ativos no país.

Esta mídia faz parte da minha vivência acadêmica na universidade desde o primeiro semestre da graduação em 2018, quando cursei a disciplina Oficina de Textos para mídias sonoras, no curso de Comunicação Social, do Centro Acadêmico do Agreste, campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Caruaru. Desde então, sempre estive envolvido em projetos de extensão de mídias sonoras da UFPE, como a Rádio Cordel UFPE: na frequência do Agreste.

Por meio dessas ações, passei a dialogar também com grupos de mídias sonoras formados por professores e alunos da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Ao me engajar nessas atividades, principalmente durante a pandemia, pois trabalhamos de março de 2020 a junho de 2022 de forma remota, tive a oportunidade de produzir podcasts jornalísticos, radiodocumentários e de ficção.

Com base nessas experiências, participei de um projeto de extensão da UFPE, chamado de UFPE No Meu Quintal, realizado em Betânia, cidade que fica a 266 quilômetros de Caruaru, no Sertão do Moxotó de Pernambuco, quando pude ensinar a comunidades quilombolas como produzir conteúdo para uma rádio que poderia ser ativada por meio de mensagens de WhatsApp. Também ministrei uma oficina sobre produção em mídias sonoras ao público caruaruense. Em função deste meu envolvimento com rádio e podcast, fui aluno bolsista do projeto da Rádio Cordel e monitor da disciplina de Oficina de Texto.

Como passei a me interessar pelo tema do Mangubeat, fui selecionado para ser estudante voluntário e, posteriormente, como bolsista, no programa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) para realizar o projeto de pesquisa sobre a intermedialidade entre a música do Mangubeat e o cinema pernambucano. Neste trabalho, investiguei a filmografia de três cineastas: Cláudio Assis, Hilton Lacerda e Marcelo Gomes a partir do conceito de intermedialidade, que segundo Irina Rajewsky (2012), é um fenômeno midiático que envolve mais de uma mídia. Isso me proporcionou adquirir mais

conhecimento sobre a relação de combinação entre mídias e da própria cultura pernambucana, uma vez que sempre possui o interesse em entender um pouco mais sobre as dinâmicas do processo de produção dos filmes feitos no estado.

Assim, com este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aprofundo a pesquisa sobre Mangubeat utilizando a mídia podcast como condutora narrativa da pesquisa, que servirá como produto de divulgação científica para o curso do qual estou me graduando: Comunicação Social com ênfase em Mídias Sociais e Produção Cultural, na Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste em Caruaru. Segundo Albagli (1996, p. 397):

Popularização da ciência ou divulgação científica (termo mais frequentemente utilizado na literatura) pode ser definida como "o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral". Nesse sentido, divulgação supõe a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga, visando a atingir um público mais amplo. (ALBAGLI, 1996, p.397)

Diante disso, a pergunta central dessa investigação é: como elaborar um podcast que possa apresentar as influências do Mangubeat na nossa cultura? Para respondê-la, teremos que, inicialmente, estudar o Movimento Mangubeat, surgido no início da década de 1990, no Recife, uma cidade geograficamente composta por muitos rios, ilhas e penínsulas. O bioma mangue é muito predominante nela. A efervescência cultural da cena mangue no Recife também fez com que chegasse, por exemplo, ao cinema. Jovens cineastas já vinham se exercitando cinematograficamente desde a década de 1980, com a retomada da produção cinematográfica em 1996, que teve como pioneiro o filme *Baile Perfumado*, dos diretores Lírio Ferreira e Paulo Caldas, passaram a desenvolver parcerias com os músicos do Mangubeat, que permitia a promoção tanto do cinema quanto da música.

Nesse sentido, desenvolvemos um podcast em formato narrativo e imersivo, com a estrutura de storytelling, uma técnica muito tradicional no campo das artes para se contar uma história. De acordo com Viana (2020), a narrativa imersiva também é utilizada no rádio, com o intuito de preencher as necessidades e vontades da audiência.

Os podcasts que utilizam o storytelling se apoiam especialmente no texto, que conduz o ouvinte a um ambiente misterioso, na

interpretação do apresentador(a)(s), e na música como parte da narrativa. Sons ambiente, às vezes captados fora do estúdio, e sonoras recuperadas de personagens da trama não aparecem em todas as produções, mas ganham destaque em algumas delas. (Silva e Santos, 2020, p. 62 e 63)

Esse estilo de produção envolve o ouvinte de uma forma que ocorre uma imersividade naquilo que é contado no conteúdo apresentado. No primeiro episódio, tratamos do início do Manguebeat até a morte de Chico Science, principal nome do movimento. No segundo, será abordado sobre a relação do movimento com o cinema e a moda pernambucana. Na metodologia, para a realização deste TCC, realizamos uma pesquisa bibliográfica em fontes utilizando o critério de seleção das fontes, de Kischinhevsky e Chagas (2017). As entrevistas foram realizadas com base no modelo aberto, seguindo o método de Campiolo (2010). A análise de conteúdo das fontes buscou apoio em Bardin (2008). Já as etapas de produção do podcast foram definidas a partir de Prado (2006) e Kaplun (2017), que consideram o processo de estruturação do produto por ordem de linearidade em etapas de argumentação, pesquisa, roteirização, gravação, sonorização, edição e catalogação, distribuídas em produção executiva, pré-produção, produção e pós-produção.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVOS GERAIS

Produzir uma série de podcasts sobre o Mangubeat em estilo narrativo e imersivo.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar o Movimento Mangubeat;
- Mostrar a influência e legado do movimento nas artes desde sua criação na última década do século XX;
- Realizar entrevistas em profundidade com pessoas que vivenciaram o Mangubeat e têm o movimento como referência em suas artes;
- Roteirizar, produzir, editar e finalizar episódios de podcasts sobre a pesquisa realizada.

### 3 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho buscou apresentar como o Movimento Mangubeat, surgido no início da década de 1990 e que tem como principal idealizador o músico e compositor pernambucano Chico Science, influenciando outras manifestações artísticas como a música, o cinema e a moda por meio da intermedialidade (PAIVA, 2006), conceito teórico que iremos explicar mais à frente. O produto de nossa pesquisa será publicizado através de um podcast no estilo narrativo imersivo (VIANA,2020), estratégia narrativa que apresentaremos nos próximos capítulos.

O Mangubeat originalmente nasceu como uma ideia totalmente musical e, aos poucos, foi se consolidando como um movimento de contracultura, que, segundo Pereira (1986, p.14), é “uma postura, ou até uma posição em face da cultura convencional, de crítica radical” Desse modo, a cena manguete cruzou as fronteiras de outras artes e acabou proporcionando interações semiótica com outras artes. O movimento segue influenciando muitos músicos trinta anos após o seu surgimento nos anos de 1990, que usam as referências dos mangueteiros em suas criações artísticas. Além de Chico Science & Nação Zumbi, podemos incluir nesse cenário as bandas Mundo Livre S/A, Sheik Tosado, Mestre Ambrósio, DJ Dolores, Comadre Fulozinha, Jorge Cabeleira e o Dia em que Seremos Todos Inúteis, Eddie, Via Sat, Querosene Jacaré e outras que surgiram posteriormente, como analisa José Teles (2003):

O Movimento Manguete abrangeu mais do que música. Foi uma espécie de renascimento para a cultura pernambucana. [...] Fez, sobretudo, o Pernambuco interessar-se pela sua própria cultura. A partir daí os artistas populares, muitos deles condenados ao anonimato, passaram a gravar discos e a ser cultuados pela juventude, a exemplo do Mestre Salustiano, Selma do coco, Lia de Itamaracá. Chico Science quando passou a trajar o caboclo de lança do Maracatú, acabou virando símbolo do Estado, o que era antes marginalizado. E até mesmo o cinema pernambucano ganhou destaque pela influência do Manguete. (TELES, 2003, p.55)

No cinema, um grupo de jovens que estava realizando experimentações desde a década de 1980, na capital pernambucana, com a chegada do Manguete, passou, também, a beber das ideias de Chico Science & Cia. Esses jovens cineastas acabaram se aproximando dos músicos a ponto de

fazerem permutas entre os seus trabalhos artísticos (Nogueira, 2009). Eles também acabaram criando uma vertente cinematográfica sobre filmes que possuem elementos semióticos do movimento de contracultura musical: o Árido Movie.

Já na moda, os mangueboys utilizavam as vestimentas para consolidar as ideias propagadas pelo “Manifesto Caranguejo com Cérebro”, de Fred Zero Quatro (1992), por meio de elementos visuais vinculados ao movimento. Chico Science & Cia utilizavam elementos tradicionais e modernos na estética de suas roupas, como o chapéu de palha, as roupas coloridas do caboclo de lança, o jeans e etc, como analisa Monçores (2006):

É sabido também que a Moda estabelece classes, grupos e tribos; ou seja, ela qualifica e segmenta o social; portanto, há de se pensar que no momento em que a Cena Mangue busca uma nova forma de expressão e usa como um dos meios a roupa, ela cria uma nova classe na configuração social do Recife dos anos 90. (MONCORES, 2006, p.85)

Assim, observa-se que a intermedialidade entre as mídias já era um fenômeno muito presente nas diversas manifestações artísticas existentes na nossa cultura em todo contexto historiográfico da humanidade, com vestígios de combinações midiáticas desde a Grécia Antiga (CLÜVER, 2012). Nas últimas décadas, o conceito vem sendo bastante difundido. Ele, porém, tem sido alvo de controvérsias entre os teóricos do campo das artes por ser de difícil entendimento. Foi baseado nas ideias de “política de impureza”, proposto por Bazin (1991), em que ele diz que a impureza no cinema é extremamente benéfica para a narrativa fílmica, já que permite a promoção das mídias nela apresentada e entre outros teóricos do cinema, que a pesquisadora brasileira Lúcia Nagib passou a defender a intermedialidade:

Investigar as políticas de hibridização colocando o fenômeno intermediário não como um projeto acabado ou um fim em si mesmo, mas como um problema, quer dizer, o lugar de uma crise, a falta de uma mídia que requisita outra, procedimentos metafóricos na perspectiva de preencher uma lacuna que está no próprio núcleo da criação artística. (NAGIB, 2014, p. 21)

Dessa forma, a música, o cinema e a moda, expressões artísticas que iremos trazer em nosso trabalho, são usadas como representação daquilo que é

contemporâneo no momento de sua concepção. O encontro dessas expressões por meio da arte é o momento no qual os artistas expõem as suas vontades e os seus desejos, imprimindo as suas ideias em fios de tecidos, na arquitetura, nos roteiros do cinema e em tudo que a nossa visão alcança. De acordo com Proença (2012), as manifestações artísticas representam um importante registro de acontecimentos históricos sociais do tempo em que elas são criadas. Para a autora:

Conhecer a história da arte é entrar em contato com um dos aspectos mais significativos da produção humana em todos os tempos. É também experimentar o encantamento e as emoções despertadas pelas obras dos grandes artistas. [...] É também fonte de referência essencial para o entendimento do processo histórico e um meio agradável de construir uma visão mais ampla do processo cultural. (PROENÇA, 2012, p. 3)

Desse modo, urge a necessidade de se discutir essas relações não só no cinema, como também na música e na moda. Segundo Costa (2004, p.18), "a arte deve ser entendida como expressão do imaginário humano e de uma forma peculiar de expressar uma determinada visão de mundo, da qual compartilham o artista e o público ao qual sua obra se destina". Seguindo essa linha de pensamento, foi realizado um recorte entre esses três tipos para a realização desse trabalho de conclusão de curso. Isso demonstra o quão o movimento teve bastante influência e não ficou apenas preso a uma arte e sim abrangendo outros segmentos artísticos.

A proposta deste TCC, assim, é produzir dois episódios de um podcast do tipo narrativo, estilo de produto roteirizado que possui elementos sonoros que prendem a atenção do ouvinte, para apresentar as influências do Mangubeat na música, no cinema e na moda. Entre esses elementos dessa estratégia narrativa de podcast, podemos citar a forma de organizar o conteúdo, apresentando ou não uma linha de tempo linear, as entrevistas, o estilo de narração, a trilha escolhida e a sonoplastia posta durante a edição. E no produto será feito um apontamento com as análises embasadas nos conceitos citados acima.

Com o aprimoramento das tecnologias e dos dispositivos digitais, conteúdos imersivos têm se aperfeiçoado e se popularizado. Alguns formatos surgem amparados pelas plataformas digitais, como é o caso da Realidade Virtual ou da Realidade Aumentada,

no entanto, em outros casos, há uma potencialização de recursos que já eram experimentados pelos meios tradicionais já que a narrativa imersiva não é uma estrutura recente. (VIANA, 2020, p.2)

Utilizar o storytelling neste trabalho tornará o podcast mais lúdico com a compreensão daquilo que será dito, já que a imersividade, recurso das mídias sonoras, faz quem está ouvindo ficar "preso" na narrativa. Murray (2003, p. 40) defende que “toda tecnologia bem-sucedida para contar histórias torna-se ‘transparente’.

Além do mais, a mídia escolhida para o trabalho, o podcast, cresceu nos últimos anos. Segundo dados da pesquisa Kantar IBOPE Media, divulgada em agosto de 2022, entre as pessoas que escutam rádio houve um aumento de 40% no consumo de podcast no último ano. Ainda de acordo com a pesquisa, 56% dos entrevistados disseram que ouvem podcast pelo menos uma vez por semana. O destaque não é só pela quantidade de ouvintes, mas também por já ser um hábito frequente na vida das pessoas. Dos assuntos mais ouvidos, estavam podcasts que trazem entrevistas e conteúdos com política e humor.

Segundo um outro levantamento, o do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), o consumo desta mídia aumentou durante a pandemia da Covid-19, iniciada em março de 2020, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), e que até a finalização deste TCC ainda não tinha acabado oficialmente pela OMS. O Cetic indica que o consumo de podcast registrou um crescimento de mais de 132% na fase mais aguda da pandemia. Em 2022, os programas de áudio são ouvidos com frequência por mais de 41 milhões de brasileiros. Em 2019, eram 17 milhões.

A série de podcast, proposta por este TCC, colabora para que a sociedade tenha acesso a um produto educativo e científico que vai permitir o compartilhamento de um movimento cultural, o Mangubeat, que marcou a cena pernambucana, influenciando diversas expressões artísticas existentes no país e no mundo. Nesta pesquisa, iremos focar no diálogo que o Mangubeat mantém, de forma ainda constante, com a música, o cinema e a moda, mesmo após mais de trinta anos do seu surgimento.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 MANGUEBEAT NA CENA CULTURAL PERNAMBUCANA

Para responder à pergunta central dessa investigação, como elaborar um podcast que possa apresentar as influências do Manguebeat na nossa cultura, recorreremos a um aporte teórico que vai embasar a elaboração de nosso produto final: a produção de dois episódios do podcast O Caranguejo, que apresenta o Movimento Manguebeat e suas influências na música, no cinema e na moda. Antes de aprofundarmos o conceito de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e podcast (CHAGA & VIANA, 2021), precisamos trazer um breve histórico sobre este movimento que marcou a cena cultural de Pernambuco no século passado.

O Brasil, no início da década de 1990, tinha passado por um processo de redemocratização que aconteceu oficialmente em 1985, com a queda do regime militar. Naquela época, Recife, assim como muitas cidades do país, agonizava com diversos problemas sociais e, de acordo com uma matéria do jornal Washington Post<sup>2</sup>, a capital pernambucana era considerada a quarta pior cidade do mundo para morar.

A cidade, que era considerada uma das cidades mais prestigiadas socialmente e culturalmente no país nas primeiras décadas do século XX, já não possuía a mesma importância de antes. Em consequência disso, diversas pessoas de classe média passaram a residir às margens do mangue da cidade. O bioma passou a abrigar os excluídos sociais e junto à lama, ao mangue, o caranguejo, tornaram-se símbolos imagéticos da pobreza do lugar durante décadas (BESSA, 2018, p.30).

Além disso, as pessoas passaram a consumir a produção natural dos manguezais para poder sobreviver, diante da miséria social em que viviam, como analisa Castro (1967):

Se a terra foi feita para o homem com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito essencialmente para o caranguejo. Tudo aí é, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos

---

<sup>2</sup> Matéria publicada na revista Continente. Disponível em: [O cinema intermediário - Revista Continente](#). Acesso em: 14 de dez. 2022.

que a maré traz, quando ainda não é caranguejo vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. Nesta aparente placidez do charco desenrola-se trágico e silencioso o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos todos atolados na lama. (CASTRO, 1967, p. 28-29).

Muitos acreditavam que o tropicalismo era o último movimento cultural de grande relevância no Brasil, mas este movimento surpreendeu a todos com seu surgimento na última década do século XX (TELES, 2010, p.15). Ainda segundo o mesmo autor, apesar do mangue ser algo bastante comum na capital pernambucana, nunca tinha existido algum movimento artístico relacionado à cultura produzida em Pernambuco. “O nome “mangue” era tão óbvio para um movimento artístico no Recife que até se estranha ninguém ter pensado nisso antes” (TELES, 2012, p. 258).

Diante desse contexto, surgiu o Movimento Manguebeat, originado das articulações de um grupo de jovens recifenses, liderado por Chico Science. Apesar do ecossistema mangue ser bastante comum na capital pernambucana, nunca tinha existido algum movimento artístico relacionado a ele na cultura do estado.

Segundo Leão (2008, p. 102), “o manguebeat pode ser explicado como um “coletivo de ideias” de jovens que consumiam e produziam música e cultura pop juntos”. Uma proposta inovadora que dialogou com o povo por suas músicas e símbolos semióticos, estabelecendo um processo de identificação das pessoas com o grupo.

No processo de legitimação do movimento, os mangueboys e as manguegirls (indivíduos interessados no movimento manguebeat) passaram a usar roupas e apetrechos que remetiam aos elementos dos manguezais, como por exemplo, o caranguejo e a lama. Além das referências à geografia do local, havia uma preocupação em resgatar a cultura popular do estado. As manifestações culturais do maracatu, do caboclinho, da ciranda e da embolada eram associados aos acordes de guitarra e à música eletrônica (SANTOS & NOGUEIRA, 2021, p. 2020).

Enquanto o Movimento Armorial, liderado pelo dramaturgo Ariano Suassuna, valorizava o erudito sob o contexto das culturas populares. O movimento Mangubeat, liderado pelo músico Chico Science, ia de contramão a esta vertente cultural. O sucesso dos *mangueboys*, provocou uma tensão no campo cultural da época por divergir com as ideias do movimento armorial:

A fama obtida pelos jovens articuladores do Mangubeat vem provocar a reação dos setores mais tradicionais da cultura pernambucana. As duas principais reações contrárias ao Mangubeat vieram do inconformismo de Ariano Suassuna com a utilização de elementos eletrônicos ou situações ao universal cultural norte-americano e do acerto de contas de Alceu Valença, que clamava o reconhecimento dos mangue boys ao seu pioneirismo nos anos 70, ao mixar rock com xote e baião (LEÃO, 2008, p. 93).

O movimento chamava atenção por ir de encontro às raízes da cultura popular, de uma forma que o tradicional se misturava com a tecnologia e tudo que é moderno, ao contrário do Movimento Armorial, idealizado por Suassuna, que valorizava o tradicional e não tinha apreço por aquilo que era novo. Além disso, ocorria uma mistura de ritmos em suas performances musicais. Como diz Fonseca (2006, p.16), “os músicos da cena mangue vinham propor novas combinações e colagens no samba, no maracatu, na música pop, no hip hop, no punk, e, de uma maneira geral, no rock propriamente dito”.

De acordo com Leão (2008), com o surgimento do Mangubeat, a periferia passou a ser incorporada nas manifestações culturais que antes era bastante elitizada por causa do Movimento Armorial, que privilegiava a alta sociedade e acabava excluindo o resto da população:

Ao contrário de outros movimentos estéticos pernambucanos, cujo destaque fora o imaginário cultural do Recife traduzido pela cultura dos eruditos; o Mangubeat incorpora o discurso da identidade nordestina trazendo à tona, no entanto, a periferia, e não a elite intelectual como fizeram as linguagens artísticas que o precederam, a exemplo, musicalmente, do Movimento Armorial. Chico Science & Nação Zumbi, principalmente, colocou no Mangubeat a força de um grande discurso textual com todo arquétipo de rebeldia e energia romântica que caracterizou os anos militantes de uma cultura jovem, nos anos 60 (LEÃO, 2008, p. 2008).

Já para Bessa (2018, p.66), “o Mangubeat foi o prenúncio de questões que hoje estão em pauta: arte e tecnologia, centro e periferia, pensar e produzir

arte coletivamente. Sua dimensão alimentou discussões apaixonadas”. Enquanto isso, Lira (2000) diz que o Movimento Mangubeat foi criado em uma época que já era desenvolvida outros sistemas artísticos, fundamentais para a consolidação de uma cena pop recifense elaborada pelos manguemoys.

Apesar de hoje em dia o movimento ser considerado umas das maiores manifestações culturais do Século XX, que impactou o cenário artístico de Pernambuco e do Brasil, na origem, como diz Calábria (2019, p.18): “de início a ideia de organizar um movimento nem sequer foi ventilada”.

O *manguemo* só foi legitimado como um movimento de contracultura com a publicação do “Manifesto Caranguejos com Cérebro” (1992), publicado no Jornal do Commercio, pelo músico Fred Zeroquatro

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de enfartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife (JORNAL DO COMMERCIO, 1992).

Os jovens músicos da periferia recifense, que formavam a banda Chico Science & Nação Zumbi, aos poucos foram atingindo novos públicos com seus shows na cidade. A coletividade, a diversidade musical e a vontade de mudar o cenário caótico, que a cidade se encontrava, foram espalhados nas primeiras festas (CALÁBRIA, 2019, p.19). Porém, não foi só o fato de ser algo novo, que fez com que o movimento se tornasse um enorme sucesso em Pernambuco, nacionalmente e, também, internacionalmente, existem diversos fatores para que ele fosse consolidado como um dos maiores movimentos culturais brasileiro do Século XX: “A maneira de se posicionar e de manifestar sua insatisfação com a situação cultural da cidade estimulou uma reflexão geral sobre o papel da cultura pós-moderna nessa cena” (FONSECA, 2006 p.14).

No entanto, além disso tudo citado acima, a imprensa local e nacional teve grande responsabilidade no impulsionamento do fenômeno cultural *Manguemo*. Ao ganhar notoriedade na imprensa, o movimento acabou se tornando um produto da cultura de massa:

A partir do momento em que a música mangue ganhou visibilidade na mídia, foi incorporada pelo sistema de produção industrial de bens culturais e transformou-se em mercadoria, agregando valor de troca, o que permitia sua reprodução infinita para atender às necessidades do mercado. (FONSECA, 2006, p.14)

O processo de globalização, expandido fortemente com a consolidação dos meios de comunicação de massa, permitiu que as pessoas consumissem cada vez mais produtos de outras culturas e não só exatamente daqueles territórios onde vivem. Segundo Ramos (2019, p.9), “a junção dos aspectos culturais de diferentes espaços geográficos constitui a formação de novas identidades e estéticas”.

Com isso, os jovens recifenses passaram a consumir produtos mais ligados a músicas, vindos principalmente dos EUA e Inglaterra, por meio de discos distribuídos por gravadoras como Sony Music e Times Warne, além de consumirem bastante música pop e rock, com a chegada da rede de televisão americana, MTV, ao país com uma programação direcionada mais especificamente para videocliques.

A emergência desse movimento coincidiu com uma cantata muito intensificada com produtos culturais dos Estados Unidos e Inglaterra. que são os países mais influentes neste campo de produção cultural. Grupos e artistas locais tiveram acesso a produtos culturais internacionais através da MTV e rádios FMs. que representam, em sua maior parte, o interesse das grandes gravadoras internacionais tais como a Sony e a Time Warner (SILVA, 2014, p. 61).

Nesse cenário da capital pernambucana, as ideias difundidas pelo manifesto “*Caranguejo Com Cérebros*” (1992), de Chico Science & Cia, se perpetuaram por outras artes. Segundo dados da Prefeitura do Recife, a cidade um ano antes, 1991, do manifesto ter sido divulgado na imprensa do Estado, o IDH era de 0,576. O documento, escrito por Fred Zero Quatro (1992), mostra um crescimento desordenado na capital pernambucana em um cenário que a cidade possuía baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). O Manifesto é dividido em três partes. Na primeira, “mangue, o conceito”, é apresentado a riqueza e diversidade natural existente no bioma.

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas

pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo. Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro. Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza (ZEROQUATRO, 1992).

Enquanto na segunda parte, “Manguetown, a cidade”, é destacado os aspectos históricos da capital pernambucana que levou ao colapso e ao caos social na segunda década do Século XX.

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade \*maurícia\* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais. Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de \*progresso\*, que elevou a cidade ao posto de \*metrópole\* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade. Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da \*metrópole\* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano. (ZEROQUATRO, 1992)

Já a última parte, intitulada de “mangue, a cena”, faz um apelo aos artistas pernambucanos para se manifestarem politicamente, por meio das artes, diante o descaso do poder público com a cidade e o estado.

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. (ZEROQUATRO, 1992)

Essa terceira parte do manifesto possui uma característica interessante por fazer um pedido de incentivo à sociedade recifense da época e, mais

especificamente, à classe artística para dar um ânimo à cidade, por meio de manifestações artísticas, para mudar o cenário cultural recifense.

## 4.2 A INTERMIDIALIDADE NAS ARTES

Para Rajewsky (2012), a intermedialidade nada mais é do que um termo genérico para definir os fenômenos que acontecem entre as mídias. Enquanto isso, Müller (1996, p.48) define: “o conceito de intertextualidade parece-me estar ligado a uma vertente de pensamento, sobretudo francês, derivado da Linguística saussureana, onde o paradigma central é a relação de significação, e os termos essenciais são o signo, o discurso, o texto.”

No cinema, na música, no rádio, na televisão, nas artes plásticas, na dança ou em outras mídias, é possível notar a presença de diversas artes combinadas em suas produções culturais. Tal fenômeno, que é chamado de intermedialidade, ocorre em manifestações culturais em todo contexto histórico da humanidade, desde períodos pré-históricos (CLÜVER, 2012, p.15). E determinadas interações entre elas, onde é possível encontrar mais de uma arte em um mesmo produto, pode estabelecer uma relação de aproximação que favorece o conteúdo difundido em todas as esferas artísticas.

Segundo André Bazin (1991, p. 98), essas adaptações são a garantia do progresso das artes. É uma forma de diálogo que contribui para o processo final de determinado produto criado por diversas manifestações artísticas, que agrega positivamente esse hibridismo aparentemente natural no campo artístico.

### 4.2.1 No Movimento Manguebeat com o cinema pernambucano

O cinema, desde que os Irmãos Lumière fizeram, pela primeira vez, uma demonstração do cinetoscópio em Paris, em 1895, já nasceu intermediário. De acordo com Manevy & Mascarello (2006), em seu início, não possuía uma identidade única, era uma mistura de outras formas culturais, como o teatro, o cartum, revista e cartões postais. Sendo assim, seu surgimento e desenvolvimento, por si só, é uma combinação de mídias. Para Bazin (1991), esta manifestação cultural sofreu influências das artes já consideradas consagradas como a literatura, a pintura, o teatro e a música.

No Brasil, o cinema chegou um ano após os Irmãos Lumière apresentá-lo para o mundo. Em 1897, foi realizada a primeira sessão de cinema no país e os primeiros filmes ainda remontam aos anos finais do século XIX. Com a chegada desta arte em território brasileiro, o processo intermediário com outras mídias, que existe desde seu surgimento na França, também estabeleceu conexões com outras mídias nos primeiros anos e nas décadas seguintes. Segundo Santos e Nogueira (2020, p.1), o pesquisador Samuel Paiva, em entrevista ao Centro de Crítica da Mídia, disse que, durante o período do Cinema Silencioso, da década de 1920, no Brasil, eram comuns encenações de prólogos teatrais, com apresentações de músicas e danças antes da exibição dos filmes estrangeiros.

Além disso, nas décadas seguintes, o rádio se consolidou, cada vez mais, como um dos principais meios de comunicação de massa da primeira metade do Século XX e, também, influenciou bastante nas produções cinematográficas da época. De acordo com Sheila Schvarzman (2006, p.2).

Na Chanchada, mesclados à comicidade do teatro de revista, estava também o rádio, ainda o meio de comunicação hegemônico nos anos 1950 quando a televisão é uma diversão restrita pelo alto custo dos aparelhos que então começavam a ser importados ou posteriormente fabricados no Brasil. O rádio é, portanto, um fator indispensável e inspirador do cinema brasileiro a partir do sonoro, até o momento em que a televisão começa a suplantá-la, no início dos anos 1960 (SCHVARZMAN, 2006, p.2).

Pernambuco é um estado brasileiro reconhecido nacionalmente e internacionalmente com diversos prêmios por sua produção audiovisual. Mas não é recente esta dinâmica. Desde a época do cinema silencioso, as pessoas, na capital pernambucana, Recife, já se exercitavam de forma amadora. Embora a maioria dos filmes fossem publicitários, já que era necessário que os diretores prestassem serviços para o governo, para poder se sustentar e, em consequência disso, poderiam ter verba para tentar produzir seus curtas-metragens independentes (NOGUEIRA, 2014. p. 64).

Nas décadas seguintes, a produção cinematográfica em Pernambuco continuou resistindo a diversas gerações. No final dos anos 1980, um grupo de jovens universitários, principalmente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que ficaram conhecidos como Van-retrô, reuniram-se para produzir cinema no estado. Entre eles estavam Marcelo Gomes, Hilton Lacerda, Adelina

Pontual, Samuel Paiva, Cláudio Assis, Paulo Caldas, Lírio Ferreira e entre outros. A maioria acabou se consolidando como os principais nomes do cinema contemporâneo pernambucano.

A partir do apoio de financiamento a políticas culturais na década de 1990, a produção audiovisual em Pernambuco ganhou fôlego, principalmente com a euforia que o Movimento Manguebeat provocou no campo das artes no estado nessa década.

O diálogo do cinema com a música popular, incluindo suas obras e artistas, produz desdobramentos estilísticos recorrentes de articulação entre música e imagem. O cinema combina as tradições culturais, locais e globais, resultando em uma combinação estética original (SANTOS & NOGUEIRA, 2020, p.5).

Sob a ótica da retomada do cinema brasileiro na década de 1990, a pesquisadora Lúcia Nagib vem retomando a ideia de "políticas de impureza" no âmbito da intermedialidade no cinema. Segundo ela é necessário:

investigar as políticas de hibridização colocando o fenômeno intermediário não como um projeto acabado ou um fim em si mesmo, mas como um problema, quer dizer, o lugar de uma crise, a falta de uma mídia que requisita outra, procedimentos metafóricos na perspectiva de preencher uma lacuna que está no próprio núcleo da criação artística (NAGIB, 2014, p. 21).

Esse fenômeno no campo das artes fortalece as mídias nos sentidos estéticos e, também, promove um diálogo positivo que serve como um complemento de interação que soma na experiência de determinada arte. Percebe-se que a intermedialidade, de acordo com Santos & Nogueira (2020, p4):

Nas duas últimas décadas, a intermedialidade emergiu como um dos conceitos mais desafiadores nos estudos de mídia. Em pouco tempo tornou-se um termo altamente controverso, a depender dos pressupostos sobre a natureza da própria mediação e das definições e categorias de intermediação, como afirma a pesquisadora romena, Agnes Pethö, na introdução do livro *Cinema and intermediality: the passion for the in-between* (2011) (SANTOS & NOGUEIRA, 2020,p.4).

No Movimento Manguebeat é bastante presente por ele se deleitar de referências de diversos ritmos musicais e manifestações culturais, seja ela brasileira ou estrangeira, como no exemplo a seguir sobre o *punk*:

Ao contrário dos artistas canônicos que nivelam, por exemplo, um movimento pela rigidez dos seus conceitos e seguimentos, o Manguebeat vai buscar na despreensão e anarquia do punk<sup>13</sup> o seu descompromisso com valores oficiais; e, por outro lado, mostra o flerte

com a arte pela simples vontade de expressar ideias e conceitos (LEÃO, 2008, p. 103).

Diante desse contexto, o *Manguebeat* buscou reinventar a cena cultural e, também, valorizar a cultura regionalista como fazia o Movimento Armorial. A influência da cena mangue foi tão poderosa que provocou um embate no contexto social político do cenário musical (LEÃO, 2008). Apesar de muita gente achar que o movimento foi apenas um movimento musical, o Manguebeat também acabou influenciando outros segmentos culturais.

Obviamente com a aproximação dos *mangueboys*, alinhada ao “cinema de retomada brasileiro”, essa manifestação cultural chegou à produção cinematográfica do estado: “a ideia de comparativa cultural plantada pelo *manguebeat* também funcionava no cinema. Com a retomada da produção, percebeu-se o desejo entre outros novos cineastas de empreender uma política de colaboração e de fortalecimento das condições de realização” (FONSECA, 2006, p.29). Já para Nogueira (2009)

Com o surgimento do Manguebeat, transformações foram provocadas em todo um contexto de renovação da produção cultural no Estado. Os cineastas pernambucanos vão participar dessa experiência musical, entrando em contato com seus códigos culturais, valores sociais, e sentimentos compartilhados que fornecem elementos para a construção das identidades sociais e laços afetivos entre os profissionais dos dois campos artísticos (NOGUEIRA, 2009, p. 59).

Promovendo, assim, uma permuta entre eles, que corroborou para a promoção das mídias envolvidas, tanto da música como do cinema. Para Nogueira (2009):

Cineastas e músicos conviviam nos mesmos ambientes, frequentavam e realizavam as mesmas festas, partilhavam das mesmas experiências. Compartilhavam códigos culturais, valores sociais e afeições. A música do *manguebeat* era tão importante, quantos as imagens que vinham das “parabólicas”. Havia uma necessidade de legitimação da cena pela imagem dos videoclipes. O próprio movimento *manguebeat* não se restringia a música. Havia uma preocupação visual bastante forte, que se estendia dos figurinos que os músicos apresentavam nos shows até a construção dos próprios símbolos do movimento como a “parabólica fincada na lama” ou o caranguejo (NOGUEIRA, 2009, p.40).

Esta parceria entre o cinema pernambucano e o Manguebeat, se perpetuou para além dos filmes produzidos na década de 1990. Até hoje

cinastas como Cláudio Assis, Hilton Lacerda e Marcelo Gomes apresentam em seus filmes códigos deste determinado movimento de contracultura.

Sendo assim, um novo processo de intermedialidade no cinema surge: o Árido Movie. Termo criado pelo jornalista Amin Stepple, que corresponde a filmes que possuem influência do Movimento Mangubeat. Dentre os realizadores dessa época, que eram próximos do *mangueboys*, temos como exemplo Hilton Lacerda e Marcelo Gomes. A mistura com o tradicional e o moderno e a valorização da cultura popular, que esse movimento, idealizado por Chico Science, defendia, tornaram-se cada vez mais presentes na filmografia a partir desta década.

Podemos observar, nos filmes, várias características desse momento de renovação cultural do Estado, catalisado pela cena *mangubeat*: fragmentação de códigos culturais; multiplicidade de estilos, oposição entre tradição e modernidade (o local e o global) - o local sempre se constrói frente ao discurso global (presença dos personagens estrangeiros, da tecnologia frente ao atraso sociocultural da região) -; o típico humor local evidenciado pela utilização dos disfemismos (“um pouco de diversão levada a sério); a colocação em evidências de lendas e histórias da região (humor lúdico); o uso de locações reais e personagens e figuração da região (MANSUR, 2019, p.40).

Embasada nos símbolos semióticos do *mangubeat*, misturada com as paisagens geográficas da capital pernambucana, com a realidade dos habitantes que residem nesse cenário, construiu-se uma filmografia com estética mangu. “Um cinema narrativo foi sendo construído a partir das trajetórias dos diretores ligados ao movimento *mangubeat*, como também da visualidade que ecoava dos primeiros acordes de guitarra e tambores do maracatu” (SANTOS & NOGUEIRA, 2020, p.5).

Nessa perspectiva, o objetivo do segundo episódio do podcast que é fruto desta presente pesquisa é discutir a relação entre o cinema pernambucano e o movimento musical de contracultura mangubeat, a partir do conceito de intermedialidade de diversos teóricos do cinema, tendo como fio condutor do roteiro os filmes da vertente cinematográfica do cinema pernambucano: árido movie. Segundo Paiva (2016):

uma forte conexão entre o Árido Movie, ou Cinema do Mangu, e a música do Mangubeat, um cruzamento que, sem dúvida, é um ponto de inflexão fundamental, no sentido de um estudo de caso que possa dizer respeito a um método historiográfico voltado ao

cinema brasileiro na perspectiva da intermedialidade (PAIVA, 2016, p.69).

Tem como marco o início dessa vertente cinematográfica, o filme “Baile Perfumado” (1997) dos diretores Lírío Ferreira e Paulo Caldas. No enredo do filme figuras conhecidas da cultura popular do Nordeste como Padre Cícero, e o cangaceiro Lampião, aparecem em uma linguagem moderna que mistura o tradicional com a modernidade. Em uma nova reinvenção do cinema pernambucano, que foi redesenhada pela força do mangue e da necessidade de criação pela falta de incentivos do poder público nos primeiros anos dos anos 1990, causada pelo governo do presidente Fernando Collor. Para Paiva (2020, p. 87), “Baile perfumado se tornou um divisor de águas”.

Segundo Nogueira (2009, p.58), após o lançamento do filme o Baile Perfumado no Festival de Brasília em 1996, começou a circular na mídia a ‘invenção’ de um novo cinema, de um novo cinema brasileiro. Tendo como exemplos filmes pernambucanos que fazem parte do cinema Árido Movie: “Amarelo Manga” (2002), “Baixio das Bestas”, “A Febre do Rato (2011), de Cláudio Assis), “Árido Movie” (2006), de Lírío de Ferreira, “Cinema Aspirinas e Urubus” (2005), de Marcelo Gomes; “Tatuagem” (2013), de Hilton Lacerda, “O som ao Redor”, de Kleber Mendonça Filho” (2012), e entre outros. Esses filmes carregam em suas narrativas a batida do mangue na mistura entre o regional e o moderno, mostrando um Nordeste que não é só pobreza, seca e miséria, mas sim uma região rica em diversidade geográfica, cultural e tecnológica.

#### **4.2.2 Na moda do Mangubeat**

Sabe-se que já na “Idade da Pedra” era comum os homens primitivos utilizavam peles de animais para se cobrir ou adereços oriundos da natureza. De acordo com o filósofo francês Lipovetsky (1989), a moda “é formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade” (LIPOVETSKY, 1989, p.23). Desde o início das civilizações, percebe-se, então, que o ato de se cobrir, em diferentes sociedades, sempre foi algo que serviu como um marcador social de extrema relevância para o povo.

Desse modo, a forma de se vestir sempre foi utilizada como instrumento de poder que distingue as classes sociais, que impactam o comportamento da sociedade. Para Hall (2013), as escolhas das roupas podem determinar

significados ou mensagens sobre quem a veste e sobre o contexto histórico em que a pessoa está inserida. Segundo Lipovetsky (1989), a existência da moda ocorre em virtude dos desejos dos indivíduos quererem se assemelharem às pessoas consideradas superiores, além de, também, fazer parte do processo identitário e cultural de um povo. Como diz Aline Moreira Monçores (2006):

O indivíduo só se considera incorporado a um grupo ou cultura quando assume a uniformidade dos gestos, de fórmulas e de traços vestimentários que permitem a assimilação de sua natureza, seja contestando ou afirmando os valores estabelecidos (MONÇORES, 2006, p.84).

No Brasil, à medida que os europeus invadiram nossos territórios, eles trouxeram para o país inúmeros elementos da cultura europeia, inclusive a moda. No entanto, essa forma de “organização social” como diria Walter Benjamin (2006), só passou a ser mais difundida como uma moda originalmente brasileira com a expansão dos meios de comunicação de massa no país, a partir do Século XX.

O discurso da “moda brasileira” tornou-se mais divulgado a partir dos anos 1950 (coincidindo, obviamente, com a ampliação da ação dos meios de comunicação de massa e, de modo especial, a televisão) devido à pretensão de apresentar ao mundo a nossa capacidade criativa com base na cultura local. A visualidade que a ele se associou acabou por afirmar algumas especificidades que possibilitam sua distinção imediata de “outras modas” (como as europeias ou orientais, por exemplo), mas que, na verdade, está vinculada a discursos não relativos à moda (ou eminentemente estéticos), mas que se define pelo lugar ocupado pelo país. A visualidade gerada e tomada como “moda brasileira” parece ser compartilhada tanto por brasileiros quanto por estrangeiros (NEIRA, 2006, p.8).

A preocupação com as vestimentas, como forma de representar algo para sociedade, não é algo exclusivo que serve como separação de classes sociais, mas também como instrumento cultural. Na sociedade do espetáculo de Debord (1997), a moda é usada como instrumento de relevância fundamental, que impõe poder nas narrativas de representação que a mídia massiva estabelece, por meio de narrativas simbólicas exercidas pelos envolvidos na construção da criação artística.

Outra questão que de bastante relevância para a consolidação do espaço do manguebeat como movimento de contracultura foi a moda. Não era só compor músicas e gravá-las. Também havia uma preocupação estética da

vestimenta, que fazia parte do processo semiótico de legitimação daquilo que os criadores da cena mangue defendiam.

Assim como também no movimento de contracultura brasileiro, tropicalismo, a moda foi um fator de interesse dos jovens envolvidos na cena musical do Brasil nos 1960, também ocorreu uma preocupação com a estética na cena mangue. Segundo Pereira (2016), os jovens mais sensíveis a questões sociais estão mais dispostos a mudanças de comportamento, aparência e questões visuais, para fortalecer o desenvolvimento do identitarismo de uma tribo.

De acordo com Aline Moreira Monçores (2006), à medida que Chico Science e amigos começaram a fazer shows, a moda se tornou uma preocupação entre eles.

A aparência torna-se uma preocupação maior na medida em que os envolvidos se tornam conhecidos entre os simpatizantes da Cena, e a indumentária deixa de ser apenas o figurino para a composição do personagem “músico” e passa a ser também veículo através do qual o discurso da Cena é reafirmado (MONÇORES, 2006, p.84).

A estética da moda no manguebeat tem relevância no movimento por ter contribuído para consolidar estrategicamente a cena mangue como uma marca que alcançou um determinado sucesso entre o público em que ele dialogava, que eram ou são pessoas que consomem um tipo de arte que possuem um olhar com mais senso crítico político.

#### 4.3 O MANGUEBEAT E SEU LEGADO PARA A MÚSICA E SOCIEDADE

O Manifesto Caranguejo com Cérebro, de Fred Zero Quatro, no Jornal do Comercio em julho de 1992, expressou a essência do Movimento Manguebeat. “A nova produção gerou identificação com um público consumidor de cultura de diversas classes sociais. A atitude acabou por influenciar a cultura em várias outras áreas além da música” (FONSECA, 2006, p.11). Durante as três décadas de movimento, 1990, 2000 e 2010, a imprensa brasileira, principalmente a de Pernambuco, teve um papel importante na manutenção da memória dessa manifestação cultural, por meio de textos jornalísticos sobre a cena mangue com publicações impressas ou na internet, desde antes da publicação do documento.

Segundo Oliveira (2019, p.5), no ano de 1991 aparece o texto “O Jornal do Comércio publica a primeira matéria com Chico (feita pelo jornalista Marcelo Pereira) que veio divulgar a Black Planet” (A HERANÇA do malungo, in: JORNAL do Comércio, 2007, p. 2). Também se tornou frequente aparições em jornais, durante o auge do movimento manguebeat e após a morte de seu principal idealizador. O que contribui para que diversos artistas, trinta anos depois, continuem sendo influenciados pelas ideias mangue. Ainda de acordo com Oliveira (2019, p.1), “a partir de 1997, ano da morte de Chico Science, a imprensa pernambucana, de modo cíclico, revisita a figura do cantor e os símbolos do Manguebeat especialmente nas datas comemorativas referente a figura do artista e da cena.”

Desse modo, continuam a dar notoriedade naquilo que o Manguebeat se propõe, lançar um olhar crítico aos assuntos relacionados às problemáticas sociopolíticas do Recife por meio das artes. Foi o que Chico Science deixou como uma das principais características dessa manifestação artística. Neste podcast, elaborado como produto deste TCC, estamos trazendo a atualidade desse debate.

O criador do movimento morreu fisicamente, mas suas ideias se mantiveram vivas durante os anos vigentes após sua morte. Durante décadas foram produzidas dezenas de filmes no cinema pernambucano que possuem a estética mangue em suas concepções cinematográficas, que são chamados de Árido Movie, termo designado pelo jornalista Amin Stepple, que se refere a filmes que dialogam com o manguebeat. Temos como um dos exemplos a trilogia de filmes do diretor caruaruense Cláudio Assis, que dirigiu os filmes Amarelo Manga (2000), Baixo Das Bestas (2005) e Febre do Rato (2011).

Outro fator que também contribuiu para a manutenção da preservação e memória do movimento foi a venda de produtos relacionados ao manguebeat.

Da época do Movimento, citamos o Coletivo Makossa, e deste coletivo fazem parte as roupas da marca Período Fértil, bolsas da FAG e sandálias Fernando Viana. Além deles, existem novas marcas que podemos aqui classificar como Pós Mangue, a Trocando Miúdos, Calma Monga e as sandálias da Vitalina. As sandálias do Jailson Marcos, o Cannibal, e Eduardo Ferreira, que também fizeram parte da cena Mangue, lançando sua marca de camisetas, assim como fez o mestre Salu. Esse fenômeno se constituiu um espaço de economia criativa, que atualmente atua, de forma mais institucionalizada (com produtos autorais), tanto no

espaço chamado “Bora”, no Paço Alfândega quanto no Coletivo Makossa, no Shopping Plaza e Shopping Tacaruna (MOURA, 2017, p.73).

Mariama da Mata Leite Moura (2017) ainda destaca a criação de festivais musicais que nasceram na época do movimento, como o Abril Pro Rock (1993), Festival Rec Beat (1995) e, também, o mais recente Festival Coquetel Molotov (2002). Além disso, de acordo com o repositório da Universidade Federal de Pernambuco, dos anos 2000 a 2022, foram realizadas 175 pesquisas acadêmicas sobre este determinado movimento com monografias, dissertações, teses e livros que contribuem para o entendimento desse fenômeno cultural e de seu impacto cultural na sociedade.

Nas mais de 100 matérias publicadas em sites de cunhos jornalísticos em 2022, a grande maioria celebra os trinta anos de movimento e seu legado para a cultura brasileira. Por exemplo: no dia 02 de maio, a revista Carta Capital publicou em seu site uma entrevista com Fred Zero Quatro no qual ele relembra o início do movimento e a publicação do manifesto caranguejo com cérebro, além de apontar semelhanças entre a crise social vivida na cidade do Recife em 1992 e a situação nos últimos seis anos. Ele comentou ainda sobre o mercado fonográfico ter mudado. Segundo o artista, a música “se diluiu” fazendo com que cada vez mais a internet influencie o consumo musical por meio dos algoritmos, “hoje quem manda é o algoritmo. Houve uma fragmentação enorme na indústria da música”.

Em meio às homenagens pelos trinta anos de aniversário do manguebeat em 2022, a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenearte) teve como tema principal este movimento citado, desde a cenografia até a programação. No Agreste de Pernambuco também houve homenagens durante o 30º Festival de Inverno de Garanhuns com palestras, rodas de conversas e shows de artistas, alguns deles, inclusive, participaram assiduamente de todas as fases da cena mangue, como foi o caso de Jorge Du Peixe, um dos principais nomes do manguebeat.

Nesse cenário de celebrações, o nome de Chico Science, criador do movimento, batizou duas novas espécies de animais, o que ocorreu em 2020 e 2022. A primeira é uma nova espécie de camarão de nome científico “Chicosciencea pernambucensis”, caracterizada por possuir um corpo pequeno

e comprimido. A descoberta foi feita por pesquisadores do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2022, o batismo foi feito para uma espécie nova de verme marinho de nome científico “Caulleryaspis chicosciencei”, encontrada por dois pesquisadores do Departamento de Oceanografia do Centro de Tecnologia e Geociências (CTG) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) documentaram a descoberta de um verme marinho, cujo gênero é inédito no país, em um ambiente lamoso da costa sul pernambucana.

Foi em 1995 que, pela primeira vez, entrou no ar o programa Mangubeat - Música e informação (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1996, p.A-2). Foi ainda no mesmo ano que eles criaram um site com o objetivo divulgar informações sobre o movimento Mangubeat, segundo Silva (2008). Nesse período, a internet banda larga no Brasil começava a dar os primeiros passos e unindo a experiência do rádio com a tecnologia, eles criaram de acordo com pesquisadores e matérias em jornais, o primeiro programa de áudio produzido com a intenção de ser veiculado exclusivamente para a internet o: Manguetronic Internet Radio.

Lins e Arcoverde Júnior uniram a experiência do site e da rádio Caétes FM no desenvolvimento de um conteúdo em áudio exclusivamente para a internet. O Manguetronic Internet Radio foi veiculado pela primeira vez em abril de 1996, no site do movimento Mangubeat (JORNAL DO BRASIL, 1996, p.3). Ao divulgar a excursão da banda Mundo Livre S/A ao México, a Folha de São Paulo (SÁ, 17 dez. 1996) noticiou: “Os versos do vocalista e militante da contra-informação Fred 04 chegaram ao México via ‘Manguetronic’, programa de rádio produzido por Renato L. e Doctor Mabuse e transmitido pela internet”. Cabe observar que a imprensa passou a destacar o pioneirismo do programa. Em reportagem, a Folha de São Paulo (17 fev. 1997) ressaltou: “Manguetronic, primeiro programa de rádio na América Latina concebido especialmente para a Internet, é a voz do mangubeat na rede de computadores” (ROSSETO, 2022, p.2).

Ainda de acordo com Andrei dos Santos Rosseto (2022), o ouvinte tinha a liberdade para ouvir o programa quando quisesse e poderia escolher a ordem dos episódios que queria ouvir primeiro. Ressaltando que essa questão é claramente uma linguagem de podcast, o que contribui para a ideia de que o

Manguetric Internet Radio é o pioneiro quando se trata de podcast na América Latina. Outra característica observada por Rossetto (2022):

observou-se que o programa em questão foi criado para ser distribuído e consumido exclusivamente em ambiente digital, pensando em ouvintes interessados em conteúdo de nicho, o que possibilitava prosperar em audiências globais, como constatou José Carlos Arcoverde Júnior (2022): “a gente era mais ouvido em Portugal do que aqui”. (ROSSETTO, 2022, p. 11)

Desse modo, o movimento manguebeat pode ter sido o pioneiro em podcast na América Latina, demonstrando, mais uma vez, a capacidade de dialogar com as outras mídias para fortalecer as ideias estabelecidas pelo “manifesto caranguejo com cérebro”, utilizando uma linguagem do rádio, que é um meio de comunicação de massa tradicional se aperfeiçoando, no âmbito expandido na internet, o que contribui para a riqueza cultural do manguebeat, unindo o tradicional com a modernidade.

#### 4.4 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE AS MÍDIAS SONORAS

O rádio é um meio de comunicação que permite que seu conteúdo chegue nos lugares mais remotos do planeta terra, por meio de suas ondas sonoras. De acordo com Ferraretto (2007, p.23), a definição do que é rádio é: “meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir à distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas”.

Até a metade do século XX, ele era o principal meio de comunicação massivo. De acordo com Calabre (2009, p. 4), o rádio revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos, além de ser uma mídia potente que está sempre se reinventando ao longo das transformações sociais e tecnológicas.

A Europa, desde a Revolução Industrial, no Século XVIII, iniciada na Inglaterra, influenciou a criação de novos mecanismos tecnológicos. A criação do rádio no mundo, se deu a partir dos processos políticos, capitalistas e de um momento de grande fluxo migratório. A comunicação à distância tornou-se uma necessidade, ocasionando o funcionamento das dinâmicas sociais, por meio das ondas sonoras e frequências (BARBOSA, 2003). O aparecimento de novas ferramentas de tecnologia, permitiu ao italiano Guglielmo Marconi criar o rádio.

No entanto, esse meio de comunicação aos poucos foi se aperfeiçoando e ganhando aderência da massa. Se na Europa, os jornais impressos eram considerados o principal meio de comunicação nas primeiras décadas do século XX, nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, o rádio ganhou cada vez mais público (BARBOSA, 2003, p.38).

No Brasil, durante muitas décadas, houve uma problematização de onde teria ocorrido a primeira transmissão dessa mídia no país, se foi na festa de Centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, ou em Recife, na Rádio Clube, em 1919. Mas, em 2019, um grupo de pesquisadores que estuda a história do rádio no Brasil divulgaram, no XII Encontro Nacional da História da Mídia, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma carta manifesto colocando um ponto final na polêmica:

Os pesquisadores do Rádio brasileiro, reunidos no XII Encontro Nacional da História da Mídia, em Natal/RN, referendam o dia 6 de abril de 1919 como a data inicial da radiodifusão no País. Avalizam essa decisão os dados apresentados há mais de três décadas pelo pesquisador Luiz Maranhão Filho (UFPE) e validados, mais recentemente, pelo pesquisador Pedro Serico Vaz (Anhembí Morumbi), sobre o pioneirismo da então Rádio Club de Pernambuco na transmissão sonora à distância – de um ponto de transmissão para vários pontos. Os registros históricos que atestam as pesquisas estão disponíveis em jornais como a Imprensa Oficial e o Diário de Pernambuco, além de outras fontes fidedignas (CARTA DE NATAL, 2019).

À medida que o tempo foi passando, diversas emissoras de rádio foram surgindo no país e, aos poucos, a mídia radiofônica foi alcançando novos lugares e novas audiências. Mas, de acordo com Lia Calabre (2009), o processo do amadorismo para o comercial passou por diversos obstáculos, como a falta de aparelhos receptores que eram importados e caros, impedindo a expansão mais rápida de novos veículos de rádio no Brasil.

No entanto, o rádio foi se consolidando como um meio de comunicação de extrema importância para a sociedade. As emissoras foram se especializando em determinados segmentos sonoros. Na década de 1940, iniciou-se a briga por audiência entre os veículos de rádio (PRATA, 2008). Diversos formatos de gênero radiofônicos foram apresentados para o grande público nos programas que, na época, era envolvido apenas pelo som transmitido pelo rádio, com a voz de um locutor.

Um formato que fez bastante sucesso nessa mídia, foram as radionovelas, que, também, é um produto bastante intermediário, já que possui um processo de combinação entre literatura, rádio e teatro em suas produções. Com o impacto causado pela chegada da televisão no país, na década de 1950: “o advento da televisão marca o fim da época de ouro do rádio. Para enfrentar a nova e potente concorrência, o rádio teve que buscar outros caminhos e definir uma linguagem específica” (PRATA, 2008).

Com a chegada da televisão no Brasil, na década de 50 do Século XX, diversos questionamentos foram feitos sobre o futuro do rádio. De acordo com Nair Prata (2008, p. 6): “O primeiro grande debate aconteceu na década de 50. Com o surgimento da televisão, acreditava-se que o rádio iria acabar, já que o novo veículo que nascia, além do som, tinha também imagem”. Mas o rádio resistiu e foi se reinventando para conquistar novos públicos, uma dessas estratégias foi se segmentar com emissoras voltadas para determinados públicos, como os evangélicos.

Com o advento da internet, o mundo foi impactado pelo mundo digital e novas transformações foram acontecendo naturalmente à medida que o acesso aos aparelhos digitais foram se tornando mais acessíveis. A rede de internet banda larga foi se tornando um utensílio popular com as pessoas se conectarem com mais frequência via ferramentas dos aparatos tecnológicos.

Assim como a televisão, o cinema, a música e diversas outras mídias foram afetadas pela chegada do advento da internet, o armazenamento de arquivos em áudios se tornou comum em blogs e websites na rede mundial de computadores. Para Nair Prata (2008):

Com o advento da web, empresas em geral começaram a colocar suas páginas na internet para uma interface com o consumidor. O rádio viveu o mesmo processo e muitas emissoras passaram a ter um site na rede, com informações sobre a empresa e os locutores, letras de músicas, tabela de anúncios publicitários, etc. Aos poucos, as rádios também passaram a ofertar a transmissão on-line, isto é, um único produto midiático podendo ser acessado simultaneamente no aparelho de rádio e no computador (PRATA, 2008, p. 60).

O que antes era transmitido apenas via ondas hertzianas, com a democratização do acesso à internet, passou a ocupar um novo espaço que permitiu fortalecer ainda mais a sua potencialidade como veículo de

comunicação de massa. Sendo assim, o rádio entrou em um processo evolutivo que, aos poucos, foi se consolidando como um meio de comunicação que se reinventa. De acordo com Kischinhevsky (2014, p.148), essa mídia “não se limita mais às ondas hertzianas, que acabaram se integrando a um complexo meio expandido, que não se limita às ondas hertzianas”.

Foi nesse cenário que surgiu o rádio expandido, conceito trabalhado por Kischinhevsky (2016), para estudar o fenômeno do rádio extrapolando os limites das emissões tradicionais *hertzianas* para as mídias ancoradas na internet. Assim, o conteúdo radiofônico pode ser consumido também por meio das plataformas de áudio virtuais e digitais. O rádio expandido tem cinco características: a arquitetura de interação, a multimídia, a hipertextualidade, a personalização e a memória. Na arquitetura de interação, elementos permitem a interação dos ouvintes com a rádio, como caixa de mensagem, botão de curtir e compartilhar. Na multimídia, há inserção de elementos além dos sonoros, como vídeos, imagens, ilustrações, textos e ícones. Na hipertextualidade, é possível navegar para outras páginas e ambientes digitais por meio de links em textos ou de podcasts. Já a personalização é a possibilidade de criação de uma grade por usuários sejam pessoais, institucionais das estações ou membros da emissora em páginas na internet. Na memória, o armazenamento, a recuperação de áudios e a estratégia de escutas são usados como estratégias comerciais.

Com essa nova ferramenta de transmissão, o rádio expandido alterou também a forma como os ouvintes escutam as rádios. O armazenamento dos conteúdos da programação na rede mundial de computadores, a internet, possibilitou a temporalidade em que os ouvintes ouvem. Agora, para poder ouvir determinados conteúdos da programação de uma emissora de rádio não é necessário escutar na hora da transmissão ao vivo. O que antes não era possível, visto que os programas estavam fixos dentro de uma grade de programação que obedecia aos horários das rádios hertzianas.

Por meio da hospedagem em plataformas de áudio e em transmissões de vídeo nas redes sociais, com o rádio expandido, ocorre uma liberdade de escolha temporal no processo de escuta do produto sonoro, que o ouvinte deseja ouvir. “A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias

digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação” (KISCHINHEVSKY, 2016, p.279).

É com essa possibilidade que esse meio de comunicação massivo tem a possibilidade de não ser mais apenas som, há uma mudança na linguagem. O rádio sofre alterações em sua essência original, que é o áudio, e passa a ter, também, uma preocupação com a estética da imagem na sua programação. Como diz Bezerra e Chagas (2019, p.6), “ser multimídia e multiplataforma passa ser quase que uma exigência para o rádio que precisa pensar nas informações visuais sob uma nova perspectiva”. Bezerra e Chagas detalha o cenário deste rádio hipermediático (2019, p.6):

Nesse rádio hipermediático, o jornalista precisa falar diversas linguagens em diferentes suportes e ainda assim manter o áudio como principal foco, é utilizar da multimídia em um caráter complementar aquele já existente. Afinal, o ouvinte continua sendo ouvinte e quando sente a necessidade de novas informações ou complementações de algo noticiado ele tem a possibilidade de utilizar das novas ferramentas. (BEZERRA & CHAGAS, 2019, p.6)

Conforme o rádio se modifica, dialogando com novas ferramentas tecnológicas comunicacionais que vão surgindo frequentemente, também há uma modificação na forma de interação entre a audiência e a emissora. A maneira que os ouvintes interagem com os apresentadores passam a ser, na maioria das vezes, instantaneamente. O que ocorre no momento em que o programa acontece, através de comentários nas redes sociais e aplicativos de mensagens. Segundo Lopez & Marita (2019, p.227):

protagonismo da audiência em espaços digitais e na antena do rádio expandido permite ampliar o engajamento e a identificação da audiência com o conteúdo, já que passa a compartilhar o conteúdo construído e sente-se parte da emissora (LOPEZ & MARITA, 2019, p,227).

Essa maneira de transmitir conteúdo por meio de mídia sonora passa a ser conhecida pelo nome de podcasting.

Essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de podcasting (junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações). O nome fora sugerido em fevereiro de 2004 por Ben Hammersley, no jornal The Guardian. (LOPES, 2015, p.15)

Segundo Kischinhevsky (2016), o podcast surgiu em 2004. Para Carvalho (2011), podcast é uma ferramenta de distribuição de áudio via internet, que pode ser também vídeos, texto e imagens. Enquanto muita gente acha que podcast é rádio, Medeiros (2006, p.6) afirmou na primeira década do século XXI: “o podcasting, ao contrário do que muitos pensam, não é uma transmissão de rádio (...) e, muito menos, um podcast não é um programa de rádio, no máximo, uma metáfora de um programa de rádio”.

Essa nova forma de disseminação de conteúdo em áudio também impulsionou mudanças na forma de produção. Pessoas que não possuíam nenhuma ligação com o rádio em si passassem a produzir independentemente, criando seus próprios “programas de rádio”, o que permitiu o surgimento de um novo espaço de comunicação de massa no mundo e, também, no Brasil. Mas, nos anos iniciais de seu surgimento, segundo Chagas e Luana (2021), as produções eram muito amadoras:

Percebemos que os primeiros anos do podcasting no Brasil se caracterizam ou por serem produções amadoras de pessoas que investiam em interesses próprios como diversão para seus programas - professores, interessados em tecnologia - ou por serem considerados repositórios de emissoras radiofônicas, que disponibilizavam parte da programação sem que houvesse nenhuma adaptação ou complemento do material que foi primeiramente veiculado no dia (CHAGAS E VIANA, 2021, p. 4).

Aos poucos, essa linguagem radiofônica foi se desenvolvendo e ganhando mais espaço, com novos produtores e assuntos dos mais variados temas em suas produções de podcasts. Em 2012, iniciou-se a segunda era de ouro dos podcastings (BONINI, 2015), menos amadora do que a primeira era. Os Estados Unidos foram considerados os precursores dessa nova fase.

No entanto, o cenário se altera em 2014, principalmente devido ao lançamento da série norte-americana Serial. É a partir desse podcast - e do incontestável sucesso que fez, que as pesquisas acadêmicas ganham impulso e é a partir dele também que novas produções sonoras nascem na podosfera (CHAGAS E VIANA, 2021, p.5).

No Brasil, essa onda de produções sonoras acabou influenciando a podosfera. O lançamento da série de podcast “Projeto Humanos”, do curitibano Ivan Mizanzuk, é considerado o marco inicial da segunda era de podcasts no país (VIANA, 2022). Essa nova mídia ganha cada vez mais popularidade no país.

Nos últimos anos, vários podcasts em estilo narrativo imersivo se destacaram na podosfera brasileira, como é o caso do podcast “Praia dos Ossos” da produtora carioca Radionovelo. Em 2020, cada episódio da série obteve mais de 1,2 milhão de downloads. O programa revisita o assassinato da atriz Ângela Diniz por seu então namorado, Doca Street, nos anos 1970. Em 2022, outro podcast em estilo narrativo teve repercussão semelhante, o da “Mulher da Casa Abandonada”, produzido pelo jornalista paulistano Chico Felitti em parceria com A Folha de São Paulo. O podcast apresentou a vida de uma mulher misteriosa que mora em uma casa abandonada no bairro Higienópolis, que fica em região nobre do Estado de São Paulo.

Apesar do podcast possuir raízes na linguagem radiofônica, observa-se que as emissoras de rádio, principalmente as comerciais, não exploram, de fato, as possibilidades de expandir seus conteúdos por meio de podcasts. Essa nova mídia permitiu que gêneros bastante populares na era de ouro do rádio voltassem, como é o caso da radionovela e do documentário.

A linguagem do podcast abre espaço para experimentação de diferentes formatos e gêneros de programas sonoros como, por exemplo, a produção de relatos da vida cotidiana e comentários sobre fatos sociais ou a dramatização. (MURTA, 2016, p. 10).

O que antes era “esquecido”, agora, com o rádio expandido e com o crescimento do consumo dessa mídia citada, os conteúdos dos podcasts demonstram que, de fato, há independência na produção que não fica mais atrelada às tradicionais emissoras de rádio. O podcast, no entanto, tem uma linguagem que dialoga com as características dos gêneros do rádio hertziano.

Segundo Barbosa Filho (2003), o rádio tem como sustentação jornalismo impresso. Ainda segundo o mesmo autor, o gênero jornalístico “é o instrumento que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação e do acompanhamento da análise dos fatos (BARBOSA FILHO, 2003, p.89). No rádio, os gêneros jornalísticos se apresentam por meio de notas, notícias, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, documentário, rádio jornal, mesa-redonda ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

A nota, segundo Barbosa Filho (2003), é um tipo de texto jornalístico curto e objetiva, contemplando de forma sintética e direta o conteúdo. Já notícia, para

o mesmo autor, é um modelo de texto um pouco mais longo, que pode ser dividido em várias partes a depender do número de informações do assunto. Também dentro desse subgênero se caracteriza o flash, um tipo de notícia ao vivo geralmente realizada pelo repórter fora do estúdio da rádio.

Enquanto o boletim é um programa de curta duração, que, inclusive, nele pode até minis reportagens, nota entrevistas e entre outros subgêneros jornalísticos. A reportagem é uma notícia mais longa, com mais apuração e informações sobre algo. O comentário é a opinião de um especialista sobre determinado assunto. O editorial é a opinião do veículo sobre diversos assuntos ou temas. A crônica possui uma linguagem literária, que possui uma característica informal em seu estilo.

O documentário é uma reportagem com mais riqueza de detalhes sobre um tema, uma profundidade mais abrangente, com entrevistas, pesquisa de arquivos de áudios, ou até mesmo em estilo de crônica, com o intuito de contar uma história. Mesas redondas ou debates é um tipo de discussão democrática com fontes que são contra ou a favor de determinados assuntos. O rádio jornal é a versão em áudio de um telejornal, com apresentadores e com uma produção mais aprofundada e mais longa em que se apresenta também diversos subgêneros jornalísticos, como a nota, comentário, coluna e entre outros.

Além dos subgêneros mais que contempla todas as áreas, também há os que possuem uma linguagem direcionada a nichos de audiência, como é o caso dos programas policiais, só com pautas sobre acontecimentos, e o programa esportivo, que tem como caráter noticiar sobre assuntos do mundo esportivo, por meio de notas, comentários, mesas redondas e etc. O técnico científico serve para divulgar acontecimentos científicos para a sociedade.

Além desses citados, também existe o feature radiofônico e o fait divers radiofônico. De acordo com Lucht (2009, p. 79), o primeiro citado “mistura recursos sonoros com informações reais, para estimular o ouvinte”. Já o segundo, de acordo com o mesmo autor, “abrange fatos diversos, que cobrem escândalos, curiosidades e bizarrices” (LUCHT, 2009, p.79).

O podcast, elaborado como produto deste TCC, terá o documentário como o principal subgênero presente em sua linguagem de execução, além de outros subgêneros como o narrativo, o imersivo e o feature radiofônico. Como

também, tem características que incluem ele no subgênero técnico científico por divulgar para a sociedade uma pesquisa acadêmica iniciada em um projeto de pesquisa de iniciação científica. O podcast, como estratégia de produção sonora no atual cenário midiático, é parte do transbordamento das práticas radiofônicas para além da estrutura hertziana (VIANA; CHAGAS, 2021, p. 2). Já para Kischinhevsky (2018):

Além dessas pontuações, o radiojornalismo narrativo em podcasts pode trazer uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79).

Inicialmente, os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta ou monólogos que faziam as vezes de audioblogs. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas ou mesmo, ocasionalmente, introduzindo formatos inovadores.

Desse modo, segundo Bonini (2015), com a popularização dos smartphones, alinhado ao crescimento da internet banda larga, o surgimento das plataformas de áudio permitiu que novos formatos de podcasts surgissem. Viana (2022, p. 3) complementa que “em outros casos, há uma potencialização de recursos que já eram experimentados pelos meios tradicionais, já que a narrativa imersiva não é uma estrutura recente”.

Dentre eles, surgiu o podcast narrativo, que possui diversas características que se assemelha ao radiodocumentário tradicional, por possuir em sua narrativa trilhas sonoras, arquivos de áudios, reconstituição de cenas, sem limite de tempo, pesquisa com mais profundidades, por exemplo.

Basicamente, o que diferencia o antigo radiodocumentário para o podcast no gênero jornalístico narrativo, é a liberdade temporal que os produtores podem ter em suas criações, fazendo com que no produto final possam ser mostrados mais detalhes daquilo que é contado na produção.

Percebe-se que ganha contornos um novo formato de radiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que

remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo (Kischinhevsky, 2017, p.6).

Ainda segundo o mesmo autor citado acima, nesse tipo de podcast há uma construção dos fatos narrados por meio de rica descrição de ambientes e cenas. Partindo desse pressuposto teórico, este TCC tem como objetivo apresentar o Movimento Mangubeat, por meio de uma série de podcasts narrativos e imersivos, com dois episódios apresentando fontes que vivenciaram a cena mangué nos anos 1990, lugares e acontecimentos por meio do uso recursos de mídias sonoras e do uso do artifício da imersão, transportando o ouvinte para dentro do contexto histórico do movimento pesquisado por meio do uso de recursos de storytelling, que irá conduzir a narrativa dessa pesquisa.

Pretende-se visitar lugares que fizeram parte da vivência dos manguéboys e manguégirls durante o apogeu do movimento na última década do Século XX, em Recife, tendo como o viajante na história o narrador, que, frequentemente, contará a história em primeira pessoa, pontuando suas impressões dos lugares no ano de 2022. Ao mesmo tempo, ele poderá se teletransportar para o passado para descrever fatos de extrema importância para o Mangubeat.

O primeiro episódio apresentará o Movimento Mangubeat desde o seu surgimento, até a morte do seu principal criador, Chico Science. Já o segundo, mostrará a relação desse movimento de contracultura com o cinema, contextualizando a produção cinematográfica em Pernambuco naquela época, como também na moda e o legado dele para a sociedade pernambucana. Sendo assim, a produção, a hospedagem e a veiculação dos resultados da pesquisa na internet, por meio de podcast, tem um caráter de grande alcance para a divulgação científica.

## 5 METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa, fizemos, inicialmente, uma revisão bibliográfica, buscando todas as fontes de pesquisa que nos apoiassem no sentido de entender como surgiu o Movimento Mangubeat e como ele influenciou as manifestações artísticas na música, no cinema e na moda, temas dos episódios de nosso podcast. Além de compreender o fenômeno do Mangubeat, a revisão bibliográfica possibilitou o aprofundamento de nossos referenciais teóricos, como conceito de intermedialidade, rádio expandido e gêneros do rádio e podcast.

Já para as fontes selecionadas para a produção, utilizamos como critério o conceito de seleção das fontes no radiojornalismo, de Kischinhevsky e Chagas (2017, p. 117).

Testemunhais – Personagens que presenciaram acontecimentos com valor-notícia atribuído por jornalistas e radialistas.  
Especialistas – Profissionais com reconhecido saber técnico ou científico sobre determinado campo em torno do qual se desenvolve uma cobertura jornalística; Notáveis – Celebidades, artistas, esportistas, comunicadores, pessoas que desempenham ou desempenharam atividades de grande reconhecimento social, sobre as quais se atribuem variáveis valores-notícia.  
Kischinhevsky e Chagas (2017, p. 117)

Com a pretensão de obter mais informações sobre relações intermediárias entre o Mangubeat e as artes, realizamos o próximo passo, as entrevistas em profundidade. As entrevistas foram realizadas no modelo aberto. Nele, “os entrevistadores sugerem temas sobre os quais a fonte fala com poucas interrupções, apenas aquelas necessárias para tornar o diálogo não apenas agradável, mas também produtivo” (CAMPIOLO, 2010, p. 11).

Após a realização das entrevistas, foi realizada a análise de conteúdo para estudar tudo o que foi dito pelas fontes, principalmente as informações mais relevantes para pesquisa, com o intuito de construir a produção dos episódios de podcasts. Para a análise de conteúdo, utilizamos a definição de Bardin: “a técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir numa certa ordem na confusão inicial.” (BARDIN, 2008, p. 37)

Já para a produção do produto em si, os dois episódios do podcast “O Caranguejo”, tiveram como base as etapas de produção definidas por Prado

(2006) e Kaplun (2017). Eles dividem as etapas de produção em produção executiva, etapa em que foi onde surgiu a ideia inicial e pré-produção, todos os passos que são realizados para a produção de nosso conteúdo, como o levantamento das fontes e as marcações das entrevistas. Já na produção em andamento, deliberamos a construção do produto com entrevistas, gravações e processo de escrita de roteiro e scripts. Na etapa de pós-produção, foram ancorados os episódios nas plataformas de streaming, além de divulgação nas redes sociais.

Durante o período de definição da proposta na produção executiva, foi decidida a temática do produto, a partir de pesquisa realizada anteriormente na pesquisa de iniciação científica, durante um período de dois anos. Nele, foi feito um levantamento sobre a produção de materiais existentes sobre a temática estudada e a definição do formato a ser trabalhado.

Na fase de pré-produção, foram redigidos o roteiro e o script dos episódios. Também marcamos as entrevistas com as fontes, realizadas remotamente. Após esse processo, já partimos, ainda nesta fase, para a decupagem das sonoras, que foi de extrema importância para os episódios. Nessa etapa, captamos as paisagens sonoras para ambientação imersiva da narrativa, selecionando os trechos em áudio de apresentações de Chico Science & Nação Zumbi na TV, documentários, filmes e telejornais.

Enquanto isso, na produção em andamento gravamos as falas que estavam no script. Nessa etapa também houve a distribuição dos arquivos para a edição e finalização dos episódios com os ajustes solicitados. Na pós-produção dessa série de podcast, fizemos a hospedagem dos episódios nas plataformas de streaming de áudio. Além disso, divulgamos nas redes sociais, como Instagram e Twitter, assim como no aplicativo de mensagens WhatsApp. Em todas essas redes, pretendemos interagir com o público sobre o material produzido.

## 6 ANÁLISE

A partir daqui serão apresentados os scripts dos episódios do podcast “O Caranguejo”. O primeiro é intitulado como “da lama, a fama” e o segundo “entre artes e legado”. Os dois episódios contemplam a história, as influências e o legado do movimento com paisagens sonoras, trechos de vídeos hospedados na internet, entrevistas com personalidades da cena manguê e narração de um locutor que mergulhou no universo do Manguêbeat.

### 6.1 SCRIPT DO EPISÓDIO 1

<b>2023/ Nº 1</b>
Projeto: Podcast - O Caranguejo
Produção: 02 episódios/programas
Duração: COLOCAR QUANDO EDITAR
Criação, produção: Daniel Nascimento
Roteiro e script: Daniel Nascimento
Edição: Ricardo Lemos
Locução: Daniel Nascimento
Orientação: Sheila Borges
Episódio/Programa 1 /
Nome: Da lama, à fama
Duração do episódio/programa: 1 hora e 11 minutos

TÉCNICA	LOCUÇÃO
<p><b>TEC:</b> <a href="#">[CBTU RECIFE] AVISOS SONOROS LINHA 2 LARANJA RECIFE-CAMARAGIBE - YouTube</a> 0' - 14'</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">Jornal da Globo   Os 25 anos do disco 'Da Lama Ao Caos' é tema da coluna do Nelson Motta   Globoplay</a> 0'21 - 0'49</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">A Praieira - YouTube</a> 0'25 - 0'33</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">A Cidade (Clipe) - Chico Science &amp; Nação Zumbi - YouTube</a> 1'24 - 1'30</p>	<p><b>LOC:</b> RECIFE,/ JANEIRO DE 2023.//</p> <p><b>LOC:</b> EU VIM DE CARUARU,/ CIDADE DO AGRESTE CENTRAL DE PERNAMBUCO ATÉ A CAPITAL DO ESTADO,/ RECIFE,/ PRA TE CONTAR UMA HISTÓRIA.// A HISTÓRIA DE UM GRUPO DE JOVENS RECIFENSES QUE,/ NO INÍCIO DA DÉCADA 1990,/ RESOLVEU,/ ATRAVÉS DA ARTE,/ INJETAR UMA DOSE A MAIS DE CULTURA NA CIDADE.// Você JÁ DEVE TER SACADO QUAL É A MINHA,/ EU ESTOU FALANDO É DELE MESMO,/ DO MOVIMENTO MANGUEBEAT.//</p> <p><b>LOC:</b> SE VOCÊ NÃO CONHECE,/ COM CERTEZA JÁ OUVIU ESSA MÚSICA QUE VAI TOCAR NA MINHA CAIXINHA DE SOM AGORA://</p> <p><b>LOC:</b> E ESSA TAMBÉM://</p>

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Chico Science &amp; Nação Zumbi - A Cidade /A Praieira - Domingão do Faustão (1994) - YouTube</a> 1'55 - 2'16</p> <p>D.I. - "CHICO ISSO É O SEGUINTE..."</p> <p>D.F. 0- " FIZEMOS ESSA MISTURA."</p>	<p><b>LOC:</b> AS DUAS MÚSICAS TOCADAS FORAM A PRAIEIRA E A CIDADE,/ AMBAS DE AUTORIA DE CHICO SCIENCE E FAZEM PARTE DO PRIMEIRO ÁLBUM DA BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, / COMPOSTA NA FORMAÇÃO ORIGINAL POR JORGE DU PEIXE,/ LÚCIO MAIA,/ DENGUE,/ TOCA OGAN,/ GILMAR BOLA 8,/ GIRA E CANHOTO.// DEIXA EU TE CONTAR ALGO MAIS.// ESSE MOVIMENTO TAMBÉM SE DESTACA PELA COMBINAÇÃO DE DIVERSOS RITMOS MUSICAIS COMO O MARACATU,/ O ROCK,/ O POP,/ O HIP HOP,/ O FUNK E A MÚSICA ELETRÔNICA.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FAUSTÃO:</b> CHICO ISSO É O SEGUINTE. ISSO É UM RITMO NOVO. (CHICO SCIENCE) É UM RITMO TÍPICAMENTE PERNAMBUCANO, COMO É QUE? É UM RESGATE DE RITMOS REGIONAIS. RITMOS COMO MARACATU, A CIRANDA, CABOCLINHO, COCO, SAMBA DE RODA E OUTRAS COISAS MAIS, LIGADO A RITMO UNIVERSAIS. TODA COM UMA BAGAGEM POP QUE A BANDA TEM E NÓS TEMOS E FIZEMOS TODA ESSA MISTURA.</p>
---	---

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Movimento Manguebeat - Documentário Completo (TV Cultura) - YouTube</a> 0'37 - 1'03</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">Chico Science &amp; Nação Zumbi - Baião Ambiental [Instrumental] - YouTube</a> BG EXPLODE E DEPOIS DISSOLVE</p>	<p><b>LOC:</b> OS MANGUEBOYS,/ COMO ERAM CHAMADOS OS JOVENS QUE FAZIAM OU FAZEM PARTE DESTE MOVIMENTO,/ DENUNCIAVAM AS DESIGUALDADES E A POBREZA DE PERNAMBUCO.// ELES,/ TAMBÉM,/ PROMOVERAM UMA RENOVAÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA EM TODO O ESTADO.// NAQUELA ÉPOCA,/ SEGUNDO O WASHINGTON POST,/ JORNAL DOS ESTADOS UNIDOS,/ O RECIFE ERA PIOR CIDADE DO MUNDO PARA SE VIVER.//</p> <p><b>LOC:</b> EU SOU DANIEL NASCIMENTO.// E AGORA EU VOU TE LEVAR PARA UMA VIAGEM.// VOU CONTAR PRA VOCÊ COMO UM MOVIMENTO MUSICAL DE CONTRACULTURA COMEÇOU EM RECIFE,/ CAPITAL DE PERNAMBUCO:./ ESTOU FALANDO SOBRE O MANGUEBEAT.//</p> <p><b>LOC:</b> ESSE MOVIMENTO DE CONTRACULTURA SURTIU EM RECIFE,/ EM 1991.// ELE INFLUENCIOU,/ OU MELHOR,/ INFLUENCIA DIVERSOS</p>
---	---

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO DJ DOLORES - 0'8 - 0'10</p>	<p>ARTISTAS ATÉ OS DIAS DE HOJE EM VÁRIOS CAMPOS CULTURAIS.//</p> <p><b>LOC:</b> ESTE PODCAST FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO,/ T-C-C,/ SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA SHEILA BORGES,/ DO NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO,/ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO,/ A U-F-P-E,/ NO CAMPUS CARUARU.// É COM ESTA SÉRIE DE PODCAST QUE ENCERRO A MINHA JORNADA NA GRADUAÇÃO NO CURSO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL,/ COM ÊNFASE EM MÍDIAS SOCIAIS E PRODUÇÃO CULTURAL,/ NA U-F-P-E.//</p> <p><b>LOC:</b> E QUEM VAI ME AJUDAR A CONTAR UM POUCO SOBRE ESSE MOVIMENTO,/ È HÉLDER ARAGÃO,/ O D-J DOLORES.// ELE É CANTOR,/ COMPOSITOR,/ DESIGNER E ESCRITOR.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA DJ DOLORES:</b> JÁ, JÁ EU RESPONDO!</p> <p><b>LOC:</b> CALMA HÉLDER,/ SEM PRESSA,/ A GENTE VAI TER TODO TEMPO DO MUNDO PRA CONVERSAR.//</p> <p><b>LOC:</b> TAMBÉM FRED ZEROQUATRO,/ LÍDER DA BANDA MUNDO LIVRE,/ UMA DAS MAIS CONHECIDAS DA CENA MANGUE E QUE TEVE UMA</p>
--	---



[YouTube](#) 0'10 - 0'30

**TEC:** ÁUDIO FRED 04 MANGUE O  
CONCEITO - 0' - 0'38

D.I. - "MANGUE O CONCEITO..."

D.F. - "...VEGETAÇÃO DO MANGUE."

**LOC:** PRIMEIRO ATO

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** MANGUE O CONCEITO.  
ESTUÁRIO. PARTE TERMINAL DE RIO  
OU LAGOA. PORÇÃO DE RIO COM  
ÁGUA SALOBRA. EM SUAS MARGENS  
SE ENCONTRAM OS MANGUEZAIS,  
COMUNIDADES DE PLANTAS  
TROPICAIS OU SUBTROPICAIS  
INUNDADAS PELOS MOVIMENTOS DAS  
MARÉS. PELA TROCA DE MATÉRIA  
ORGÂNICA ENTRE A ÁGUA DOCE E A  
ÁGUA SALGADA, OS MANGUES ESTÃO  
ENTRE OS ECOSSISTEMAS MAIS  
PRODUTIVOS DO MUNDO. ESTIMA-SE  
QUE DUAS MIL ESPÉCIES DE  
MICROORGANISMOS E ANIMAIS  
VERTEBRADOS E INVERTEBRADOS  
ESTEJAM ASSOCIADOS À VEGETAÇÃO  
DO MANGUE.

**LOC:** VOCÊ ACABOU DE OUVIR NA VOZ  
DO PRÓPRIO FRED ZEROQUATRO,/  
COM EXCLUSIVIDADE PARA ESTE  
PODCAST,/ UM TRECHO DA PRIMEIRA  
PARTE DO MANIFESTO CARANGUEJOS  
COM CÉREBRO,/ DOCUMENTO QUE  
ABRIU OS CAMINHOS DO  
MANGUEBEAT PARA O MUNDO.//

**TEC:**

<https://www.youtube.com/shorts/5PTSIWwx>

[4zw](#) SONOPLASTIA MANGUE

**TEC:** PAISAGEM SONORA

CAMINHANDO,/ GALHOS QUEBRANDO +  
BARULHO DE MANGUE

**TEC:**

<https://www.youtube.com/shorts/5PTSIWwx>

[4zw](#) SONOPLASTIA MANGUE

**LOC:** ESSE SOM QUE VOCÊ ACABOU  
OUVIR É DO MANGUE.// É O NOME  
DADO A VEGETAÇÃO DO  
ECOSSISTEMA MANGUEZAIS,/ QUE  
FICA NO ENCONTRO ENTRE A TERRA  
FIRME E O MAR.//

**LOC:** EU TÔ ÀS MARGENS DO MANGUE  
EM RECIFE,/ E VOU CONTAR ESSA  
PARTE DESTE EPISÓDIO POR AQUI  
MESMO.// DEIXA EU DAR UMA  
RESPIRADA AGORA,/ DEPOIS DESSA  
CAMINHADA NO MANGUE.//

**LOC:** ENTÃO,/ DEIXA EU TE FALAR.// A  
CAPITAL PERNAMBUCANA NASCEU  
PREDOMINANTEMENTE EM CIMA  
DESSE ECOSSISTEMA.// E NO MEIO  
ENTRE A LAMA E O CARANGUEJO,/ AS  
PESSOAS FORMARAM A PRÓPRIA  
IDENTIDADE DO LUGAR.//

**LOC:** CHICO SCIENCE,/ O PRINCIPAL

CRIADOR DO MOVIMENTO MANGUEBEAT,/ DESDE CRIANÇA,/ POSSUÍA UMA FORTE RELAÇÃO COM ESSE ECOSSISTEMA.//

**LOC:** CHICO CRESCEU EM UM BAIRRO DE OLINDA,/ CIDADE VIZINHA DE RECIFE,/ EM UMA RUA NA BEIRA DE UM MANGUEZAL ENORME.// E TODOS POR ALI PESCAVAM, CARANGUEJOS/ CRIAVAM E VENDIAM.//

**LOC:** MORAVA NA QUINTA ETAPA DE UM CONJUNTO HABITACIONAL,/ CONSTRUÍDO POR LÁ NOS ANOS 60.// QUANDO CHOVIA,/ ENTRAVA CARANGUEJO EM CASA.//

**LOC:** ELE ERA O CAÇULA DE QUATRO IRMÃOS.// O MANGUE SEMPRE FEZ PARTE DA VIVÊNCIA DA FAMÍLIA DO ARTISTA.//

**LOC:** FRANCISCO DE ASSIS FRANÇA,/ COMO CHICO ERA CONHECIDO,/ NASCEU EM RECIFE,/ EM 13 DE MARÇO DE 1966.// VIVEU BOA PARTE DA VIDA EM OLINDA.//

**LOC:** OS PAIS DELE,/ ASSIM COMO EU,/ TEMOS UMA CIDADE EM COMUM: SURUBIM,/ CONHECIDA NACIONALMENTE COMO A CAPITAL DA VAQUEJADA.// CHICO ATÉ FREQUENTOU A CIDADE DE SURUBIM

**TEC:** [Boi Carrapeta - Sirano e Sirino](#)  
[\(Homenagem a Cidade de Surubim-PE\) -](#)  
[YouTube](#) 0' - 0'19

**TEC:** ÁUDIO LUCAS FRANÇA 01  
(COMPLETO)

DURANTE AS FÉRIAS NA INFÂNCIA.//

**LOC:** EU ATÉ TENTEI ENTRAR EM  
CONTATO COM UM PARENTE DE  
CHICO,/ QUE AINDA MORA POR LÁ,/  
PRA SABER DESSAS ANDANÇAS DELE  
EM SURUBIM QUANDO CRIANÇA,/ MAS,/  
SEGUNDO LUCAS FRANÇA E A MÃE  
DELE,/ PARENTES DISTANTE DE  
CHICO...//

**TRANSCRIÇÃO SONORA LUCAS**

**FRANÇA:** LUCAS FRANÇA:

VÊ SÓ, A ÚNICA PARENTE QUE A  
GENTE TEM QUE PODERIA FALAR  
ALGUMA COISA É DONA ANA, QUE É  
PRIMA DA MÃE DELE, SABE? SÓ QUE  
ELA MORA EM ITABUNA NA BAHIA. E  
ELA TÁ BEM VELHINHA, NÉ MAINHA,  
JÁ?

MÃE DE LUCAS: - BEM VELHINHA.

LUCAS FRANÇA: - EU NÃO SEI SE ELA  
TOPARIA OU SE CONSEGUIRIA FALAR  
ALGUMA COISA. PORQUE, ELA TÁ COM  
UM CASO DE ALZHEIMER, NÉ MAINHA?  
ALGUMA COISA ASSIM?

MÃE DE LUCAS: NÃO, COM ELA NÃO.

LUCAS FRANÇA: É COM ELA NÃO DÁ  
NÃO. E MAINHA TAMBÉM ERA MUITO  
AFASTADA DO POVO.

MÃE DE LUCAS: EU SÓ CONHECIA  
ELES PORQUE EU IA NA CASA DELA,/

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO PARENTES 02 - 0'33 - 0'32</p> <p>D.I. - "ÁÍ COMO FALEI..."</p> <p>D.F. - " NÉ MÃE?"</p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO LUCAS FRANÇA 02 - 0' - 0'32</p> <p>D.I. - " AS MEMÓRIAS DE MAINHA..."</p> <p>D.F. - " ALGUMA COISA."</p>	<p>MAS EU NÃO TINHA CONTATO COM ELE NÃO.</p> <p>LUCAS FRANÇA: TIPO, MAINHA IA PRA CASA DO POVO. DONA RITA A MÃE DELE VINHA PRA CÁ DE VEZ EM QUANDO. ELE VINHA NÉ, MAS VOCÊ NÃO SABIA QUE ELE ERA, O QUE ELE ERA.</p> <p>MÃE DE LUCAS: EU SÓ CONHECIA ELE. A IRMÃ DELE GORETE E A MÃE DONA RITA.</p> <p>LUCAS FRANÇA: DAÍ É MEIO COMPLICADO. A GENTE ACHAR ALGUMA PESSOA,/ PRINCIPALMENTE EM VERTENTE DO LÉRIO HOJE EM DIA. COMO FALEI A TU, O POVO QUE ERA MAIS PRÓXIMO ASSIM DE DONA RITA TÁ MORANDO EM ITABUNA NA BAHIA.</p> <p><b>LOC:</b> SÓ UM ACRÉSCIMO.// O TERRITÓRIO ONDE A FAMÍLIA DE CHICO VIVE ATUALMENTE,/ DE FATO NÃO PERTENCE MAIS A SURUBIM,/ FICA EM UMA CIDADEZINHA DE UM POUCO MAIS DE SETE MIL HABITANTES,/ CHAMADA VERTENTE DO LÉRIO,/ AO LADO DE SURUBIM.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA:</b></p>
---	---

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Chico Science 2 - YouTube</a> 7'54 - 8'04 (REPÓRTER JOSÉ CAMINHA)</p> <p>D.I. - “DESDE MUITO CEDO...” D.F. - “CULTURA POPULAR.”</p>	<p><b>LUCAS FRANÇA:</b> AS MEMÓRIAS DE MAINHA, NÃO ELE COMO CANTOR, NEM NADA. O NÍVEL ERA TANTO QUE ELA NÃO SABIA QUE ELE ERA CHICO SCIENCE. E ELE NÃO ERA TAMBÉM. TANTO QUE EM CARÁTER DE RESPEITO, SÓ CHAMAVAM ELE DE FRANCISCO.</p> <p><b>MÃE DE LUCAS:</b> LEMBRA QUE UMA VEZ DANILO TROUXE UMA NAMORADA AQUI QUE ERA SOBRINHA DELE?</p> <p><b>LUCAS FRANÇA:</b> ERA TAMBÉM, NÉ?</p> <p><b>MÃE DE LUCAS:</b> FOI. MAS AGORA QUEM ERA ESSA NAMORADA DE DANILO, EU NÃO LEMBRO MAIS QUEM ERA.</p> <p><b>LUCAS FRANÇA:</b> MAI, É COMPLICADO, VI BICHO? FOI MAL AÍ ALGUMA COISA!</p> <p><b>LOC:</b> QUE NADA LUCAS,/ NÃO TEM PROBLEMA ALGUM./ NESSAS VIAGEM DE FÉRIAS,/ CHICO ENTROU EM CONTATO COM UM RITMO DE COCO CHAMADO BOLINHA.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA REPÓRTER JOSÉ CAMINHA:</b> DESDE MUITO CEDO FRANCISCO DE ASSIS PREFERIA AS RODAS DA CIRANDA DE OLINDA. ANOS DEPOIS, O ARTISTA LUTARIA PELA CULTURA POPULAR.//</p>
--	--

**TEC:** ÁUDIO LEGADO 2 (JOSÉ TELES) -  
0' - 0'16

D.I. - “ENTÃO CHICO...”

D.F. - “ANTES DO MANGUEBEAT.”

**LOC:** ÁUDIO LEGADO 2 (JOSÉ TELES) -  
0'17 - 0'54

D.I. - “ E CONHECIA...”

**LOC:** ESSA LUTA PELA CULTURA POPULAR TEM LIGAÇÃO COM O FATO DO PAI DELE,/ SEGUNDO O JORNALISTA JOSÉ TELES,/ TER SIDO VEREADOR DE OLINDA...//

**TRANSCRIÇÃO SONORA JOSÉ TELES:**  
ENTÃO CHICO CONHECIA MUITO CULTURA POPULAR, PORQUE O PAI DELE FOI VEREADOR BANCAVA ESSES GRUPOS DE CULTURA POPULAR, LÁ PELO SUBÚRBIO DE OLINDA E TAL. E CHICO CONHECIA ISSO NÉ? CHICO QUER DIZER, O CHICO FREQUENTAVA MESTRE SALU, CONHECIA MESTRE SALU MUITO ANTES DO MANGUEBEAT.

**LOC:** MESTRE SALU ,/ OU MESTRE SALUSTIANO SOARES,/ É CONSIDERADO UMA DAS GRANDES REFERÊNCIAS PARA O MARACATU DE BAQUE SOLTO EM PERNAMBUCO.// É UMA DAS MAIORES REFERÊNCIAS DA CULTURA POPULAR E,/ TAMBÉM ,/PARA CHICO SCIENCE.//

D.F. - “ MESTRE SALU MORAVA.”

**TRANSCRIÇÃO SONORA JOSÉ TELES:**

E CONHECIA ESSE PESSOAL, NÉ? DE REPENTE FOI CHAMANDO, NÉ? O PESSOAL COMEÇOU A APARECER, CRIOU INTERESSE PELA CULTURA POPULAR. UMA COISA QUE SEMPRE TEVE EM PERNAMBUCO QUE PASSOU UM TEMPO ESQUECIDA E COMEÇOU A POR EXEMPLO OS FESTIVAIS TRAZIAM LIA, TRAZIAM MESTRES DA LUA, TRAZIAM GENTE DA ZONA DA MATA, NÉ? QUE TAVA EM BUSCA DA ZONA DA MATA E A CULTURA POPULAR CHEGOU AO PALCO. NA ÉPOCA DO MANGUEBEAT, EM DEZEMBRO IA MULTIDÃO PRA VER O O CAVALO-MARINHO, ALI EM ZUMBI, ONDE MESTRE SALU MORAVA.

**TEC:** [Cavalo Marinho Estrela brilhante "Dança" - YouTube](#) 0'20

**TEC:** [Som das Ondas do Mar para Acalmar a Mente com Sons da Natureza - YouTube](#)

**LOC:** NESSE CENÁRIO DO ENCONTRO ENTRE OS RIOS CAPIBARIBE,/ BEBERIBE E PARATIBE,/ CARANGUEJOS,/ LAMA E O MAR SERVIU DE INSPIRAÇÃO PARA ALGO GRANDIOSO,/ QUE,/ NO INÍCIO,/ NEM SE SABIA DA DIMENSÃO QUE O MOVIMENTO MANGUEBEAT TERIA

<p><b>LOC:</b> ÁUDIO FRED SOBRE JOSÉ DE CASTRO 0' 30 - 1'23</p> <p>D.I. - "MAS POR INCRÍVEL.."</p> <p>D.F. - "RENATO E TAL."</p>	<p>PARA A CULTURA BRASILEIRA.//</p> <p><b>LOC:</b> MAS CLARAMENTE UMA DAS INFLUÊNCIAS DE CHICO E DOS OUTROS JOVENS,/ QUE AJUDARAM A CONSTRUIR O MOVIMENTO MANGUEBEAT,/ FOI A OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO,/ UM DOS GRANDES PENSADORES DO SÉCULO VINTE E O PRIMEIRO A ESCREVER SOBRE A FOME NO BRASIL.//</p> <p><b>LOC:</b> OS PRINCIPAIS LIVROS DELE SÃO GEOGRAFIA DA FOME E HOMENS E CARANGUEJOS,// ESSE ÚLTIMO É UM ROMANCE,/ QUE RETRATA A HISTÓRIA DE VIDA DE UM MENINO POBRE QUE LOGO DESCOBRE A MISÉRIA E A LAMA DO MANGUE.//</p> <p><b>LOC:</b> MAS UM FATO CURIOSO É QUE CHICO E FRED ZEROQUATRO SE QUER SABIAM DA EXISTÊNCIA DE JOSUÉ DE CASTRO//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA</b></p> <p><b>FRED ZERO QUATRO:</b> MAS POR INCRÍVEL QUE PAREÇA. É FOI PURA COINCIDÊNCIA CARA. É AS PRIMEIRAS LETRAS, QUE A GENTE ESCREVEU A</p>
--	---

PRIMEIRA FASE ANTES DA GENTE GRAVAR OS PRIMEIROS DISCOS. A GENTE NUNCA TINHA OUVIDO FALAR DE JOSUÉ DE CASTRO, SACOU? ALIÁS SE VOCÊ PERCEBER NO PRÓPRIO TEXTO RELEASE NÉ? QUE FOI CONHECIDO COMO MANIFESTO CARANGUEJO COM CÉREBRO, TEM UMA PARTE QUE LÁ FALA MANGUEBOYS. MANGUEGIRLS SÃO INDIVÍDUOS INTERESSADOS AÍ TEM UM MONTE DE COISA LÁ NÉ? É BEZERRA DA SILVA, RONALD LEN E TAL E NÃO TEM JOSUÉ DE CASTRO. NÃO TEM JOSUÉ DE CASTRO, PORQUE SIMPLEMENTE A GENTE NUNCA TINHA OUVIDO FALAR DE JOSUÉ DE CASTRO POR UM MOTIVO HISTÓRICO, NÉ? QUANDO A GENTE ENTROU NA FACULDADE, EU ENTREI NA FACULDADE RENATO TAL//

**LOC:** ESSE RENATO,/ QUE FRED FALA,/ ERA O JORNALISTA RENATO LINS OU RENATO 'L',/ COMO FICOU CONHECIDO DEPOIS.// GANHOU APELIDO COLOCADO POR CHICO,/ NA ÉPOCA ,/DE MINISTRO DA INFORMAÇÃO.// ELE TAMBÉM FOI UM DOS RESPONSÁVEIS PELA CRIAÇÃO DO CONCEITO DO MOVIMENTO,/ JUNTO COM OUTROS MANGUEBOYS.//

**TEC:** ÁUDIO FRED ( SOBRE JOSUÉ DE CASTRO) - 1'23 - 3'13

D.I. - "A NOSSA GERAÇÃO..."

D.F. - "ANOS SESSENTA."

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** A NOSSA GERAÇÃO NÃO TINHA NEM COMO CONHECER, PORQUE ELE FOI BANIDO PELA DITADURA, NÉ? A TODA OBRA DELE FOI RECOLHIDA DAS BIBLIOTECAS, DAS UNIVERSIDADES, DA ACADEMIA E ELE FOI EXILADO. ELE FOI ELE FOI BANIDO, NÉ? ELE FOI PROIBIDO INCLUSIVE DE VOLTAR PRO BRASIL E ELE MORREU COM ESSE DESGOSTO DE NÃO TER CONSEGUIDO VOLTAR PRO BRASIL POR CONTA DO DA DITADURA, NÉ? A OBRA DELE ERA VISTA COM MUITO, MUITO, MUITO REVOLUCIONÁRIA E TAL, ENFIM. E AÍ EH COMÉ QUE CHAMA? SÓ QUE QUANDO A GENTE LANÇOU O NÉ? O MANIFESTO, AH UMA DAS PESSOAS QUE QUE RECEBEU EM PRIMEIRA MÃO FOI JUSTAMENTE ESSE QUE EU LHE FALEI, O JOSÉ TELES NÉ? JORNALISTA QUE NA ÉPOCA ERA DO JORNAL DO COMÉRCIO E O TELES VIU NA HORA ELE SACOU A COINCIDÊNCIA PORQUE ELE CONVIVEU COM A OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO, ELE NOS NUM CHEGOU A CONHECER JOSUÉ, EU ACREDITO, NEM CHEGOU A ENTREVISTAR, MAS A OBRA DE JOSUÉ ERA MUITO FAMOSA, ERA MUITO, ERA NOTÓRIA, NÉ? NA ÉPOCA, ATÉ OS ANOS SESSENTA, SETENTA E TAL E O JOSÉ TELES, É

**TEC:** [\(2\) Pulo da Gaita - O Auto da Compadecida - YouTube](#) 0'15 - 0'30

DUMA GERAÇÃO UM POUCO ANTERIOR A NOSSA, NÉ? ENTÃO ELE ELE NA HORA ELE SACOU, PORQUE JOSUÉ ERA UMA FIGURA DE REFERÊNCIA PRA GERAÇÃO DELE. MAS PRA NÓS A GENTE NÃO TINHA NEM COMO CONHECER PORQUE ELE ERA UMA FIGURA TOTALMENTE BANIDA DA ACADEMIA, DO CIRCUITO INTELECTUAL DO BRASIL, DESDE OS ANOS SESSENTA.

**LOC:** QUEM ACABOU DE FALAR FOI,/ FRED ZERO QUATRO,/ UM DOS CRIADORES DO MANGUEBEAT E TAMBÉM VOCALISTA DA BANDA MUNDO LIVRE.//

**LOC:** ENQUANTO MOVIMENTO ARMORIAL,/ IDEALIZADO POR ARIANO SUASSUNA,/ TINHA A INTENÇÃO DE CRIAR UMA ARTE ERUDITA SOB O CONTEXTO DAS CULTURAS POPULARES,/ O MOVIMENTO LIDERADO POR CHICO SCIENCE E AMIGOS IA NA CONTRAMÃO DESSA VERTENTE CULTURAL.//

**LOC:** QUANDO O MANGUEBEAT SURTIU,/ SEGUNDO DIZ FRED ZERO QUATRO EM ENTREVISTA A ESTE PODCAST,/ A CENA ALTERNATIVA EM RECIFE ERA MUITO CARENTE E ISSO

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED 04 COMO CONHECEU OS MANGUEBOYS 1'01 - 1'23</p> <p>D.I. - “ O PROCESSO DE...” D.F. - “ O MUNDO LIVRE.”</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Mundo Livre S/A - Lourinha Americana - YouTube</a> 0'34 - 0'39</p>	<p>COLABOROU PARA QUE OS JOVENS ACABASSEM SE CONHECENDO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO QUATRO:</b> O PROCESSO DE APROXIMAÇÃO EU DIRIA QUE ERA UMA COISA NATURAL, PREVISÍVEL. PORQUE É O SEGUINTE: UMA É POR DOIS ASPECTOS, ASSIM. UMA É QUE A GENTE TINHA UMA UM SENTIMENTO EM COMUM, EU DIRIA EU DIRIA QUE NÃO SÓ O MUNDO LIVRE</p>
<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED 04 COMO CONHECEU OS MANGUEBOYS 1'24 - 1'24</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Chico Science e Loustal - Manguetown - YouTube</a> 2'38 - 2'45</p>	<p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO QUATRO:</b> E LOUSTAL.</p>
<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED ZERO QUATRO 1'24 - 1'30</p> <p>D.I. - “MAS TAMBÉM...” D.F. - “TEMPO ANTES.”</p>	

**TEC:** [\(2\) DEVOTOS-dia morto - YouTube](#)

0'37 - 0'42

**TEC:** ÁUDIO FRED ZERO QUATRO 1'30 - 2'06

D.I. - "É UMA SENSÇÃO

D.F. - "DE ARMORIAL."

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** MAS TAMBÉM A GALERA DO ALTO JOSÉ DO PINHO, DEVOTOS, QUE JÁ EXISTIA NA ÉPOCA TAMBÉM, MUITO TEMPO ANTES.

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** É UMA UMA SENSÇÃO DE SER ESTRANHO NA CIDADE, DE SER QUASE ESTRANGEIRO NA CIDADE, PORQUE, NÃO NÓS NÃO EXISTIA UM CIRCUITO DE CASAS DE SHOW, DE BARES, COMO EXISTE HOJE ONDE TOCA TODO TIPO DE MÚSICA, ONDE TEM TEM TODO MUNDO PODE TER ACESSO A QUALQUER TIPO DE DE PROGRAMAÇÃO MUSICAL, NÃO, ERA, ERA, ERA UM AMBIENTE VOLTADO SÓ, NÉ? A VIDA NOTURNA SE RESUMIA A CASA DE MPB DE DE DE FORRÓ, DE ARMORIAL.

**LOC:** O ARMORIAL,/ QUE FRED SE REFERE,/ É O MOVIMENTO ARMORIAL IDEALIZADO POR ARIANO SUASSUNA,/ QUE TINHA,/ COMO OBJETIVO PRINCIPAL,/ PRESERVAR A CULTURA POPULAR DO NORDESTE

**TEC:** [CHICO SCIENCE vs ARIANO](#)

[SUASSUNA: BATTLE FOR PERNAMBUCO](#)

[#meteoro.doc - YouTube](#) 7'30 - 8'38

D.I. - "TAVA COMEÇANDO..."

D.F. - "MÚSICA NÃO."

**TEC:** ÁUDIO FRED COMO CONHECEU  
OS MANGUEBOYS 2'07 - 3'02

D.I. - " ERA COISA..."

D.F. - " FALTA DE OPÇÕES, NÉ.

BRASILEIRO.// POR MEIO DAS ARTES.//  
INCIALMENTE,/ SUASSUNA NÃO  
GOSTOU MUITO DA IDEIA DESSE TAL  
DE MANGUEBEAT.//

**LOC:** MAS VOLTANDO A FRED ZERO  
QUATRO...//

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** ERA COISA MUITO  
CONSERVADORA ASSIM, SABE? NÃO  
TINHA NÃO TINHA UM CIRCUITO DE  
ESPAÇOS PRA MÚSICA  
CONTEMPORÂNEA, PRA MÚSICA  
ALTERNATIVA E TAL. ENTÃO A GENTE,  
É QUALQUER INICIATIVA QUE  
SURGISSE SEJA UMA CASA NOVA, UM  
BAR QUE TIVESSE ABRINDO PRA UMA  
PRA TINHA GENTE ATÉ QUE A GENTE  
LEVAVA ATÉ FITA CASSETE COM QUE  
A GENTE TINHA PREPARAVA PRA  
VAMOS DIZER SE ALGUÉM CONSEGUE,  
SE A GENTE CONSEGUE UM LUGAR  
QUE O CARA PELO MENOS DEIXA A  
GENTE COLOCAR UMA FITA LÁ E TAL

**TEC:** ÁUDIO FRED COMO CONHECEU  
OS MANGUEBOYS 4'17 - 6'43

D.I. - "A GENTE OUVIA FALAR..."

D.F. - " CORRER ATRÁS, SACA?"

OU SEJA UMA CASA NOVA OU ALGUÉM  
CRIASSE UM EVENTO QUE FOSSE  
TOCAR BANDA ALTERNATIVA ERA UM  
ERA UMA TRIBO MUITO REDUZIDA QUE  
TODO MUNDO ACABAVA SE  
ESBARRANDO PORQUE TODO MUNDO  
PRESTIGIAVA PORQUE PELA FALTA DE  
PELA ESCASSEZ, PELA NECESSIDADE  
NÉ? FALTA DE OPÇÕES NÉ?

**LOC:** E OS ENCONTROS FORAM SE  
TORNANDO CADA VEZ MAIS COMUNS,  
OS MANGUEBOYS,/ SEGUNDO FRED  
ZERO QUATRO,/ PASSARAM A  
FREQUENTAR ENSAIOS DAS BANDAS  
DO GRANDE RECIFE.//

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** A GENTE OUVIA FALAR QUE  
UMA BANDA E NOVAS ESTAVA  
ENSAIANDO NUM LUGAR LÁ PODIA SER  
NO CENTRO DA CIDADE NO CASO EU  
MORAVA EM CANDEIAS, PODIA SER EM  
OLINDA PODIA SER ONDE FOSSE A  
GENTE AH PARECE, QUE ELES ESTÃO  
ENSAIANDO. TEM UMA BANDA EM  
OLINDA QUE ENSAIA DIA DE SÁBADO  
NO LUGAR NÃO SEI AONDE. A GENTE  
PEGAVA O ÔNIBUS E IA PRA IR  
ASSISTIR O ENSAIO CHEGAVA LÁ DE  
METIDO IA ASSISTIR, ENTENDEU? FOI

ASSIM QUE EU CONHECI LÚCIO MAIA, FOI ASSIM QUE EU CONHECI DENGUE GALERA DO LOUSTAL, ENTENDEU? E ELES MESMA FORMA QUANDO A GENTE CONSEGUIA UM LUGAR PRA ENSAIAR AQUI EM CANDEIAS ELES VINHAM ASSISTIR O ENSAIO DO MUNDO LIVRE AQUI EM CANDEIAS OU POR EXEMPLO TINHA UM MÉDICO QUE QUE VERANEAVA AQUI EM CANDEIAS NUMA CASA NA BEIRA DA PRAIA ERA UM CARA CHEIO DA GRANA E TAL E QUE GOSTAVA DE ROCK AND ROLL E TAL E COMPROU BAIXO, COMPROU BATERIA, COMPROU ELE GOSTAVA DE FAZER NA CASA DELE. TODO MUNDO IA PRA LÁ, ENTENDEU? E ELE RECEBIA TODO MUNDO, FOI ASSIM QUE EU TOQUEI GUITARRA PELA PRIMEIRA VEZ. ENTÃO ASSIM PORQUE EU TOCAVA SÓ VIOLÃO. ENTÃO ASSIM ERA UMA CARÊNCIA MUITO GRANDE DE MÚSICA ALTERNATIVA, CONTEMPORÂNEA NA ÉPOCA. E VIRAVA ERA UMA ESPÉCIE DE TRIBO. DE RIO DOCE A PIEDADE, DE BARRA DE JANGADA, CASA CAIADA.. ERAM OS ÔNIBUS QUE A GENTE PEGAVA NO INÍCIO DA CENA, PRA SE ENCONTRAR. PORQUE O LOUSTAL, ERA DE RIO DOCE E A GENTE ERA DE CANDEIAS, NÉ? E ÀS VEZES ENSAIAVA EM BARRA DE JANGADA TAMBÉM E TAL, NÉ? ENTÃO ASSIM, ERA ISSO, ERA UM UM ENCONTRO QUE ERA INEVITÁVEL PRA

<p><b>TEC:</b> CHEGADA EM RECIFE - DJ DOLORES 0'5 - 1'18</p> <p>D.I. - "O JEITO QUE..." D.F. - "DAQUILO DALI."</p>	<p>O FORMATO, NÉ? PRA CONFIGURAÇÃO DA CADEIA E DA MÚSICA PERNAMBUCANA NAQUELA ÉPOCA, NÉ? ESSE TIPO DE SOM DESSA DESSE TIPO DE LINGUAGEM MAIS E DO CONTEMPORÂNEO, ASSIM E TAL. E E E INVENTIVO NÉ? ESSA COISA DE INOVAÇÃO E TAL E ERA NÃO SÓ O PÚBLICO ERA MUITO REDUZIDO COMO TAMBÉM AS OPÇÕES TAMBÉM ERAM MUITO ESCASSAS ENTÃO A GENTE TINHA CURIOSIDADE E A GENTE SE SE FORMAVA MUSICALMENTE COMO EU FALEI COM ESSE PROTAGONISMO A GENTE TINHA QUE CORRER ATRÁS SACA?</p> <p><b>LOC:</b> AGORA,/ IMAGINE VOCÊ ,/ COMO ERA NAQUELA ÉPOCA,/ QUE NÃO EXISTIAM REDES SOCIAIS E TODA ESSA FACILIDADE QUE TEMOS NOS DIAS DE HOJE,/ PARA TER ACESSO ÀS MÚSICAS DE QUALQUER LUGAR DO MUNDO,/ APENAS COM UM CLIQUE NA INTERNET?// OU SE QUER VER UM FILME EM UMA PLATAFORMA DE STREAMING?// NAQUELA ÉPOCA NÃO EXISTIA ISSO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA DJ DOLORES:</b> O JEITO QUE EU CONHECI O PESSOAL</p>
--	--

AQUI DO RECIFE QUANDO EU CHEGUEI TEM MUITO A VER COM O ESPÍRITO DAQUELA ÉPOCA. EU CHEGUEI NA CIDADE NA METADE DOS ANOS OITENTA E EU ESTAVA NA PRIMEIRA SEMANA QUE EU ESTAVA AQUI NO RECIFE. EU ESTAVA ANDANDO NA RUA E DAÍ VEIO UMA GAROTA COM UM DISCO DO CLASH EMBAIXO DO BRAÇO BEM NA BOA VISTA, AÍ ME APROXIMEI DELA E COMECEI A PUXAR CONVERSA ELA SE CHAMAVA MIAU E ERA AMIGA DOS MENINOS DE RENATO, DE MABUZI E AS COISAS ACONTECIAM DESSE JEITO, NÉ? COMO A MÚSICA ERA A CIRCULAÇÃO DE MÚSICA ERA MUITO MAIS COMPLICADA DO QUE HOJE EM DIA, PORQUE CÊ TINHA QUE TER O OBJETO FÍSICO. QUANDO ALGUÉM ESTAVA COM UM DISCO DE ALGUMA BANDA QUE NÃO TOCAVA NA RÁDIO, NÃO ERA TÃO CONHECIDO ASSIM. A GENTE SÓ JÁ ABORDAVA, PORQUE TER UM DISCO ERA UMA ESPÉCIE DE CARTÃO, DE VISITA, NÉ? A GENTE SABIA, A ESSE CARA VAI SER MEU AMIGO QUE ELE GOSTA DO CLASH, PORQUE GOSTA DE ALGUMA BANDA PUNK, TUDO ISSO DAÍ ERA MUITO DESCONHECIDO, NÉ? E A GENTE FAZIA AMIZADE DESSE JEITO ASSIM. E ÀS VEZES EU SAÍA CARREGANDO O DISCO, BASTA O BRAÇO PORQUE EU SABIA QUE ALGUÉM, ALGUM MALUCO IA SE APROXIMAR DE MIM POR CAUSA

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED - COMO CONHECEU OS MANGUEBOYS 0' - 0'59</p> <p>D.I. - “O MOMENTO EXATO...”</p> <p>D.F. - “ NA MEMÓRIA.”</p>	<p>DAQUILO DALI.</p> <p><b>LOC:</b> E O AMOR POR DISCOS?// FAZIA O GRUPO IR LONGE.//</p> <p><b>LOC:</b> QUANDO EU PERGUNTEI A FRED ZERO QUATRO,/ NA ENTREVISTA PARA ESTE PODCAST,/ COMO É QUE ELE CONHECEU CHICO SCIENCE,/ ELE DIZ QUE NÃO SE LEMBRA MUITO BEM.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO QUATRO:</b> O MOMENTO EXATO E TIPO A PRIMEIRA CONVERSA QUE EU TIVE COM O CHICO, QUEM ME APRESENTOU A ELE, SE FUI EU QUE FUI FALAR COM ELES, SE FOI ELE QUE VEIO FALAR COMIGO. EU COSTUMO DIZER QUE ESSE ARQUIVO, É BUGOU NÉ? NA MINHA MEMÓRIA, ERA UM PERÍODO QUE EU QUE EU SEI, ERA MUITA AGITAÇÃO, ASSIM NA CIDADE E TAL E ESSE ESSE É UM UMA UMA LEMBRANÇA, QUE EU NÃO CONSIGO, EU ATÉ TALVEZ EU TENHA QUE FAZER UMA PESQUISA E PROCURAR TODO MUNDO, QUE QUE SE ENCONTRAVA NAQUELA ÉPOCA, PORQUE PODE SER QUE QUE ELE ESTIVESSE JUNTO COM</p>
---	---

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Chico Science &amp; Nação Zumbi Programa Livre 1993 - YouTube</a> 2'05 - 2'17</p>	<p>O JORGE OU JUNTO COM DENGUE OU JUNTO COM ALGUÉM DAQUELA ÉPOCA. NESSE MOMENTO, MAS EU EU AINDA NÃO TENHO ESSA E NÃO TENHO MAIS ESSA IMAGEM NA MEMÓRIA.</p> <p><b>LOC:</b> MAS,/ SEGUNDO FONTES QUE PESQUISAMOS,/ CHICO ACABOU CONHECENDO FRED QUANDO ELE TINHA UM PROGRAMA DE ROCK ALTERNATIVO NA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA U-F-P-E.// ELE ERA UM OUVINTE ASSÍDUO DO PROGRAMA,/ NA ÉPOCA,/ FRED JÁ TINHA O APELIDO DE FRED ZERO QUATRO// E APRESENTAVA O PROGRAMA AO LADO DE H-D MABUSE.//</p> <p><b>LOC:</b> ESSE FOI UM TRECHO DE UMA PARTICIPAÇÃO DA BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI NO PROGRAMA LIVRE DO S-B-T,/ ANTES DO GRUPO TER LANÇADO O PRIMEIRO DISCO.// ALGUM TEMPO DEPOIS ESSE PROGRAMA FOI PARA A RÁDIO TRANSAMÉRICA F-M.//</p> <p><b>LOC:</b> VOCÊ DEVE TER PERCEBIDO JÁ QUE,/ POR MEIO DE ENCONTROS FREQUENTES,/ AOS POUCOS,/ O MANGUEBEAT FOI SURGINDO.//</p>
--	---

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED INÍCIO DO MANGUEBEAT - 0' - 1'56</p>	<p><b>LOC:</b> NESSA MESMA ÉPOCA,/ CHICO TRABALHAVA EM UMA EMPRESA DE TECNOLOGIA,/ QUE PRESTAVA SERVIÇOS PARA A PREFEITURA DO RECIFE.// NESSA MESMA ÉPOCA,/ ELE FAZIA PARTE DA BANDA ORLA URBE E ACABOU DEIXANDO ELA PARA FUNDAR A BANDA LAMENTO NEGRO.// NESSA NOVA BANDA ,/ PASSOU A ENSAIAR COM GILMAR BOLA OITO..//</p> <p><b>LOC:</b> ERA UMA BANDA FORMADA POR JOVENS DA PERIFERIA DE OLINDA E INFLUENCIADA PELO SAMBA - REGGAE E PELA NOVA MÚSICA BAIANA.// DEPOIS,/ A LAMENTO NEGRO FOI ACRESCENTANDO RITMOS REGIONAIS COMO MARACATU,/ COCO,/ E AFOXÉ.//</p> <p><b>LOC:</b> ESSA NOVA FORMAÇÃO DA LAMENTO NEGRO DUROU POUCO MESES,/ POSTERIORMENTE ACABOU SE TORNANDO O QUE VIRIA A SER A BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI,/ FORMADA POR LÚCIO MAIA,/ JORGE DU PEIXE,/ DENGUE,/ GILMAR BOLA OITO,/ TOCA OGAN,/ GIRA E CANHOTO,/ QUE GOSTAVA DE EXPERIMENTAR NOVOS INSTRUMENTOS NA BANDA,/ NÃO.// FRED ZERO QUATRO TAMBÉM FEZ ISSO.//</p>
--	---

D.I. - "BOM, O MANGUEBEAT..."

D.F. - "O QUE EU FIZ,/ NÉ?"

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** BOM, O MANGUEBEAT COMO TODO MUNDO SABE, SURTIU ALI NO COMEÇO DOS ANOS NOVENTA, NÉ? NA VIRADA ALI DE DA DÉCADA É O MANIFESTO NA VERDADE, EU ESCREVI EXATAMENTE EM NOVENTA E DOIS, MAS A GENTE JÁ VINHA COM ESSE É ESSE EVENTO ITINERANTE VIAGEM AO CENTRO DO MANGUE EU ACREDITO QUE DESDE O COMEÇO DO ANO DE NOVENTA POR AÍ OU FOI NO ANO DE NOVENTA E UM ENFIM. É EM TERMOS DA LINGUAGEM DO MUNDO LIVRE S/A, QUE COMO COMO VOCÊ FALOU AÍ NA PERGUNTA, É A BANDA É DOS ANOS OITENTA, NÉ? A BANDA JÁ EXISTIA DESDE OITENTA E QUATRO. É A ÚLTIMA ALTERAÇÃO DIGAMOS ASSIM SIGNIFICATIVA NA LINGUAGEM DA BANDA ACONTECEU, QUANDO EU DEPOIS DE UM CARNAVAL EM OLINDA, EU FIQUEI HOSPEDADO EU EU PASSEI O CARNAVAL NUMA NUMA CASA LÁ JUNTO COM UMA GALERA QUE ALUGOU JUNTO TAL E UM DESSES MORADORES, NÉ? DE LÁ NA ÉPOCA? DURANTE O CARNAVAL ERA DE UMA BANDA DE SAMBA, DE PAGODE E TAL E ELE PASSAVA O DIA CONVIDANDO AMIGOS TAL, ENTÃO TINHA UNS CARAS QUE IAM LÁ TODO DIA COM UM

**TEC:** [MELHOR VÍDEO DO CARNAVAL DE OLINDA.\(MAESTRO RISONALDO VERÇOSA\)](#) - YouTube 0' - 0'15

**TEC:** ÁUDIO FRED INÍCIO DO MANGUEBEAT 1'57 - 3'30

D.I. - “NA ÉPOCA EU...”

D.F. - “ATENÇÃO DO PÚBLICO.”

CAVAQUINHO, COM TAMBORIM, COM UM BOCADO DE COISA E TAL E É EU FIQUEI VIDRADO CARA NA HARMONIA DO CAVAQUINHO, NAS HARMONIAS QUE O CARA USAVA E TAL ERA DE SAMBA TRADICIONAL ASSIM NORMAL E TAL MAS EU FIQUEI FASCINADO NÉ? COMO O CARA CONSEGUIA HARMONIAS MUITO BACANAS ASSIM, AÍ DESCOBRI QUAL ERA A AFINAÇÃO E TAL. E AÍ ME DECIDI QUE LOGO DEPOIS DO CARNAVAL EU COMPRARIA UM CAVAQUINHO. E FOI O QUE EU FIZ, NÉ?

**TEC:** E FEZ SIM!// ESSE CARNAVAL EM OLINDA FOI ESSENCIAL PARA O JOVEM REPÓRTER DE T-V PASSASSE A MISTURAR RITMOS MUSICAIS NA BANDA DELE.//

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** NA ÉPOCA EU ERA REPÓRTER DE TELEVISÃO DA TV JORNAL, AÍ TINHA O SALÁRIO ALI ORGANIZADO E TAL EH ENTÃO EU RESOLVI E COMPREI O CAVAQUINHO FOI O ÚLTIMO ELEMENTO QUE ENTROU ASSIM NA BANDA, SABE? E AÍ A PRIMEIRA COISA QUE EU FIZ

INCLUSIVE FOI TIRAR UMAS MÚSICAS QUE EU GOSTAVA É DO REPERTÓRIO QUE EU GOSTAVA DE TOCAR, DE PUNK ROCK, MÚSICA DO THE CLASH, MÚSICA DO SEX PISTOLS, EU COMECEI A TIRAR UM CAVAQUINHO. EU FIZ ESSA EXPERIÊNCIA E ACHEI MUITO INTERESSANTE E AÍ COMECEI A USAR ISSO COMO UM ELEMENTO NA LINGUAGEM DO MUNDO LIVRE E ISSO FOI ANTES DE CONHECER CHICO SCIENCE, ANTES DE COMEÇAR O MANGUE, NÉ? UM POUCO ANTES, NA VERDADE. ENTÃO É MAS O CONHECIMENTO NÉ? O RELACIONAMENTO COM O CHICO SCIENCE, COM A GALERA DO É DO LAMENTO NEGRO, COM A GALERA DO NAÇÃO ZUMBI, É INCLUSIVE EU FREQUENTEI OS ENSAIOS AINDA DO LOUSTAL NÉ? E CHICO FREQUENTOU OS ESTADOS DO MUNDO LIVRE TAMBÉM. O QUE MAIS ME IMPRESSIONOU E QUE EU ACHO QUE ACABOU SENDO UMA REFERÊNCIA PRA MIM FOI A POSTURA DE CHICO COM O PÚBLICO ASSIM, A PERFORMANCE DELE NUM PALCO, SABE? O CARISMA DELE, A COMUNICAÇÃO DELE, A FACILIDADE QUE ELE TINHA DE DE MAGNETIZAR DIGAMOS ASSIM, A ATENÇÃO DO PÚBLICO

**LOC:** AGORA,/ EU VOU SAIR DAQUI DO

<p><b>TEC:</b> <a href="#">São Camilo 595 - Busscar Urbanus II 1998 Articulado Mercedes-Benz OF-1721 - YouTube</a></p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Sheik Tosado / 01. Toda Casa tem um pouco de África - YouTube</a> 0'45 - 0'55</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Mestre Ambrósio - Trupe (Queimar Carvao) - YouTube</a> 0'15 - 0'30</p>	<p>MANGUE PARA IR ATÉ A CIDADE CONTINUAR A MINHA JORNADA NESSA AVENTURA DE MANGUEBOY.//</p> <p><b>LOC:</b> SEGUNDO ATO</p> <p><b>LOC:</b> MANGUETOWN, A CIDADE.// A PLANÍCIE COSTEIRA ONDE A CIDADE DO RECIFE FOI FUNDADA É CORTADA POR SEIS RIOS.// APÓS A EXPULSÃO DOS HOLANDESES,/ NO SÉCULO XVII,/ A (EX)CIDADE MAURÍCIA PASSOU DESORDENADAMENTE ÀS CUSTAS DO ATERRAMENTO INDISCRIMINADO E DA DESTRUIÇÃO DE SEUS MANGUEZAIS.// EM CONTRAPARTIDA,/ O DESVAIRIO IRRESISTÍVEL DE UMA CÍNICA NOÇÃO DE PROGRESSO,/ QUE ELEVOU A CIDADE AO POSTO DE METRÓPOLE DO NORDESTE,/ NÃO TARDOU A REVELAR SUA FRAGILIDADE.//</p> <p><b>LOC:</b> VOCÊ PODE ATÉ TER ESTRANHADO EU MESMO TER RECITADO A SEGUNDA PARTE DO MANIFESTO CARANGUEJOS COM</p>
---	--

**TEC:** ÁUDIO FRED MANGUE A CIDADE  
(TODO) -

D.I. - "É MUITO DIFÍCIL..."

D.F. - "DE ENDEREÇO."

CÉREBRO.// MAS É QUE,/ O PRÓPIO  
AUTOR DO DOCUMENTO,/ FRED ZERO  
QUATRO,/ SE RECUSOU A GRAVAR  
ESSE TRECHO,/ PORQUE SEGUNDO  
ELE,/ COM O TEMPO,/ O TEXTO  
ORIGINAL DO MANIFESTADO FOI  
SOFRENDO MODIFICAÇÕES PELA  
PRÓPRIA IMPRENSA.//

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:**

É MUITO DIFÍCIL ACHAR ALGUM TEXTO  
DO MANIFESTO QUE NÃO ESTEJA  
ADULTERADO, NA INTERNET, SACA?  
ESSE É O FIM DA HISTÓRIA PRA MIM. É  
PRA MIM A INTERNET TROUXE.É UMA  
AMEAÇA OBJETIVA A ATIVIDADE DO  
HISTORIADOR PORQUE ENFIM. MAS É,  
ESSE TRECHO, ESSE SEGUNDO  
TRECHO AÍ. É A MISTURA DE UM, É  
MISTURA DE UM TEXTO ORIGINAL,  
COM PARTE DO SEGUNDO  
MANIFESTO, QUE FOI COM A MORTE  
DE CHICO. PORQUE, COMO EU DE  
CINCO EM CINCO ANOS, EU TENHO  
QUE DAR VÁRIAS ENTREVISTAS, QUE  
SAEM REPORTAGENS SOBRE OS  
CINCO ANOS DO MANIFESTO, OS DEZ  
ANOS DO MANIFESTO. ENTÃO VÃO

ATUALIZANDO E VÃO MISTURANDO UM COM OUTRO, TEM ERRO DE GRAMÁTICA PORQUE É MAL, É MAL REPRODUZIDO. ESSE SEGUNDO TEXTO AÍ ESTÁ ERRADO, ESSE SEGUNDO TRECHO AÍ, SACA? INCLUSIVE TEM ATÉ ERRO DE GRAMÁTICA, QUE EU SE TEM UMA COISA, QUE EU É ODEIO E NUNCA ME PERDOARIA, SE EU COMETESSE UM ERRO DE GRAMÁTICA NUM TEXTO PÚBLICO, INCLUSIVE ESSE, NUM TEXTO QUE FOI PUBLICADO. É NO ENCARTE DO ÁLBUM DA LAMA AO CAOS DO NAÇÃO ZUMBI, QUE FOI TRADUZIDO EM DEZENAS DE IDIOMAS PELA SONY NÉ? ESPALHADO PELO MUNDO E TAL. ENFIM, É ENTÃO EU CONFESSO QUE EU VOU FICAR DEVENDO. PORQUE A ÚNICA PESSOA QUE EU SEI QUE TEM O TEXTO ORIGINAL IMPRESSO.

EU ACHO QUE DEVIA E MANDAR URGENTE ALGUMAS CÓPIAS PRO MEMORIAL CHICO SCIENCE É O JORNALISTA JOSÉ TELES,/ ELE FICOU DE ME MANDAR UMA CÓPIA AQUI QUE EU NÃO TENHO MAIS, EU SOU MUITO DESORGANIZADO, EU NÃO TENHO UMA CÓPIA DO MANIFESTO ORIGINAL NÃO, QUE ERA ALGUMAS DEZENAS DE CÓPIAS XEROX QUE A GENTE FEZ NA ÉPOCA E MANDOU PRAS REDAÇÕES, PRAS RÁDIOS E TAL. MAS EU NÃO GUARDEI, ENTENDEU? GUARDEI, MAS

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Voltando Fita / Rebobinando - Efeito Sonoro - YouTube</a> 0' - 0'3</p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO MARINHEIRO</p> <p>D.I - "UMA FESTA PRIVADA?"</p> <p>D.F. - "PEIAR HOJE?"</p>	<p>EXTRAVIOU, JÁ ME MUDEI VÁRIAS VEZES DE ENDEREÇO E TAL.</p> <p><b>LOC:</b> EU CHEGUEI A TENTAR SABER DE JOSÉ TELES SE ELE AINDA POSSUÍA O DOCUMENTO ORIGINAL,/ DO MANIFESTO CARANGUEJOS COM CÉREBRO,/ MAS,/ ATÉ O MOMENTO QUE ESTE EPISÓDIO FOI AO AR,/ NÃO OBTIVE NENHUMA RESPOSTA DELE SOBRE O ASSUNTO.//</p> <p><b>LOC:</b> 23 DE NOVEMBRO DE 1990, AVENIDA RIO BRANCO, NÚMERO 66, RECIFE ANTIGO,/ PERNAMBUCO.//</p> <p><b>LOC:</b> NA PAREDE DE UM CASARÃO DE TRÊS ANDARES CONSTA UM CARTAZ COM ILUSTRAÇÃO EM PRETO E BRANCO COM O ROSTO DE UM HOMEM COM UM CHAPÉU DE MARINHEIRO E,/ AO REDOR DELE,/ DEZENAS DE CHAVES.// AO LADO DA FIGURA,/ A FRASE: SEXTA SEM SEXO.//</p> <p><b>MARINHEIRO (INTERPRETADO POR RICARDO LEMOS):</b> - UMA FESTA PRIVADA? EU SÓ TENHO FOLGA A CADA QUINZE DIAS,/ COMO VOU PEIAR HOJE?</p>
---	--

**LOC:** POR NÃO CONSEGUIR O QUE ELE QUERIA ,/ PEIA,/ QUE É O MESMO QUE TRANSAR,/ O HOMEM FOI EMBORA REVOLTADO DO LOCAL,/ COM SEU PERFUME QUE SE ESPALHOU PELAS ESCADARIAS DO PRÉDIO.//

**LOC:** NESSE CASARÃO FUNCIONAVA UM PUTEIRO.// NAQUELE DIA,/ O LOCAL ESTAVA FECHADO PARA UMA FESTA PRIVADA,/ O QUE DEIXOU TODO MUNDO DAS REDONDEZAS DE SURPRESA.//

**LOC:** NAQUELE DIA,/ APENAS O ÚLTIMO ANDAR DESSE CASARÃO,/ NO RECIFE ANTIGO,/ ESTAVA RESERVADO PRA ESSA FESTA.//

**LOC:** O LOCAL COM PISO DE MADEIRA,/ BALCÃO DE MADEIRA,/ VIGAS E BATENTES.//

**LOC:** NO LOCAL TAMBÉM HAVIA UM SOFÁ VERMELHO,/ BOIAS E CORDAS PELAS PAREDES.//

**LOC:** O PRÉDIO QUE JÁ ESTÁ MEIO SURRADO PELO TEMPO,/ O SALÃO PARECE UM CLUBE NÁUTICO.//

**LOC:** OS ALTOS FALANTES ECOAVAM MÚSICAS DE MARVIN GAYE E ATÉ EINSTURZENDE NEUBAUTEN,/ UMA

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Stand by Me - YouTube</a></p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">Einstürzende Neubauten - YouTube</a></p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO ADÍLIA</p> <p>D.I. - “EITA QUE VALEU”</p> <p>D.F. - “ESSES JOVENS.”</p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO PRIMEIRA FESTA 3 - DJ DOLORES</p> <p>D.I. - “CARA, A RUA...”</p>	<p>VERDADEIRA SALADA MUSICAL.//</p> <p><b>LOC:</b> ENTREGUES A ANIMAÇÃO DO LOCAL,/ RAPAZES E MOÇAS DANÇAVAM ANIMADOS.// ADÍLIA,/ A DONA DO CABARÉ,/ OLHA DE RELANCE A CAIXA REGISTRADORA DO BAR E SORRI.//</p> <p><b>ADÍLIA (INTERPRETADA POR CECÍLIA SOUZA):</b> EITA QUE VALEU A PENA FAZER ESSA FESTINHA PRIVADA HOJE PRA ESSES JOVENS.//</p> <p><b>LOC:</b> OS QUARTINHOS DO PRIMEIRO ANDAR ESTÃO FECHADOS.// NESSA NOITE,/ AS MENINAS QUE TRABALHAM NO PUTEIRO ESTÃO DE FOLGA.//</p> <p><b>LOC:</b> SÃO SEIS HORAS DA MANHÃ,/ O ASSOALHO VIBRA,/ A CARNE TREME.// O SOL JÁ VAI RAIAR.// ESTAMOS NO ADÍLIA PALACE,/ UM PUTEIRO DO RECIFE E AQUI COMEÇA O MOVIMENTO MANGUEBEAT.// SEGUNDO HÉLDER ARAGÃO,/ O D-J DOLORES...//</p>
---	---

D.F. - "E CONTEVE OS CARAS."

**TRANSCRIÇÃO SONORA DJ DOLORES:**

CARA, A RUA ERA ONDE HOJE EM DIA TEM AQUELE CALÇADÃO. É ALI NA RUA ONDE TEM O BANCO DO BRASIL. CHAMAVA ADILIAS PLACE. MAIS TARDE O ADILIAS, VIROU FRANKS FRANCIS DRINKS. E AÍ FOI UMA NOVA GERAÇÃO FAZENDO FESTA POR LÁ, MAS DONA ADILIA, ERA UMA CAFETINA DAS ANTIGAS, O LUGAR EXISTIA DESDE A DÉCADA DE SESSENTA E CONHECEU TEMPOS MAIS LUCRATIVOS, QUANDO OS OS NAVIOS ESTRANGEIROS DESEMBARCAVAM LÁ NO NO PORTO QUE ERA BEM ALI NA FRENTE, BEM PERTINHO. A GENTE CHEGOU A RECEBER MARINHEIRO NAS FESTAS, ENTÃO TAVA LÁ O LUGAR FECHADO PRA PRA FESTA PARTICULAR E CHEGAVA OS MARINHEIROS, AÍ ÀS VEZES NÃO QUERIAM PAGAR, ÀS VEZES TINHA TRETA. ME LEMBRO DE UMA VEZ, DE UM ROLO QUE TEVE COM OS MARINHEIROS RUSSOS QUE CHEGARAM NO RÉVEILLON E OS CARA NÃO ENTENDIAM O PORTUGUÊS, NÃO ENTENDIAM QUE ERA UMA FESTA PARTICULAR, NÃO QUERIAM PAGAR ENTRADA, FOI UMA CONFUSÃO DANADA QUE ACONTECEU UMA ACONTECEU UMA TRAGÉDIA, PORQUE POR ACASO A POLÍCIA ESTAVA PASSANDO E CONTEVE OS CARAS.

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FESTA 1 - DJ DOLORES 0'28 - 1'01</p> <p>D.I. - "E AÍ A GENTE." D.F. - "DE MODO COOPERATIVO."</p>	<p><b>LOC:</b> ESSA PRIMEIRA FESTA FOI REALIZADA EM PROL DE ARRECADAÇÃO DE DINHEIRO PARA ALÊ,/ IRMÃ DE PUPILO,/ EX- BATERISTA DA NAÇÃO ZUMBI.// SIMBOLICAMENTE FOI A PRIMEIRA FESTA MANGUEBEAT,/ SEGUNDO O LIVRO DO DISCO CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI DA LAMA AO CAOS,/ DA JORNALISTA LORENA CALÁBRIA,/ PUBLICADO EM 2020.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA DJ DOLORES:</b> E AÍ A GENTE SE REVEZAVA, A GENTE GRAVAVA NAQUELA ÉPOCA, NÃO TINHA DJ ASSIM TOCANDO AO VIVO, ENTÃO A GENTE GRAVAVA AS FITA CASSETE, ENTÃO GENTE GRAVAVA AS FITA CASSETE JUNTO, SE REVEZAVA NA BILHETERIA, AJUDAVA NA PRODUÇÃO, CADA UM FAZIA UMA PARTE, EU FAZIA, EU FIZ O CARTAZ. É ENFIM, ERA DESSE JEITO. ENTÃO FOI A PRIMEIRA VEZ QUE A TURMA, QUE AQUELE NÚCLEO ALI QUE MAIS TARDE VIRIA A CRIAR ESSA COISA CHAMADA MANGUEBEAT, ESSA CENA. FOI APENAS QUE A GENTE TRABALHOU JUNTO DE MODO COOPERATIVO.</p> <p><b>LOC:</b> NAQUELA ÉPOCA ,/O RECIFE</p>
---	---

**TEC:** ÁUDIO FRED - FESTA INÍCIO - 0'23 - 2'29

D.I. - "É NO BAIRRO..."

D.F. - "ABRIL PRO ROCK E TAL."

ANTIGO VIVIA EM UMA FASE DE  
DECADÊNCIA,/ ASSIM COMO TODA A  
CIDADE DO RECIFE,/ SEGUNDO FRED  
ZERO QUATRO.// O ESTADO,/ NAQUELA  
ÉPOCA,/ NÃO POSSUÍA UMA CENA  
CULTURAL MUITO FORTE.//

**TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO**

**QUATRO:** É NO BAIRRO DO RECIFE  
POR EXEMPLO, A RUA DA MOEDA,  
QUEM CONHECIA O QUE ERA A RUA DA  
MOEDA EM NOVENTA, NOVENTA E UM,  
NOVENTA E DOIS E VÊ O QUE É HOJE.  
A RUA DA MOEDA ERA TOTALMENTE  
ABANDONADA, NINGUÉM  
FREQUENTAVA, ERA NÃO SÓ A RUA DA  
MOEDA, MAS A RUA DO BOM JESUS,  
TODO RECIFE ANTIGO, ERA  
TOTALMENTE. É OS PRIMEIROS  
SOPROS DE RENASCIMENTO DO  
RECIFE ANTIGO, PRA QUEM NÃO VIVEU  
AQUELA ÉPOCA DOS ANOS OITENTA E  
NOVENTA FORAM AS FESTAS QUE  
DERAM ORIGEM AO MANGUEBEAT,  
NAS FESTAS DOS DJS NÉ? DJS, OS  
CRU CRU CREWB. ERA UM UM  
COLETIVO DE DJS QUE ERA JORGE DO  
PEIXE, MABUZI, EU, RENATO E TAL. É  
QUE FAZIA FESTA NOS ANTIGOS  
CABARÉS ALI, QUE SÓ ERAM  
FREQUENTADOS POR POR

<p><b>TEC:</b> PAISAGEM SONORA PAÇO ALFÂNDEGA</p>	<p>PROSTITUTAS E MARINHEIROS E ERAM TRÊS QUATRO LUGARES, QUE ROLAVAM FESTAS QUE O ALGUNS UNIVERSITÁRIOS COMEÇARAM A FREQUENTAR POR CONTA DAS FESTAS DO EMBRIÃO DO MANGUE ALI. E QUE DEPOIS EH ACABOU LEVANDO A UM A UMA REOCUPAÇÃO, NÉ? DO RECIFE ANTIGO. O RECIFE O BAIRRO DO RECIFE É O MAIOR EMBLEMA DO QUE EU TINHA FALADO SOBRE O MANGUEBEAT TER SIDO TER ANTECIPADO EM DÉCADAS A NOÇÃO DE OCUPAÇÃO. E ALI NÃO É ATOA QUE TÁ ALI HOJE A ESTÁTUA DE CHICO SCIENCE ALI NA RUA DA MOEDA, TEM UM CARANGUEJO GIGANTE QUE FOI, É UM LEGADO DA FENEARTE DESDE DO ANO PASSADO, AGORA INSTALADO ALI NO CASO DA ALFÂNDEGA. O PRÓPRIO PAÇO ALFÂNDEGA ERA UMA RUÍNA NAQUELA ÉPOCA E FOI OCUPADO, FOI OCUPADO. AINDA COMO RUÍNA POR E PELO CRIADORES DO ENTÃO MERCADO MIX, QUE ERA UMA UMA CONSEQUÊNCIA DO MANGUEBEAT, DO ABRIL PRO ROCK E TAL.</p> <p><b>LOC:</b> QUEM ACABOU DE FALAR FOI FRED ZERO QUATRO. E EU ESTOU AQUI NO RECIFE ANTIGO.// O BAIRRO QUE É UM DOS PONTOS TURÍSTICOS DA CAPITAL PERNAMBUCANA,/ FACILMENTE QUALQUER UM</p>
---	--

**TEC:** PAISAGEM SONORA RUA

CONSEGUE OBSERVAR VÁRIOS PRÉDIOS ABANDONADOS NO LOCAL.//

**LOC:** A ESTÁTUA GIGANTE QUE FRED ZERO QUATRO SE REFERE,/ NO ÚLTIMO ÁUDIO,/ FICA EM FRENTE AO RIO CAPIBARIBE.// O MONUMENTO POSSUI 12 METROS DE LARGURA E CINCO DE COMPRIMENTO.// É FEITA DE AÇO CARBONO CORTADO A LASER.// A INTERVENÇÃO,/ CRIADA EM HOMENAGEM AOS TRINTA ANOS DO MOVIMENTO EM JULHO DE 2022,/ TEM COLAGENS COLORIDAS E,/ TAMBÉM,/ PINTURAS COM TINTAS AUTOMATIVAS.// É APENAS MAIS UMA DE DEZENAS DE MONUMENTOS RELACIONADOS AO MOVIMENTO MANGUEBEAT QUE EXISTE EM RECIFE.//

**LOC:** BOM,/ EU VOU AQUI NA RUA DA MOEDA,/ NO BAIRRO DO RECIFE,/ TOMAR UMA CERVEJINHA,/ PORQUE,/ COMO DIZ CHICO SCIENCE,/ UMA CERVEJA ANTES DO ALMOÇO MUITO BOM PRA FICAR PENSANDO MELHOR..//

**LOC:** E POR FALAR EM BAR,/ CHICO E OS ENVOLVIDOS NA CENA MANGUE FREQUENTEMENTE ESTAVAM EM BARZINHOS,/ DISCUTINDO TODO TIPO DE COISA QUE VOCÊ POSSA IMAGINAR//

**TEC:** [Chico Science e Nação Zumbi / 05. A](#)

[Praieira - YouTube](#) 0' - 10

**LOC:** O MAIS FAMOSO LUGAR,/ PONTO DE ENCONTRO DOS MANGUEBOYS,/ ERA A SOPARIA,/ FUNDADA POR ROGER DE RENOR.// FUNCIONAVA LÁ NO BAIRRO DO PINA,/ NA ZONA SUL DE RECIFE.//

**LOC:** POR LÁ TOCARAM DIVERSAS BANDAS QUE FAZEM PARTE DO MOVIMENTO.// ALÉM DE CHICO & NAÇÃO ZUMBI,/ TAMBÉM CHEGARAM A TOCAR MUNDO LIVRE,/ MESTRE AMBRÓSIO E DIVERSAS OUTRAS.//

**TEC:** [SOPARIA - 1999 - YouTube](#) 6'40 - 7'11

**LOC:** FOI EM UM DESSES ENCONTROS COM OS AMIGOS QUE CHICO FALOU O NOME DAQUILO QUE ELES ESTAVAM CRIANDO:/ ERA MANGUE.//

**LOC:** CHICO TAMBÉM DISSE QUE O SÍMBOLO DO MOVIMENTO SERIA UMA PARABÓLICA NA LAMA,/ UMA REPRESENTAÇÃO QUE LIGAVA O TRADICIONAL À MODERNIDADE.//

**LOC:** UMA VERDADEIRA CRÍTICA SOCIAL ÀS MISÉRIAS DE PERNAMBUCO COM O USO DO CHAPÉU DE PALHA,/ OS ÓCULOS DE ESCURO E A CAMISA ESTAMPADA.//  
RELEASE MANIFESTO CARANGUEJOS COM CÉREBRO,/ DE AUTORIA DE FRED ZERO QUATRO,/ EM 1922.//

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED MANIFESTO - 0' - 1'02</p> <p>D.I. - "BOM, SOBRE..."</p> <p>D.F. - "ESSES RELEASES."</p>	<p><b>LOC:</b> O PONTAPÉ INICIAL PARA O MANGUEBEAT SE CONSOLIDAR COMO MOVIMENTO FOI QUANDO A BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, JUNTO COM A MUNDO LIVRE S/A, LANÇOU, NA IMPRENSA, O</p> <p><b>LOC:</b> QUE SEGUNDO FRED ZERO QUATRO...//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO QUATRO:</b> BOM, SOBRE O MANIFESTO FOI UMA CONJUNÇÃO DE FATORES QUE ME LEVARAM A TOMAR ESSA INICIATIVA DE ESCREVER. PORQUE ASSIM, PRIMEIRO EU TINHA VINDO, EU VINHA DE UMA EXPERIÊNCIA QUE EU PASSEI MUITOS ANOS TRABALHANDO, MAIS DE DOIS ANOS TRABALHANDO COMO DISCOTECÁRIO NUMA EMISSORA DE RÁDIO DAQUI, NA RÁDIO TRANSAMÉRICA. E QUE EU TINHA ENTRE MUITAS FUNÇÕES, EU ERA ENCARREGADO DE LER E GUARDAR E CATALOGAR TODOS OS RELEASES QUE CHEGAVAM DAS GRAVADORAS. RELEASE DO ÁLBUM NOVO DE TAL ARTISTA DE UMA NOVA TURNÊ, NÃO ENTÃO AS GRAVADORAS MANDAVAM,</p>
---	--

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED MANIFESTO CARANGUEJO 1'03 - 2'17</p> <p>D.I. - "E EU AQUI..."</p> <p>D.F. - "TEMPO LIVRE."</p>	<p>CADA CADA LANÇAMENTO, CADA INICIATIVA DA GRAVADORA ELES MANDAVAM, É PRA PRA IMPRENSA E PRAS RÁDIOS ESSES RELEASES.//</p> <p><b>LOC:</b> PRA QUEM NÃO SABE,/ RELEASE É UM TEXTO FEITO PELAS ASSESSORIAS DE EMPRESAS OU INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS,/ ENVIADO PARA OS JORNALISTAS,/ COM O OBJETIVO DE DIVULGAR UMA MARCA,/ UM PRODUTO OU UM SERVIÇO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO QUATRO:</b> EU E AQUI NA RÁDIO QUE EU TRABALHAVA EU LIA, TINHA CONTATO DIRETO ESTAVA ACOSTUMADO COM AQUELA E COM A IMPORTÂNCIA DE TER UMA PEÇA ALI RESUMINDO E E FAZENDO UMA UMA FORMA DE EMBALAR E ATRAIR ATENÇÃO, A CURIOSIDADE SOBRE UM DETERMINADO ÁLBUM NOVO, UM DETERMINADO PROJETO NOVO DE ALGUM ARTISTA E TAL. ENTÃO EU E ALÉM DE QUE EU TENHO A FORMAÇÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, SOU BACHAREL EM EM COMUNICAÇÃO SOCIAL. ENTÃO EU TIVE JUNTOU</p>
--	--

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED MANIFESTO CARANGUEJO 2'18 - 4'45</p> <p>D..I. - " E NESSE NEGÓCIO..."</p> <p>D. F. - "OS MANGUEZAIS."</p>	<p>PRIMEIRO ESSE FATO, QUE AÍ SEGUNDO EU QUANDO EU FUI DEMITIDO DA RÁDIO, JUSTAMENTE PORQUE EU NÃO CONSEGUIA MAIS CONCILIAR OS SHOWS DE FIM DE SEMANA COM OS PLANTÕES DA RÁDIO E AÍ EU NÃO TINHA MAIS COMO CONCILIAR. AÍ ACABEI AFASTADO DA RÁDIO, É EU FIQUEI COM ALGUNS MESES DAQUELA COISA DE SALÁRIO DESEMPREGO, E TEMPO LIVRE.</p> <p><b>LOC:</b> E CLARO QUE,/ NESSE TEMPO LIVRE,/ FRED IRIA ACABAR INVENTANDO ALGO PARA PASSAR O TEMPO.// E ELE ACABOU USANDO ESSE TEMPO DE ÓCIO PARA FAZER UM BICO,/ GRANINHA EXTRA.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO</b> <b>QUATRO:</b> E NESSE NEGÓCIO DE TEMPO LIVRE TAMBÉM ACABOU QUE UM UMA PRODUTORA DE AUDIOVISUAL DE OLINDA A TV VIVA, LIGADA A AO CENTRO LUIZ FREIRE. É ESSA PRODUTORA ESTAVA FINALIZANDO, QUERENDO FINALIZAR NA VERDADE UM DOCUMENTÁRIO QUE JÁ VINHA DE ALGUNS ANOS E</p>
---	---

QUE ERA SOBRE OS MANGUEZAIS DE PERNAMBUCO. E ERA UM DOCUMENTÁRIO QUE JÁ TINHA MUITAS HORAS DE IMAGEM GRAVADA, ENTREVISTAS GRAVADAS COM PESCADORES, COM O PESSOAL, É DAS PALAFITAS E TAL, DOS MANGUES E MAIS NÃO TINHA UM JORNALISTA PRA FAZER O TEXTO FINAL. E ELES QUERIAM CONTRATAR UM JORNALISTA E UM NARRADOR. E AÍ ELES SOUBERAM QUE EU TINHA QUE EU ESTAVA FAZENDO FREELA, QUE EU TINHA SAÍDO DA TV E AÍ ME CONVIDARAM. ENTÃO EU FUI, EU ALÉM DE TER ACESSO A ESSE MATERIAL E JÁ FILMADO, JÁ GRAVADO, ELES ME DERAM TAMBÉM MUITOS LIVROS. TUDO QUE JÁ TINHA SIDO PUBLICADO POR PESQUISADORES SOBRE, O LADO BIOLÓGICO MESMO DO FUNCIONAMENTO DOS MANGUEZAIS DA IMPORTÂNCIA DOS MANGUEZAIS E TAL. ENTÃO É JUNTOU ISSO. EU ESTAVA COM MUITO TEMPO LIVRE, EU ESTAVA COM UM SALÁRIO DESEMPREGO E BANCANDO AS FARRAS DA GALERA, DO MANGUE E TAL E EU TINHA ACABADO DE PRODUZIR O TEXTO SOBRE MANGUEZAL E ESTAVA COM AQUILO FERVILHANDO NA CABEÇA E TANTO É QUE E AÍ PERCEBI QUE DEPOIS DE MESES E MESES DE QUE O EVENTO VIAGEM AO CENTRO DO MANGUE

<p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Quilombo Groove (Instrumental)</a> <a href="#">- YouTube</a> 0'22 - 43</p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO FRED TERCEIRO (TODO)</p> <p>D.I. - "MANGUE, A CENA.//" D.F. - "VEIAS DO RECIFE.//"</p>	<p>ESTAVA RODANDO EM ALGUNS EM VÁRIOS BAIRROS DO RECIFE AUMENTANDO O PÚBLICO, MAS A GENTE NÃO TINHA MANDADO NADA AINDA PRA IMPRENSA, NENHUM. NÃO TINHAM PRODUZIDO NENHUM TEXTO AINDA, NENHUM RELEASE. A IDEIA NÃO ERA SER UM MANIFESTO, ERA SER UM RELEASE. AÍ CAIU ESSA FICHA, AÍ NUMA TARDE QUE EU PAREI E VOU ESCREVER E INSPIRADO NAS EXPRESSÕES QUE A GENTE FALAVA NOS SHOWS, SOBRE OS CARANGUEJOS COM O CÉREBRO, SOBRE OS MANGUEBOYS E MANGUEGIRLS E TAMBÉM PELO PELA PESQUISA QUE EU TINHA FEITO SOBRE OS MANGUEZAIS.</p> <p><b>LOC:</b> A PARTIR DAÍ,/ O MOVIMENTO PASSOU A CHAMAR MAIS ATENÇÃO,/ SENDO CONSIDERADO UM DOS GRANDES ACONTECIMENTO CULTURAIS DO SÉCULO VINTE.//</p> <p><b>LOC:</b> TERCEIRO ATO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA FRED ZERO QUATRO:</b> MANGUE, A CENA.</p>
---	---

EMERGÊNCIA! UM CHOQUE RÁPIDO OU O RECIFE MORRE DE INFARTO! NÃO É PRECISO SER MÉDICO PARA SABER QUE A MANEIRA MAIS SIMPLES DE PARAR O CORAÇÃO DE UM SUJEITO É OBSTRUINDO AS SUAS VEIAS. O MODO MAIS RÁPIDO, TAMBÉM, DE INFARTAR E ESVAZIAR A ALMA DE UMA CIDADE COMO O RECIFE É MATAR OS SEUS RIOS E ATERRAR OS SEUS ESTUÁRIOS. O QUE FAZER PARA NÃO AFUNDAR NA DEPRESSÃO CRÔNICA QUE PARALISA OS CIDADÃOS? COMO DEVOLVER O ÂNIMO, DESLOBOTOMIZAR E RECARREGAR AS BATERIAS DA CIDADE? SIMPLES! BASTA INJETAR UM POUCO DE ENERGIA NA LAMA E ESTIMULAR O QUE AINDA RESTA DE FERTILIDADE NAS VEIAS DO RECIFE.

**LOC:** VOCÊ ACABOU OUVIR UM TRECHO DO ÚLTIMO ATO DO MANIFESTO CARANGUEJOS COM CÉREBRO,/ COM INTERPRETAÇÃO DO PRÓPRIO CRIADOR DESSE DOCUMENTO,/ O FRED ZERO QUATRO.//

**LOC:** QUANDO O MOVIMENTO MANGUEBEAT SURTIU O ÚLTIMO GRANDE MOVIMENTO CULTURAL,/ CRIADO NO BRASIL,/ TINHA SIDO O TROPICALISMO,/ NA DÉCADA DE 1960.// É O QUE DIZ O JORNALISTA JOSÉ

**TEC:** ÁUDIO JOSÉ TELES  
TROPICALISMO - 0'4 - 1'22

D.I. - "É O SEGUINTE..."

D.F. - "É MUITO MPB."

TELES.//

**TRANSCRIÇÃO SONORA JOSÉ TELES:**

É O SEGUINTE, PORQUE, O TROPICALISMO FOI O ÚLTIMO MOVIMENTO ASSIM NÉ? MAIS OU MENOS ORGANIZADO E SE BEM QUE NA VERDADE O TROPICALISMO SE VOCÊ FOR OLHAR DIREITO, ELE NEM EXISTIU. ELE NEM EXISTIA. OS CARA FORAM FORAM ADAPTANDO. QUANDO COMEÇOU NÃO ERA UM MOVIMENTO DE NADA. OS CARA FORAM ADAPTANDO A HISTÓRIA E TERMINOU VIRANDO UM MOVIMENTO E PASSOU POR UM COMO MOVIMENTO, NÉ? COMO ISSO ACONTECE COM A MAIORIA DOS MOVIMENTOS. O MANGUEBEAT NÃO ERA UM MOVIMENTO. BANDA QUE FALAVA EM CARANGUEJO, ESSAS COISAS DE LAMA SÓ TINHA CHICO SCIENCE E MAIS UMAS DUAS QUE IMITAVAM, NÉ? É MAS SÓ QUE DEPOIS DO TROPICALISMO QUE FOI CONSIDERADO UM MOVIMENTO, É CONSIDERADO ATÉ HOJE, NÃO SURGIRAM, NÃO SURGIRAM MAIS MOVIMENTOS IMPORTANTES DA MÚSICA BRASILEIRA, NÉ? IMPORTANTE SURTIU A VANGUARDA PAULISTANA

<p><b>TEC:</b><a href="https://youtube.com/playlist?list=PLnM13HpDqzPcYXwtolceLHxXeeLupajWI">https://youtube.com/playlist?list=PLnM13HpDqzPcYXwtolceLHxXeeLupajWI</a></p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO JOSÉ TELES TROPICALISMO - 1'22 - 2'41</p> <p>D.I. - "A DIFERENÇA D.F. - "NÃO ERA MOVIMENTO."</p>	<p>NOS ANOS NÉ? NOS ANOS SETENTA, OITENTA, MAS TAMBÉM NÃO ERA MOVIMENTO, ERA UM TINHA UMA ESTÉTICA E TAL, MAS NÃO ERA REALMENTE UM MOVIMENTO LIBIDO NÃO TAMBÉM NÃO ERA NÃO NÃO FOI O MOVIMENTO FOI UMA MOVIMENTAÇÃO NÉ? O MOVIMENTO MEXEU COM RECIFE. O TROPICALISMO NA VERDADE, ELE É MUITO MAIS DE VISUAL QUE DE ESTÉTICA. PORQUE A MÚSICA TROPICALISTA NÃO TEM MÚSICA,É MUITO MPB.</p> <p><b>LOC:</b> MAS,/ PARA JOSÉ TELES,/ O MOVIMENTO MANGUEBEAT É MUITO MAIS RICO SONORA E VISUALMENTE QUE O TROPICALISTA.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA JOSÉ TELES:</b> A DIFERENÇA DA MÚSICA TROPICALISTA É QUE AS LETRAS SÃO MAIS SÃO É OUTRO TIPO DE DE POÉTICA NÉ? E ELES USAVAM GUITARRA. MAS GUITARRA, NÃO ERA NENHUMA NOVIDADE NA MÚSICA BRASILEIRA PORQUE TOCAVAM GUITARRA NA MÚSICA BRASILEIRA</p>
---	---

DESDE A DÉCADA DE CINQUENTA, NÉ? UM DOS MAIORES GUITARRISTAS BRASILEIROS DE TODOS OS TEMPOS FOI BOLA SETE, QUE TOCOU NO BRASIL NOS ANOS CINQUENTA. ENTÃO É ISSO. SÓ QUE O MOVIMENTO MANGUEBEAT FOI CONSIDERADO UM MOVIMENTO E EU ACHO INCLUSIVE ESTETICAMENTE ERA MUITO MAIS INTERESSANTE, QUE É O TROPICALISMO. PORQUE TRAZIAM NOVIDADES MUSICAIS, NÉ? ELE MUDAVA A ESTÉTICA DA MÚSICA, NÃO ERA SÓ ESTÉTICA DE LETRA. QUER DIZER, O MANGUEBEAT TEVE AQUELA COISA DE CHICO SCIENCE, NÉ? AQUELA MISTURA DE ESTILOS DE ALFAIA. QUE NÃO SE USAVA NA MÚSICA POPULAR, A MÚSICA POPULAR DE ROCK E TAL QUE SE USAVA ALFAIA COM AQUELAS GUITARRAS DE TRASH METAL E COM A POÉTICA DE CHICO FALANDO DA MISÉRIA DO RECIFE E OUTRAS COISAS MAIS. É ISSO FOI DEPOIS DO TROPICALISMO EM SESSENTA E OITO FOI, MAIS OU MENOS ÚLTIMO QUE HOVE NO BRASIL. QUE ERA UM MONTE DE GENTE, AÍ TEVE DEPOIS FRED ESCREVEU UM MANIFESTO, QUE ERA MAIS UMA TIRAÇÃO DE ONDA E VIROU UM MOVIMENTO. AINDA NA ÉPOCA ELES DIZIAM QUE NÃO ERA MOVIMENTO.

<p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Abril pro Rock 1993 - Ocupação Chico Science (2010) - YouTube</a> 0' - 0'26</p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO JOSÉ TELES - SUCESSO DA NAÇÃO ZUMBI 0'3 - 1'25</p> <p>D.I. - "BOM, NAÇÃO ZUMBI..."</p> <p>D.F. - " E POR AÍ FOI."</p>	<p><b>LOC:</b> ALÉM DO MANIFESTO,/ CRIADO POR FRED ZERO QUATRO, // OUTRO FATOR QUE CONTRIBUIU PARA QUE AS BANDAS,/ DO MOVIMENTO MANGUEBEAT,/ CHAMASSEM ATENÇÃO DA IMPRENSA NACIONAL E DAS GRAVADORAS,/ FOI O FESTIVAL ABRIL PRO ROCK.//</p> <p><b>LOC:</b> O FESTIVAL DE ROCK,/ NO MEIO DO NORDESTE,/ CHAMAVA ATENÇÃO DE JORNALISTAS DE TODO PAÍS PARA COBRIR O EVENTO.// E NA EDIÇÃO DE 1993,/ DO ABRIL PRO ROCK,/ ESTAVA LÁ/ CHICO SCIENCE &amp; NAÇÃO ZUMBI SE APRESENTANDO.//</p> <p><b>LOC:</b> MOMENTO QUE SERIA O PRIMEIRO GRANDE SHOW DE MUITOS QUE ESTARIAM POR VIR PELO BRASIL E,/ TAMBÉM,/ PELO EXTERIOR.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA JOSÉ TELES:</b> BOM, NAÇÃO ZUMBI ELE FEZ UMA COISA TOTALMENTE ORIGINAL, NÉ? O SOM DA NAÇÃO ERA MUITO ORIGINAL. AQUELA FORMAÇÃO DE TAMBORES E TAL E GUITARRAS, NÉ? PESADONA A GUITARRA DE LÚCIO. E TEM A COISA DO CARISMA DE CHICO, NÉ? CHICO ERA MUITO CARISMÁTICO VELHO. CHICO QUANDO EU VI PELA PRIMEIRA VEZ EU NÃO DEI A MENOR IMPORTÂNCIA A CHICO, PORQUE SEM</p>
---	---

NÉ MENOSPREZAR O CARA NÃO, MAS NÃO ME PARECEU QUE FOSSE O QUE ELE ERA EM PALCO, NÉ? EM PALCO ERA UM MONSTRO, NÉ? E FEZ UMA MÚSICA QUE DAQUELE TEMPO O ROCK BRASILEIRO ESTAVA ESGOTADO? NA DÉCADA DE NOVENTA, MAS FOI NA DÉCADA DE NOVENTA. O ROCK BRASILEIRO JÁ TINHA DADO O QUE TINHA DE DAR. SURGIAM AS BANDAS AQUI ALI EM MINAS, TAL, MAS NÃO TINHA TANTO BADALAÇÃO, NÉ? E FOI A PARTIR E AQUI COMEÇOU EM RECIFE, QUE NÃO SE DAVA VALOR A MÚSICA RECIFENSE, DE REPENTE O PESSOAL COMEÇOU A DAR VALOR NÉ? COMEÇOU A IR PRA SHOWS. COMEÇOU A GENTE DA IMPRENSA COMEÇOU A FALAR MUITO DO MANGUEBEAT E CHAMOU ATENÇÃO DA IMPRENSA DO SUDESTE. NÃO TINHAM NADA NOVO PRA FALAR. AÍ O CARLOS EDUARDO MIRANDA ME PEDIU UMA MATÉRIA PRA REVISTA BIS, FOI A PRIMEIRA MATÉRIA QUE SAIU SOBRE NO SUDESTE E DAÍ O PESSOAL COMEÇOU A SE INTERESSAR, ESPALHOU PROS OUTROS JORNAIS E VEIO ABRIL PRO ROCK, NÉ? QUE JÁ VIERAM, ALGUNS JORNALISTAS FAMOSOS DO SUL PRA CÁ, PRO ABRIL PRÓ ROCK O E POR AÍ FOI.

**LOC:** QUEM ACABOU DE FALAR FOI O JORNALISTA JOSÉ TELES.//

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Liminha conta como foi produzir a banda Chico Science &amp; Nação Zumbi - YouTube</a> 0'21 - 0'49</p> <p>D.I. - “O CHICO SCIENCE...” D.F. - “ TEM UM BOROGODÓ.”</p>	<p><b>LOC:</b> O EMPRESÁRIO PAULO ANDRÉ,/ CRIADOR DO ABRIL PRO ROCK,/ HAVIA MORADO TRÊS ANOS EM LOS ANGELES,/ NOS ESTADOS UNIDOS,/ ONDE VIU SURGIR UMA GERAÇÃO DE BANDAS.// QUANDO VOLTOU PARA RECIFE,/ ABRIU UMA LOJA DE DISCOS,/ A ROCK'N PRESS.</p> <p><b>LOC:</b> ELE JÁ HAVIA VISTO CHICO,/ ALGUMAS VEZES,/ EM MEIO À BOEMIA RECIFENSE.// MAS EM UM BELO DIA,/ ASSISTIU A UM SHOW DE CHICO PELA PRIMEIRA VEZ.// ELE VIRIA A SER EMPRESÁRIO E GRANDE AMIGO DE CHICO.//</p> <p><b>LOC:</b> COM O FENÔMENO QUE SE TORNOU A BANDA NAÇÃO ZUMBI,/ AS GRAVADORAS PASSARAM A SE INTERESSAR PELO SOM DIFERENTE QUE ELES TOCAVAM.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA LIMINHA:</b> O CHICO SCIENCE EU ME LEMBRO, EU TAVA. EU NÃO ME LEMBRO O QUÊ, QUE EU TAVA PRODUZINDO NA ÉPOCA. ACHO QUE FOI NOVENTA E POUCO, EU MORAVA NOS ESTADOS UNIDOS. O JORGE DEZ QUE ERA UM DIRETOR ARTÍSTICO DA SONY, MANDOU UM CASSETE. EU OUVI AQUILO. ERA UM CASSETE MUITO MAL GRAVADO NUM ESTÚDIO PEQUENO DE ENSAIO. O SOM</p>
--	---

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Chico Science &amp; Nação Zumbi [feat. Gilberto Gil] Central park SummerStage - NY (1995) - YouTube</a> 0'12 - 0'39</p>	<p>TAVA MUITO RUIM, MAS O CONCEITO TAVA ALI. A CONCEPÇÃO MUSICAL DOS CARAS TAVAM ALI.</p> <p><b>LOC:</b> ESSE FOI UM TRECHO DE UMA ENTREVISTA PARA A TV CULTURA,/ DO LIMINHA,/ PRODUTOR DO PRIMEIRO DISCO DA NAÇÃO ZUMBI.//</p> <p><b>LOC:</b> EM 1994,/ A NAÇÃO ZUMBI LANÇA O PRIMEIRO DISCO “DA LAMA AO CAOS”.// ELE FOI INCLUÍDO NUMA DAS LISTAS DE MELHORES DISCOS DO ANO DO NEW YORK TIMES.//</p> <p><b>LOC:</b> EM 2022, “/ DA LAMA AO CAOS” FOI CONSIDERADO O MELHOR ÁLBUM DA MÚSICA BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 30 ANOS POR UMA VOTAÇÃO DE ESPECIALISTAS NO JORNAL O GLOBO.//</p> <p><b>LOC:</b> O DISCO TEVE BOA RECEPÇÃO DA CRÍTICA E PROJETO OS MANGUEBOYS NACIONALMENTE E INTERNACIONALMENTE.// DEPOIS QUE A BANDA LANÇOU O PRIMEIRO DISCO,/ JÁ SAIU EM TURNÊ PARA ALGUNS PAÍSES DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS.//</p> <p><b>LOC:</b> UM FATO MUITO CURIOSO É QUE A BANDA CHICO SCIENCE &amp; “NAÇÃO</p>
--	---

<p><b>TEC:</b> ÁUDIO SITE MEMÓRIA EBC PAULO ANDRÉ PIRES 0' - 1'10</p> <p>D.I. - "AS RÁDIOS..."</p> <p>D.F. - "MIL CÓPIAS."</p>	<p>ZUMBI,/ A PRINCIPAL BANDA DO MOVIMENTO,/ APESAR DE FAZER SUCESSO NO BRASIL INTEIRO E MUNDO A FORA,/ SOFREU E AINDA SOFRE BOICOTE DAS RÁDIOS BRASILEIRAS.// É O QUE DIZ PAULO ANDRÉ PIRES EM UM ÁUDIO DE UMA ENTREVISTA NO SITE MEMÓRIA E-B-C CHICO SCIENCE.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA SITE MEMÓRIA EBC PAULO ANDRÉ PIRES:</b></p> <p>AS RÁDIOS ROCK DE SÃO PAULO NA ÉPOCA NOVENTA E SETE FM, OITENTA E NOVE FM E BRASIL DOIS MIL DISSERAM PRA SONY QUE NÃO IAM TOCAR, PORQUE É AQUILO ERA REGIONAL E ELES ERAM HARD ROCK E ELES NÃO IAM TOCAR PORQUE ENTENDIAM AQUELA MÚSICA COMO MÚSICA REGIONAL. CLARO POR SER DO NORDESTE. E QUANDO FOI A SONY FOI TENTAR RÁDIOS POPULARES DE SÃO PAULO QUE EU LEMBRO DO NOME DE UMA DELAS A RÁDIO ATUAL QUE ERA MÉDIA QUE TOCAVA JUSTAMENTE PROS NORDESTINOS QUE MIGRARAM PRA SÃO PAULO. AÍ ELES DISSERAM QUE NÃO TOCARIAM PORQUE AQUILO ERA ROCK E ELES NÃO TOCAVAM ROCK. ENTÃO A GENTE CAIU LITERALMENTE NA IGNORÂNCIA DAS RÁDIOS E QUE ATÉ HOJE ACONTECE ISSO QUE CHICO SCIENCE NAÇÃO ZUMBI SÃO IGNORADOS PELAS</p>
--	--

<p><b>TEC:</b> <a href="#">Chico Science &amp; Nação Zumbi Programa Livre 1993 - YouTube</a> 0' - 27</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">Chico Science &amp; Nação Zumbi - Disk MTV (1994) - YouTube</a> 0'29 - 0'34</p> <p>D.I. - “E A GENTE VAI...”</p> <p>D.F. - “SOM DO MANGUEBEAT.”</p>	<p>RÁDIOS BRASILEIRAS, NÉ? SEJA POPULAR, SEJA MPB, EH SEJA ROCK, SÃO RARAS AS RÁDIOS BRASILEIRAS QUE TOCAM E QUE TOCARAM NAQUELE MOMENTO. ENTÃO DA LAMA AO CAOS E NÃO VENDEU, EU ACHO QUE NO PRIMEIRO ANO NEM DEZ MIL CÓPIAS.</p> <p><b>LOC:</b> NO ENTANTO,/ OS HITS “A PRAIEIRA” E “E A CIDADE” FIZERAM PARTE DAS NOVELAS TROPICALIENTE E IRMÃOS CORAGEM.// A BANDA FEZ AINDA APARIÇÕES EM PROGRAMAS DE TV NA MÍDIA NO SUDESTE,/ QUE FORAM MUITAS.//</p> <p><b>LOC:</b> O MOVIMENTO MANGUEBEAT TORNOU A CENA RECIFENSE UMA DAS MAIS EFERVESCENTES DO PAÍS. // DEU OPORTUNIDADE EM GRAVADORAS PARA NOMES COMO BANDA EDDIE, / MUNDO LIVRE S/A,/ JORGE CABELEIRA,/ DEVOTOS DO ÓDIO, / FACES DO SUBÚRBIO E MUITO MAIS.//</p> <p><b>LOC:</b> DENTRE AS BANDAS QUE FAZEM PARTE DA CENA MANGUE,/ CHICO</p>
---	---

<p><b>TEC:</b> TRECHOS DE MÚSICAS DO ÁLBUM AFROCIBERDÉLIA EXPLODE E DEPOIS DISSOLVE</p>	<p>SCIENCE E NAÇÃO FOI A QUE MAIS SE DESTACOU.//</p> <p><b>LOC:</b> O SEGUNDO ÁLBUM DA CARREIRA DA BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI,/ AFROCIBERDÉLIA.// FOI LANÇADO EM 1996 E TEVE A PARTICIPAÇÃO DE GILBERTO GIL,/ MARCELO D-2,/ E,/ CLARO,/ FRED ZERO QUATRO</p> <p><b>LOC:</b> A INFLUÊNCIA DA ÁFRICA,/ O INTERESSE PELA CIBERNÉTICA E A PSICODELIA FORAM AS PEÇAS CHAVES DO SEGUNDO DISCO E ÚLTIMO DA BANDA COM A PRESENÇA DE CHICO EM VIDA.//</p> <p><b>LOC:</b> NESTA MESMA ÉPOCA,/ A BANDA JÁ ESTAVA INDO PARA A SEGUNDA TURNÊ DA CARREIRA NA EUROPA E ESTADOS UNIDOS.// O SUCESSO DA BANDA FOI TANTO NO EXTERIOR QUE ,/ FREQUENTEMENTE,/ ERAM CHAMADAS PARA MUITO FESTIVAIS MUNDO A FORA.//</p> <p><b>LOC:</b> O ÚLTIMO SHOW DA BANDA COM A PRESENÇA DE CHICO ACONTECEU EM DOIS DE DEZEMBRO DE 1996,/ NO CANECÃO,/ UMA CASA DE SHOW QUE EXISTIA NO RIO DE JANEIRO.//</p>
---	---



MANGUE.//

**LOC:** TAMBÉM AS COLABORAÇÕES DE RICARDO,/ QUE INTERPRETOU A VOZ DO MARINHEIRO,/ E DE CECÍLIA SOUZA,/ A DONA ADÍLIA.//

**LOC:** O ROTEIRO DESTA PODCAST É DE MINHA AUTORIA,/ DANIEL NASCIMENTO.//

**LOC:** A EDIÇÃO FINAL É DE RICARDO LEMOS.//

**LOC:** NESTE EPISÓDIO,/ FORAM USADAS TRECHOS DAS MÚSICAS DA BANDA CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI: MARACATU ATÔMICO,/ A PRAIEIRA (OBS TODAS AS MÚSICAS QUE SERÃO USADAS, SERÁ ACRESCENTADA AQUI)

**LOC:** FORAM UTILIZADAS TRECHOS DAS MÚSICAS LOIRINHA AMERICANA DE MUNDO LIVRE S/A,/ DIAS MORTOS,/ DA BANDA DEVOTOS,/ MANGUETOWN DE CHICO SCIENCE E LOUSTAL.//  
TODA CASA TEM UM POUCO DE ÁFRICA DE SHEIK TOSADO,/ RIO,/ PONTES E OVERDRIVES DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI.//

**LOC:** NESTE EPISÓDIO FORAM USADOS TRECHOS DE REPORTAGENS E PROGRAMAS DE T-V DA REDE

<p><b>TEC:</b> TEASER EPISÓDIO 02</p>	<p>GLOBO E DO CANAL CULTURA.// TIVE COMO FONTES PARA A CONSTRUÇÃO DO SCRIPT: / MATÉRIAS SOBRE O MANGUEBEAT DOS VEÍCULOS:/ JORNAL DO COMMERCIO,/ FOLHA DE PERNAMBUCO,/ DIÁRIO DE PERNAMBUCO E CORREIO BRAZILIENSE.// NA PESQUISA,/ TAMBÉM CONSULTEI MATÉRIAS NO SITE DO PORTO DIGITAL E E-B-C MEMÓRIA CHICO SCIENCE.//</p> <p><b>LOC:</b> UM DOS LIVROS CONSULTADOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO FOI CHICO SCIENCE: DA LAMA AO CAOS,/ DE LORENA CALÁBRIA.// TAMBÉM PESQUISEI NO LIVRO,/ DO FREVO AO MANGUEBEAT,/ DE JOSÉ TELES.//</p> <p><b>LOC:</b> ESTE FOI O PRIMEIRO EPISÓDIO,/ INTITULADO ENTRE DA LAMA À FAMA,/ DO PODCAST O CARANGUEJO.//</p> <p><b>LOC:</b> E NO PRÓXIMO EPISÓDIO.//</p>
---------------------------------------	---

## 6.2 SCRIPT DO EPISÓDIO 2

**2023/ Nº 2**

Projeto: Podcast - O Caranguejo

Produção: 02 episódios/programas

Episódio: 02

Duração: COLOCAR QUANDO EDITAR

Criação, produção: Daniel Nascimento

Roteiro e script: Daniel Nascimento e Vitória Lima

Edição: Ricardo Lemos

Locução: Daniel Nascimento

Orientação: Sheila Borges

Episódio/Programa 2 / Tema: Entre artes e legado

Duração do episódio/programa: 33 minutos e 48 segundos

TÉCNICA	LOCUTOR
<p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Recife - Rua da Aurora - Santo Amaro - YouTube</a></p>	<p><b>LOC:</b> OI,/ EU SOU DANIEL NASCIMENTO E COMEÇO O SEGUNDO EPISÓDIO DO PODCAST O CARANGUEJO,/ AQUI,/ NA RUA DA AURORA,/ NO CENTRO DO RECIFE,/ EM FRENTE AO CINEMA SÃO LUIZ.// UM LUGAR MUITO IMPORTANTE PARA A CULTURA PERNAMBUCANA.//</p> <p><b>LOC:</b> O PRÉDIO É BEM ANTIGO.//</p>

ATUALMENTE,/ POSSUI A COR BEGE.// NA FACHADA,/ TEM O NOME:/ CINEMA SÃO LUIZ EM LETRAS MAIÚSCULAS,/ NA COR VERMELHA.// NA PAREDE,/ UMA PLACA COM UM ANÚNCIO:/ EM BREVE ESTAREMOS JUNTOS NOVAMENTE.//

**LOC:** O LOCAL ESTÁ FECHADO,/ DESDE 2020,/ POR CAUSA DA PANDEMIA DA COVID-19.// NUNCA MAIS ABRIU AS PORTAS NOVAMENTE.//

**LOC:** AQUI,/ DESDE QUE O CINEMA SÃO LUIZ FOI FUNDADO,/ EM 1952,/ FORAM EXIBIDOS CENTENAS DE FILMES ENTRE NACIONAIS E INTERNACIONAIS.//

**LOC:** E CLARO,/ MUITOS FILMES PERNAMBUCANOS PASSARAM POR AQUI.//

**LOC:** PERNAMBUCANO TEM UM ACERVO VASTO DE PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS E,/ CLARO,/ QUE NEM O CINEMA PERNAMBUCANO ESCAPOU DAS IDEIAS MANGUE.//

**LOC:** BOM,/ ALÉM DA MÚSICA E DO CINEMA,/ A MODA TAMBÉM TIVERAM PAPEL IMPORTANTE PARA O MOVIMENTO MANGUEBEAT.// AO LONGO DO EPISÓDIO,/

VOCÊ VAI SABER MAIS SOBRE ISSO.//

**LOC:** MAS PRA COMEÇAR DE FATO ESTE SEGUNDO EPISÓDIO,/ CHAMADO ENTRE ARTES E LEGADO,/ PRECISO DESTACAR QUE ESTE PODCAST,/ O CARANGUEJO,/ É FRUTO DO MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO,/ T-C-C,/ DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL,/ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO,/ EM CARUARU,/ SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA SHEILA BORGES,/ DO NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO.//

**LOC:** NESTE SEGUNDO EPISÓDIO,/ VOCÊ VAI CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE A RELAÇÃO DO MOVIMENTO MANGUEBEAT COM O CINEMA EM PERNAMBUCO,/ A MODA E OUTRAS ARTES.// E,/ CLARO,/ O LEGADO DELE PARA O MUNDO CULTURAL.//

**LOC:** E PRA ME AJUDAR A FALAR SOBRE ESSA HISTÓRIA,/ CONTO COM A ILUSTRE PRESENÇA DA PRODUTORA CINEMATOGRAFICA NARA ARAGÃO.// E,/ TAMBÉM,/ DA PROFESSORA ALINE MONÇORES,/ DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA,/ A UDESC.//



**TEC:** SONOPLASTIA CARROS  
NA RUA

**LOC:** BOM,/ AGORA TÔ AQUI,/ NO MEIO DA  
PASSARELA DO SHOPPING,/ AVISTANDO  
UMA PAISAGEM BELÍSSIMA DO CENTRO  
DO RECIFE.// ENTÃO,/ COM ESSA  
PAISAGEM,/ DEIXA EU TE FALAR SOBRE A  
RETOMADA DO CINEMA PERNAMBUCANO  
EM 1996.//

**LOC:** ISSO OCORREU EM VIRTUDE DA  
VOLTA DAS POLÍTICAS DE INCENTIVO À  
CULTURA NO PAÍS.// OS MANGUEBOYS,/  
QUE JÁ ERAM PRÓXIMOS AOS JOVENS  
CINEASTAS,/ DAQUI DO ESTADO,/  
ACABARAM TROCANDO EXPERIÊNCIAS,/  
QUE BENEFICIOU TANTO O CINEMA,/  
COMO A MÚSICA LIGADA AO MOVIMENTO.//

**LOC:** A MESTRA EM COMUNICAÇÃO E  
PRODUTORA CINEMATOGRAFICA,/ NARA  
ARAGÃO,/ AUTORA DA DISSERTAÇÃO:/  
INTERFACES ENTRE O CINEMA E A CENA  
MANGUE EM PERNAMBUCO,/ FALA SOBRE  
ESSA APROXIMAÇÃO ENTRE O  
MANGUEBEAT E O CINEMA .//

**TEC:** APROXIMAÇÃO DOS  
MANGUEBOYS COM OS  
CINEASTAS - NARA( TODO)

D.I. - "OLHA, ESSA

**TRANSCRIÇÃO SONORA NARA ARAGÃO:**  
OLHA, ESSA APROXIMAÇÃO EU ACHO QUE  
ELA SE DEU DE MANEIRA MUITO NATURAL  
ASSIM NA VERDADE ELA JÁ EXISTIA  
ANTES, EU ACHO QUE MAIS DO QUE OS  
MANGUE BOYS SE APROXIMAREM DOS

APROXIMAÇÃO”

D.F. “A VER COM ISSO.’

CINEASTAS OU VICE-VERSA.EU ACHO QUE ELES JÁ ERAM PESSOAS QUE FAZIAM PARTE DOS MESMOS CÍRCULOS, DE CÍRCULOS DE AMIZADE, CÍRCULOS É DE INTERAÇÃO SOCIAL DE PRODUÇÃO CULTURAL. ERAM PESSOAS QUE VINHAM ÀS VEZES DE INTERESSE EM COMUM, NÉ? ALGUMAS PESSOAS SE CONHECIAM DA UNIVERSIDADE, OUTRAS DE VIZINHANÇA, OUTRAS AMIGOS DE AMIGOS, NÉ? E ASSIM FORAM SE CRIANDO ESSES LAÇOS. E O QUE REUNIA ELAS, EU ACHO QUE TEM MAIS A VER COM INTERESSE EM COMUM E COM A PERCEPÇÃO E SOBRE A VIDA NA CIDADE COMO ESTAVA NAQUELE MOMENTO. A SITUAÇÃO POLÍTICA, CULTURAL, SOCIAL NO BRASIL, NO MUNDO, NO RECIFE, ERAM PESSOAS ESCLARECIDAS PESSOAS QUE TINHAM É ACESSO A MÍDIA, QUE SABIAM O QUE ESTAVA ACONTECENDO NO MUNDO TAMBÉM. ENTÃO ACHO QUE TEM MAIS A VER COM PESSOAS QUE TINHAM APROXIMAÇÕES POR OUTROS POR OUTROS FATORES E QUE ALGUMAS FORAM ENVEREDANDO MAIS PRA PARTE DA MÚSICA, OUTRAS PRA PARTE DO CINEMA NÉ? E CRIANDO LAÇOS ENTRE SI AÍ FORAM SE MULTIPLICANDO ESSES LAÇOS NÉ? ENTÃO ACHO QUE TEM MAIS A VER COM ISSO.//

**TEC:** (1) [SOM de PRAÇA de](#)

**TEC:** COM ESSA APROXIMAÇÃO,/ ACABOU SURGINDO UM TIPO DE ESTÉTICA DO CINEMA PERNAMBUCANO,/ CHAMADO DE

<p><a href="#">ALIMENTAÇÃO em SHOPPING - MAGNIFICAMENTE RELAXANTE! - YouTube</a></p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">(1) Trailer - Baile Perfumado - YouTube</a> 0'18 - 0'28</p> <p><b>TEC:</b> BAILE PERFUMADO - NARA 0' - 1'16</p> <p>D.I. - "OLHA, EU ACHO..."</p> <p>D.F - "MÚSICA DE CHICO SCIENCE."</p>	<p>ÁRIDO MOVIE,/ ONDE DIVERSOS DIRETORES PASSARAM A DIALOGAR COM O MOVIMENTO,/ CRIADO POR CHICO SCIENCE.//</p> <p><b>LOC:</b> O TERMO ÁRIDO MOVIE FOI CRIADO PELO JORNALISTA AMIN STEPPLE, FALECIDO EM 2019.//</p> <p><b>LOC:</b> O FILME QUE DEU O PONTAPÉ INICIAL PARA ESSE DIÁLOGO ENTRE A CENA MANGUEBEAT FOI O BAILE PERFUMADO,/ DE PAULO CALDAS E LÍRIO FERREIRA,/ COMO EXPLICA NARA ARAGÃO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA NARA ARAGÃO:</b> OLHA EU ACHO QUE COM RELAÇÃO AO BAILE PERFUMADO, EU DIRIA TALVEZ NÃO NECESSARIAMENTE UMA ESTÉTICA MANGUE NÉ? MAS É UMA COISA QUE EU FALO, ATÉ NA MINHA DISSERTAÇÃO ASSIM. ACHO QUE TEM ALGUMAS INTERFACES NÉ? ALGUMAS COISAS ALI QUE SE ENCOSTAM QUE SE CRUZAM SÃO COMUNS A ESSES UNIVERSOS, A ESSES A ESSAS LINGUAGENS. E TEM A VER COM ESSE INTERESSE ASSIM, TANTO DE SE VOLTAR, VOLTAR UM OLHAR PRA CULTURA PRÓPRIA, LOCAL, AUTÊNTICA ASSIM. É FAZER UMA RELEITURA DESSES.</p>
--	--

DESSA CULTURA E DESSAS REFERÊNCIAS ESTÉTICAS MUITO LOCAIS. NO CASO DO BAILE PERFUMADO, VOCÊ TEM ESSA COISA, HISTÓRIA DO CANGAÇO, É DA LÍNGUA E DAS HISTÓRIAS PRÓPRIAS TAMBÉM DAS NARRATIVAS NÉ? QUE VEM DAQUI DE PERNAMBUCO E AO MESMO TEMPO É CRUZANDO ISSO COM REFERÊNCIAS ESTÉTICAS DO UNIVERSO POP. QUANDO SE SE POR EXEMPLO, TEM AQUELA CENA ICÔNICA DO LAMPIÃO EM CIMA DO CÂNION E TOCANDO A MÚSICA DE CHICO SCIENCE.

**TEC:** [\(1\) BAILE PERFUMADO](#)

[EM FULL HD | CNL | 830 -](#)

[YouTube](#) 1:26:55 - 1:27:10

**LOC:** SEGUNDO NARA ARAGÃO,/ ESSE FILME TROUXE UMA NOVA ROUPAGEM PARA OS FILMES EM PERNAMBUCO,/ AO MISTURAR O TRADICIONAL COM A MODERNIDADE,/ DEIXANDO UMA PEGADA MAIS POP.//

**TEC:** BAILE PERFUMADO -

NARA 1'17 - 2'36

D.I. - "ASSIM, NÃO É.."

D.F. - "NÃO SEI O QUÊ."

**TRANSCRIÇÃO SONORA NARA ARAGÃO:** ASSIM NÃO É SÓ ESSA RELAÇÃO NÃO, É SÓ PORQUE É UMA MÚSICA DE UMA BANDA DO MANGUEBEAT, MAS ACREDITASSEM UMA É UMA ROUPAGEM EXTREMAMENTE POP PRA FALAR. É DE UMA COISA QUE GERALMENTE SE FAZIA DE MANEIRA MUITO RESERVADA, RESTRITA E DETERMINADA MANEIRA DE FALAR MESMO, NÉ? COMO SE TROUXE PRA ACADEMIA NA ÉPOCA DO MOVIMENTO

ARMORIAL, MAS QUE NÃO SE MISTURAVAM MUITO AS COISAS, NÉ? E A PROPOSTA ERA JUSTAMENTE MISTURAR E EU ACHO QUE TALVEZ ISSO QUE TENHA MAIS EM COMUM. NO QUE A GENTE CONSEGUIRIA RECONHECER NO MANGUEBEAT. ASSIM, É FALAR SOBRE A PRESENÇA DO ESTRANGEIRO, TAMBÉM ESTÁ NA NARRATIVA. A HISTÓRIA É CONTADA A PARTIR DE UMA NOVA PERSPECTIVA, A PARTIR, DAQUELE ESTRANGEIRO QUE TINHA ESSES REGISTROS DE LAMPIÃO, A HISTÓRIA CONTADA A PARTIR DESSES REGISTROS. ENTÃO JÁ SE LANÇA UMA NOVA PERSPECTIVA QUE TEM ESSE PÉ DO BRASIL, FORA DE PERNAMBUCO, MAS PRA FALAR DE COISAS GENUÍNAS DAQUI. E AO MESMO TEMPO TRAZER ESSES ELEMENTOS É QUE SÃO EXTREMAMENTE POPS, E AO MESMO TEMPO NA NARRATIVA SE FALA DE COISAS INUSITADAS, SOBRE LAMPIÃO, ESSA COISA DELE GOSTARIA DE SER UM HOMEM REFINADO, GOSTAR DE PERFUME IMPORTADOS, UÍSQUE, COM NÃO SEI O QUÊ.

**TEC:** [\(1\) Amarelo Manga \(Trailer Oficial\) - YouTube](#) 1'04 - 1'13

**LOC:** DENTRO DESTE CENÁRIO DE FILMES LIGADOS AO ÁRIDO MOVIE,/ ALÉM DE BAILE PERFUMADO,/ PODEMOS DESTACAR OBRAS COMO AMARELO MANGA,/ PRODUZIDO EM 2022,/ COM DIREÇÃO DE CLAÚDIO ASSIS.//

<p><b>TEC:</b> <a href="#">(1) Cinema, Aspirinas e Urubus - Trailer - YouTube</a> 1' 18 - 1'28</p> <p><b>TEC:</b> <a href="#">(1) Tatuagem Trailer - YouTube</a> 0'40 - 0'45</p>	<p><b>LOC:</b> CINEMA,/ ASPIRINAS E URUBUS,/ DE 2005,/ COM DIREÇÃO DE MARCELO GOMES.//</p> <p><b>LOC:</b> TATUAGEM,/ DE 2013,/ DE HILTON LACERDA.//</p> <p><b>LOC:</b> E TANTAS OUTRAS OBRAS QUE POSSUEM MUITAS CARACTERÍSTICAS EM COMUM,/ COMO O ESTRANGEIRISMO E A MISTURA DA TRADIÇÃO COM O MODERNO.//</p>
<p><b>TEC:</b> NARA ARAGÃO ÁRIDO MOVIE 0'20 - 1'54</p> <p>D.I. - “EU LISTARIA...”</p> <p>D.F. - “ESSA CINEMATOGRAFIA.”</p>	<p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA NARA ARAGÃO:</b></p> <p>EU LISTARIA JUSTAMENTE COISAS QUE EU JÁ FALEI AQUI. PRINCIPALMENTE ESSA RELAÇÃO DA CULTURA, É GENUÍNA AUTENTICAMENTE PERNAMBUCANA TRADICIONAL COM A CULTURA POP, QUE VAI, É UMA CULTURA POP QUE CONVERSA COM O QUE ESTÁ SE PRODUZINDO NO MUNDO INTEIRO. A CULTURA AMERICANA, EUROPEIA, COM O ROCK, A MÚSICA INDIE QUE TÁ SE PRODUZINDO NA INGLATERRA, POR EXEMPLO, NA ÉPOCA. ENTÃO, EU ACHO QUE O QUE A GENTE PODE RECONHECER NOS FILMES PRA</p>

ENTENDER QUE ELES FARIAM PARTE TALVEZ DESSA CATEGORIA, SEI LÁ DESSA VERTENTE, NÉ? COMO VOCÊ CHAMA, EU ACHO QUE É RECONHECER JUSTAMENTE ESSE CRUZAMENTO. ENTRE ESSAS COISAS TODOS ESSES FILMES TEM UM POUCO ESSE CRUZAMENTO, COMO TEM TAMBÉM UMA CARACTERÍSTICA MUITO ESPECÍFICA QUE É QUE É MEIO QUE A PIADA INTERNA ASSIM. SEMPRE TEM ALGUNS CÓDIGOS QUE É SÃO COMO PRA SER ENTENDIDO SÓ PRA QUEM É DAQUI, SÓ PRA QUEM É DE RECIFE. SEMPRE TEM UMA PIADA, SEMPRE TEM UM NOME, SEMPRE TEM UMA PESSOA QUE APARECE, QUE ELA TEM UMA REPRESENTATIVIDADE MUITO GRANDE E VAI SER RECONHECIDA POR PESSOAS DE PERNAMBUCO, POR EXEMPLO, MAS QUE FORA DAQUI NÃO VÃO TER O MESMO SIGNIFICADO. ENTÃO EU DIRIA QUE É TER UM POUCO DESSES ELEMENTOS ESTÉTICOS MAS TAMBÉM TEM ESSA COISA DA PIADA INTERNA QUE É MUITO FORTE E QUE É POSSÍVEL RECONHECER TALVEZ EM TODA ESSA CINEMATOGRAFIA.

**LOC:** MAS NÃO FOI SÓ O CINEMA PERNAMBUCANO QUE FOI INFLUENCIADO PELO MOVIMENTO MANGUEBEAT.// A MODA TAMBÉM.//

**TEC:** UMA DAS VINHETAS DO EPISÓDIO 01

<p><b>TEC:</b> SONOPLASTIA SOM AMBIENTE LOJA</p>	<p><b>LOC:</b> MODA</p> <p><b>LOC:</b> VOU LEVAR NÃO,/ DEPOIS EU PASSO AQUI!//</p>
<p><b>TEC:</b> SONOPLASTIA RUA</p>	<p><b>LOC:</b> EU ACABEI DE SAIR DE UMA LOJA DE VARIEDADES,/ AQUI,/ NA AVENIDA DANTAS BARRETO,/ NO CENTRO DE RECIFE,/ LUGAR BEM MOVIMENTADO.// TEM LOJA DE TODO TIPO POR AQUI.// EU ESTOU A PROCURA DE UM CHAPÉU DE PALHA./ MAS É UM CHAPÉU BEM ESPECÍFICO,/ DAQUELE QUE CHICO SCIENCE USAVA SEM ABAS.//</p> <p><b>LOC:</b> BOM,/ ALGUMAS PESSOAS DEVEM TÁ ME ACHANDO LOUCO POR TÁ FALANDO SOZINHO,/ ASSIM,/ NO MEIO DA RUA.// MAS É O PREÇO QUE A GENTE PAGA POR QUERER SE FORMAR.// MAS EU DEIXO CLARO QUE ESTOU DE FONE DE OUVIDO E O CELULAR,/ COM O GRAVADOR,/ ESTÁ NO MEU BOLSO.//</p> <p><b>LOC:</b> NESSE EXATO MOMENTO,/ EU AVISTO UMA CAMELÔ VENDENDO VÁRIOS ÓCULOS DE SOL,/ COM UMA QUALIDADE DUVIDOSA,/ DENTRE ELES DIVERSOS ÓCULOS COM A LENTE EM COR PRETA E</p>

<p><b>TEC:</b> IMPORTÂNCIA DA MODA ALINE - 0'01 - 0'34</p> <p>D.I. - “ ENTÃO, EU ACHO QUE...”</p> <p>D.F. - “COMUNICAÇÃO VERBAL.”</p>	<p>COM A ARMAÇÃO EM OUTRA COR,/ DO JEITO QUE CHICO GOSTAVA DE USAR.//</p> <p><b>LOC:</b> A CORRENTE,/ PENDURADA NO PESCOÇO./// A CALÇA,/ NO MEIO DAS CANELAS./// O ÓCULOS ESCURO,/ O CHAPÉU DE PALHA E UM TÊNIS VELHO COM UMA MEIA SURREDA.// ESSE ERA O JEITO QUE CHICO GOSTAVA DE SE VESTIR.// ERA O JEITO DELE SER MANGUEBOY.//</p> <p><b>LOC:</b> A MODA,/ PARA OS JOVENS QUE DERAM INÍCIO AO MOVIMENTO MANGUEBEAT,/ FOI ALGO DE EXTREMA IMPORTÂNCIA.// ERA A VALIDAÇÃO DO MOVIMENTO.// QUEM FALA MAIS SOBRE ISSO É A PROFESSORA ALINE MONÇORES,/ DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA.// ELA É DOUTORA EM DESIGN,/ PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO,/ E MESTRA EM DESIGN,/ PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA ALINE</b></p> <p><b>MONÇORES:</b> ENTÃO, EU ACHO QUE A MODA TEM UM PAPEL EXTREMAMENTE RELEVANTE DENTRO DO MOVIMENTO DO MANGUEBEAT, A PARTIR DO MOMENTO QUE ELA SERVE COMO UMA ESPÉCIE DE SIGNO DELIMITADOR. ELA FAZ UM MARCO</p>
---	---

<p><b>TEC:</b> <a href="#">(1) Chico Science &amp; Nação</a> <a href="#">Zumbi - Salustiano Song -</a> <a href="#">YouTube</a></p>	<p>DELIMITANDO. É O QUE ELES SÃO? O QUE ELES ESTÃO FAZENDO? O QUE ELES PRETENDEM AINDA FAZER. E ISSO FICA MUITO EXPLÍCITO NO VESTUÁRIO. A ROUPA TEM ESSA CAPACIDADE, DE COMUNICAR IDEIAS. VOCÊ PRECISAR NECESSARIAMENTE USAR PALAVRAS OU UMA COMUNICAÇÃO VERBAL</p> <p><b>LOC:</b> AGORA,/ FECHÉ OS OLHOS E IMAGINE QUE VOCÊ ESTÁ EM UMA FESTA.// VOCÊ ESTÁ AGUARDANDO A PRÓXIMA ATRAÇÃO DAQUELA NOITE.// QUANDO,/ DE REPENTE,/ A PRÓXIMA ATRAÇÃO APARECE,/ QUE ERA NADA MAIS NADA MENOS QUE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI.// DAÍ,/ ENTÃO,/ COMEÇA A ECOAR O SOM DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS</p> <p><b>LOC:</b> DE REPENTE,/ ENTRA NO PALCO UMA FIGURA FANTASIADA DE CABOCLO DE LANÇA,/ UM SÍMBOLO DO MARACATU.// ELE SURGE COM UM CHAPÉU DE PALHA COM FITAS GIGANTES DE PAPEL CELEFONE NA COR VERMELHA,/ COM UM LENÇO COLORIDO AMARRADO NO PESCOÇO,/ UMA GOLA QUE COBRE O PESCOÇO,/ OMBROS,/ O PEITO E AS COSTAS,/ COM UMA CALÇA FROUXA E UNS MEIÃO DAQUELES DE JOGADOR DE FUTEBOL.// ALÉM DE TODAS ESSAS</p>
--	--

<p><b>TEC:</b> IMPORTÂNCIA DA MODA - ALINE - 0'35 - 2'09</p> <p>D.I. - "ENTÃO O QUE FICOU..."</p> <p>D.F. - "TRAÇO IDEOLÓGICO."</p>	<p>PEÇAS,/ ELE TAMBÉM OSTENTAVA UNS QUATRO SINOS AMARRADOS NO CORPO/ UM ÓCULOS ESCURO E UMA LANÇA DE CERCA DE DOIS METROS NA MÃO.//</p> <p><b>LOC:</b> ERA CHICO SCIENCE,/ EM UM SHOW DA NAÇÃO ZUMBI,/ LEVANDO A PLATEIA AO DELÍRIO COM UM TIPO DE ROUPA QUE FAZ PARTE DE UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL TRADICIONAL,/ CARACTERÍSTICA DA ZONA DA MATA DE PERNAMBUCO,/ O MARACATU.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA ALINE</b></p> <p><b>MONÇORES:</b> ENTÃO O QUE FICOU CLARO PRA MIM NA PESQUISA QUE EU FIZ NAQUELA ÉPOCA, FOI QUE ELES USARAM É A VESTIMENTA, A APARÊNCIA COMO UMA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO. PRA DIZER, O QUE ELES PRETENDIAM, QUEM ELES ERAM E O QUE ELES FAZIAM. ENTÃO, É POR QUE, QUE EU FALEI O MARCO DELIMITADOR? PORQUE DIFERENCIAVA ELES DE OUTROS MÚSICOS, DE OUTROS COMPOSITORES E DE OUTRAS PROPOSTAS MUSICAIS QUE EXISTIAM NA ÉPOCA. ENTÃO UM TRAÇO MUITO IMPORTANTE É DO VESTUÁRIO DELES QUE SE REFLETE, QUE ACABA SENDO SE REFLETE, NÃO DESCULPA QUE NA VERDADE, É UM REFLEXO DA MÚSICA ESSA MISTURA EM TRADICIONAL E INOVAÇÃO, TRADICIONAL E TECNOLOGIA. ENTÃO ALGUNS ACESSÓRIOS, COM</p>
---	--

PINOS E COM ELEMENTOS DE COMPUTADORES, FIOS, CDS E TAL ERAM UTILIZADOS NA NO VESTUÁRIO, NA COMPOSIÇÃO DA INDUMENTÁRIA JUNTO COM O CHAPÉU DE COCO. POR EXEMPLO, JUNTO COM UMA SANDÁLIA QUE LEMBRA AQUELAS SANDÁLIAS DE COURO DE CANGACEIRO USADOS NO SERTÃO. ENTÃO E TEM ESSA QUESTÃO DESSA MISTURA DE ELEMENTOS PRA MOSTRAR VISUALMENTE O QUE ELES ESTAVAM FAZENDO E ISSO FOI MUITO IMPORTANTE. E ESSA É UMA CARACTERÍSTICA MUITO COMUM ENTRE DIFERENTES GRUPOS JOVENS COM FORTE TRAÇO IDEOLÓGICO.

**LOC:** O FIGURINO DE CHICO E DOS OUTROS MANGUEBOYS AJUDOU A ESPALHAR A CULTURA PERNAMBUCANA E DEIXAR UM LEGADO PARA O MUNDO DA MODA.//

**LOC:** COM OS SHOWS DA BANDA E AS FESTAS MANGUES,/ O PÚBLICO,/ QUE CURTIA O SOM DAS BANDAS LIGADAS AO MOVIMENTOS MANGUEBEAT,/ TAMBÉM PASSOU A SE INTERESSAR PELAS ROUPAS E ACESSÓRIOS QUE CHICO E A BANDA VESTIAM.//

**LOC:** SURTIU,/ ASSIM,/ NAQUELA ÉPOCA UM MERCADO POP,/ QUE NADA MAIS ERA

<p><b>TEC:</b> IMPACTO NA MODA PERNAMBUCANA - ALINE - 0'22 - 2'22-</p>	<p>DO QUE UM MERCADO ALTERNATIVO DE PEÇAS DE ROUPAS E DE ADEREÇOS DO MOVIMENTO MANGUEBEAT..//</p> <p><b>LOC:</b> O CARANGUEJO,/ A PARABÓLICA ENFIADA NA LAMA E VÁRIOS ELEMENTOS,/ QUE FAZEM PARTE DO UNIVERSO MANGUEBEAT,/ ACABARAM SE TORNANDO COMUM NAQUELA ÉPOCA.// DESIGNERS E ESTILISTAS DESENVOLVERAM PEÇAS DE ROUPAS QUE REMETIAM À CULTURA POPULAR E,/ TAMBÉM,/ A ELEMENTOS LIGADOS À MODERNIDADE.//</p> <p><b>LOC:</b> DENTRE ELES,/ PODEMOS CITAR NOMES COMO EDUARDO FERREIRA,/ BETO NORMAL,/ MÁRCIA LIMA,/ OSMAR FRASÃO E CLESINHO SANTOS.//</p> <p><b>LOC:</b> A PROFESSORA ALINE MONÇORES FEZ A PESQUISA SOBRE O MANGUEBEAT E A MODA NA METADE DOS ANOS 2000.// ELA JÁ OBSERVAVA O LEGADO DO MANGUEBEAT NA MODA.// MAS,/ AO PASSAR DOS ANOS,/ ELA OBSERVOU UM DISTANCIAMENTO DA MODA PERNAMBUCANA COM O MOVIMENTO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA ALINE MONÇORES:</b> ALGUMAS IDEIAS MUITO LATENTES E PULSANTES AINDA DENTRO</p>
--	---

<p>D.I. - “ALGUMAS IDEIAS...”</p> <p>D.F. - “OUTROS PROCESSOS.</p>	<p>DA COMUNIDADE PERNAMBUCANA DE MODA, MAS NADA MUITO ESTRUTURADO. NÉ? É GERALMENTE JOVENS, DESIGNERS QUE ATUAVAM EM FEIRAS OU QUE PARTICIPAVAM DE ESPAÇOS ALTERNATIVOS, QUE ERA UMA COISA BEM, QUE TAVA COMEÇANDO LÁ, NÉ</p> <p>A NESSA ÉPOCA, MAS AS PESSOAS SE PERMITINDO MAIS A USAR REFERÊNCIAS LOCAIS. E UMA COISA QUE EU NAQUELA ÉPOCA OBSERVEI MUITO FORTE./ É ESSA PERMISSÃO,/ UMA CERTA FORMA UM ORGULHO DE PODER USAR AS REFERÊNCIAS LOCAIS NUM PRODUTO QUE NÃO NECESSARIAMENTE É DESTINADO A COMUNIDADE LOCAL MAS UM PRODUTO QUE COMUNICA E QUE FALA TAMBÉM GLOBALMENTE. ISSO É UMA COISA MUITO FORTE EM RECIFE. QUANDO EU IA PRO INTERIOR EU NÃO PERCEBIA ESSA CONEXÃO. MUITO PELO CONTRÁRIO. RECEBI MUITOS DISCURSOS DE ALGUNS EMPRESÁRIOS, DE ALGUNS PRODUTORES DE MODA DO INTERIOR DO ESTADO REJEITANDO ATÉ EM ALGUNS MOMENTOS O MOVIMENTO. PORÉM PASSADO MAIS ALGUNS ANOS EU TIVE AÍ SE NÃO ME FALHA A MEMÓRIA EM DOIS MIL E CATORZE, DOIS MIL E QUINZE E UMA COISA QUE EU PERCEBI FOI AS PESSOAS TAMBÉM JAMAIS E NÃO TÃO COM CARACTERÍSTICAS NÃO TÃO ALTERNATIVAS MAS ALGUMAS MARCAS MAIS ESTRUTURADAS E MOVIMENTOS UM POUCO MAIS SÓLIDOS. A ONDE ESSAS</p>
--	---

<p><b>TEC:</b> IDENTIDADE VISUAL - DJ DOLORES 0' - 0'16</p> <p>D.I. - "EU ESTUDEI DESIGN..."</p> <p>D.F. - "COM HILTON."</p>	<p>CARACTERÍSTICAS REGIONAIS, DA INDUMENTÁRIA PARECIAM JÁ FAZER PARTE DESSE PROCESSO CRIATIVO, FAZER PARTE DESSA PRODUÇÃO DE MODA.// E DE UMA FORMA QUE ATÉ SE DISTANCIAVA UM POUCO DO MANGUEBEAT. DEMONSTRANDO INCLUSIVE OUTRAS ORIGENS E OUTROS PROCESSOS.</p> <p><b>LOC:</b> PARA ALÉM DA MODA,/ A IDENTIDADE VISUAL DO MOVIMENTO MANGUEBEAT FOI CRIADA PELO CINEASTA E ROTEIRISTA, HILTON LACERDA,/ JUNTAMENTE COM D-J DOLORES,/ QUE APARECEU BASTANTE NO EPISÓDIO ANTERIOR.// ESSA IDENTIDADE COLABOROU PARA O SUCESSO DA CENA MANGUE.// E,/ CLARO,/ QUE PERGUNTEI PARA O D-J DOLORES SOBRE ISSO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO D-J DOLORES:</b> BOM, EU ESTUDEI DESIGN NA FEDERAL E A GENTE TINHA MUITAS IDEIAS, TODO MUNDO DA TURMA CURTIA MUITO QUADRINHO, CURTIA MUITO ARTES GRÁFICAS, ENTÃO A GENTE TINHA MUITAS IDEIAS VISUAIS COM HILTON.</p> <p><b>LOC:</b> O HILTON,/ QUE ELE FALA,/ É HILTON LACERDA,/ ROTEIRISTA E CINEASTA</p>
--	---

<p><b>TEC:</b> IDENTIDADE VISUAL - D-J DOLORES 0'17 - 1'36</p> <p>D.I. - "EU TINHA UM ESCRITÓRIO</p> <p>D.F. - "INTEGRADO A CIDADE."</p> <p><a href="#">(2) Chico Science navegando no</a></p>	<p>PERNAMBUCANO,/ BEM CONHECIDO NO AUDIOVISUAL DO ESTADO.//</p> <p><b>TRANSCRIÇÃO SONORA D-J DOLORES:</b> EU TINHA UM ESCRITÓRIO QUE COMEÇOU NA DÉCADA DE OITENTA CHAMADO DOLORES E MORALES. MEU NOME DOLORES VEM DAÍ. E A GENTE FAZIA MUITO VIDEOCLIFE, FAZIA VÍDEOS EXPERIMENTAIS. É ALGUM, EU ME LEMBRO DE PELO MENOS UM QUE FOI CHICO QUE QUE ERA PERSONAGEM, TEM OUTRO QUE ERA QUE FOI OTTO, QUE TINHA UM SACO PLÁSTICO UM SACO DE PAPEL NA CABEÇA E FICAVA SENTADO NO BANCO E DAÍ A GENTE ACABOU FAZENDO UM VIDEOCLIFE PRA MUNDO LIVRE. ERAM AS COISAS SUPER EXPERIMENTAIS, ENTÃO A GENTE COMEÇOU DEPOIS A FAZER VÁRIOS CARTAZES, A FAZER CAPAS DE DISCOS E A LINGUAGEM FOI SE APRIMORANDO, EU ACHO QUE A CAPA DO MESTRE AMBRÓSIO QUE A GENTE FEZ JUNTO FOI CAPA, DISCO E CENÁRIO PRO SHOW FOI MEIO QUE UM MOMENTO DE MATURIDADE MUITO GRANDE ASSIM. MAS AÍ EU ACHO QUE JÁ ERA NOVENTA E SEIS, NÉ? E CARA ERA MUITO EU FICAVA MUITO FELIZ DE VER AQUELES SÍMBOLOS, AQUELES ÍCONES QUE A GENTE USAVA NOS CARTAZES OU NA CAPA DO O NO DA LAMA AO CAOS E CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. E EU ADORAVA VER O QUE O PESSOAL REPRODUZIA NAS PAREDES DO RECIFE. EU FICAVA TÃO ORGULHOSO</p>
--	---



PRO EXTERIOR, NÉ? NINGUÉM FAZIA ISSO NAQUELE TEMPO, POUCA GENTE FAZIA. SENDO ELOGIADO POR TODO CANTO, TRAZENDO GILBERTO GIL PRA TOCAR, CANTAR UMA MÚSICA COM ELE IR EMBORA. ENTÃO A AUTOESTIMA COMEÇOU A CRESCER. E A PARTIR DO MANGUEBEAT OS CARAS COMEÇARAM A FAZER FAZER CLIPE, AÍ FOI QUE ENTROU KLEBER MENDONÇA FAZENDO CLIPE. AÍ TAMBÉM SURTIU UMAS UNS ATELIÊ DE FOTOGRAFIA DE FRED JORDÃO, DE GIL VICENTE E OUTROS FOTÓGRAFOS BRENO LAPROVITERA E VOU SURTIR A FOTOGRAFIA, AÍ SURTIU O LIVRO, AÍ SURTIU POESIA, FOI SURTINDO DO CLIPE, O CARA JÁ PASSOU PRA FILME, PRA CINEMA. E AÍ FOI TUDO QUE ELE CRIOU UMA CADEIA PRODUTIVA QUE VINHA A PARTIR DO MANGUE NÉ? ISSO CONTINUOU ATÉ HOJE. QUER DIZER AQUELA COISA DE MANGUE E TAL, AQUELE ESPÍRITO INICIAL CONTINUA VIVO AQUI. CONTINUA FAZENDO FILME. TEM MUITA BANDA, MUITA GENTE QUE EU ESTOU FAZENDO MÚSICA NO RECIFE.

**LOC:** TODA DATA IMPORTANTE,/ RELACIONADA AO MOVIMENTO,/ SEMPRE TEM COMEMORAÇÃO E HOMENAGEM.// EM 2022,/ O MANGUEBEAT COMPLETOU 30 ANOS,/ DATA COMEMORADA A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DO MOVIMENTO CARANGUEJOS COM CÉREBRO,/ COM UMA FESTA DANADA.// O LEGADO DE CHICO

<p><b>TEC:</b> <a href="#">(2) Programação especial relembra 20 anos da morte de Chico Science - YouTube</a> 0'8 - 0'22</p> <p><b>TEC:</b> ÁUDIO LIVE NO PERFIL DO INSTAGRAM CHICO SCIENCE OFICIAL</p>	<p>SCIENCE SEMPRE É DEBATIDO TODOS OS ANOS NA MÍDIA PARA LEMBRAR DA IMPORTÂNCIA DO MANGUEBEAT PARA O CAMPO CULTURAL.//</p> <p><b>LOC:</b> EM MARÇO DE 2023,/ COMO PARTE DAS HOMENAGENS DOS 30 ANOS DO MOVIMENTO MANGUEBEAT,/ FOI LANÇADO O SITE ACERVO CHICO SCIENCE,/ NO PORTO DIGITAL DO RECIFE.// O SITE NADA MAIS É DO QUE UM LUGAR QUE A FAMÍLIA DE CHICO CRIOU PARA QUE OS FÃS E PESQUISADORES PUDESSEM TER ACESSO A DOCUMENTOS PESSOAIS DO ARTISTA,/ FALECIDO EM 1997// MUITOS DELES RASCUNHOS QUE ENVOLVIAM TODO O PROCESSO CRIATIVO DO ARTISTA.//</p> <p><b>LOC:</b> A FILHA DELE,/ LOUISE FRANÇA,/ QUE QUANDO O PAI MORREU TINHA APENAS QUATRO ANOS DE IDADE,/ ESTEVE PRESENTE NO LANÇAMENTO E SE EMOCIONOU EM VÁRIOS MOMENTOS.//</p> <p><b>LOC:</b> PRA VOCÊ TER UMA IDEIA DO IMPACTO DO MANGUEBEAT NA CULTURA PERNAMBUCANA,/ SÓ NO REPOSITÓRIO</p>
--	--

DE TRABALHOS ACADÊMICOS,/ FEITOS NOS PROGRAMAS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO,/ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO,/ A U-F-PE,/ ENTRE 2000 E 2022,/ FORAM REGISTRADAS 175 PESQUISAS.//

**LOC:** SEM CONTAR AS MILHARES DE MATÉRIAS EM SITES E BLOGS NA INTERNET SOBRE A CENA MANGUE.//

**LOC:** EU PODERIA FICAR O DIA INTEIRO,/ DIAS,/ SEMANAS,/ MESES FALANDO SOBRE O MANGUEBEAT,/ ASSUNTO É O QUE NÃO FALTA.// MAS ENCERRO POR AQUI ESTE EPISÓDIO ENTRE ARTES E LEGADO E,/ TAMBÉM,/ O PODCAST O CARANGUEJO.//

**LOC:** CHICO SCIENCE,/ JUNTO COM OS MANGUEBOYS E AS MANGUEGIRLS,/ PERMANECE VIVO NA MEMÓRIA DE MUITOS PERNAMBUCANOS E NÃO VAI SER ESQUECIDO.// O LEGADO DESSA CENA MANGUE PARA A CULTURA BRASILEIRA É GIGANTE.//

**TEC:** [\(2\) Nação Zumbi - Novas Auroras - YouTube](#) 1'03 - 1'19

**LOC:** ANTES DE EU IR EMBORA E PEGAR MINHA CARONA DE VOLTA PRO INTERIOR,/ EU PRECISO CONTAR PRA VOCÊ QUE

ESSE PODCAST FAZ PARTE DE MEU T-C-C,/ QUE TEVE A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA SHEILA BORGES.//

**LOC:** O ROTEIRO E O SCRIPT SÃO DE MINHA AUTORIA,/ DANIEL NASCIMENTO,/ COM COLABORAÇÃO DE VITÓRIA LIMA.//

**LOC:** A EDIÇÃO É DE RICARDO LEMOS.//

**LOC:** FORAM UTILIZADOS TRECHOS DO FILME BAILE PERFUMADO DE PAULO CALDAS E LÍRIO FERREIRA.// TRECHO DO TELEJORNAL N-E-T-V DA REDE GLOBO NORDESTE,/ COM APRESENTAÇÃO DO JORNALISTA MÁRCIO BONFIM.//

**LOC:** COMO FONTE DE PESQUISA PARA CONSTRUÇÃO DESSE SCRIPT USAMOS A DISSERTAÇÃO DE Mestrado DA PROFESSORA ALINE MONÇORES,/ DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA.//

**LOC:** TAMBÉM CONSULTAMOS A DISSERTAÇÃO DA LAMA AO CINEMA,/ AS INTERFACES ENTRE O CINEMA E A CENA MANGUE EM PERNAMBUCO,/ DE NARA ARAGÃO.//

**LOC:** UMA REFERÊNCIA FUNDAMENTAL PARA A PRODUÇÃO DESTE PODCAST FOI O A PESQUISA DE Mestrado da Professora Amanda Mansur Custódio Nogueira, / intitulada O Novo Ciclo do Cinema em Pernambuco. // Amanda integra a equipe de docentes do Núcleo de Design e Comunicação, / do Centro Acadêmico do Agreste, / da U-F-P-E, / em Caruaru. //

**LOC:** PARA A PRODUÇÃO DESTE T-C-C, / consultamos ainda o artigo Árido Movie: / da morte do pai ao nascimento de uma nova mídia, / de Samuel Paiva, / professor da Universidade Federal de São Carlos. //

**LOC:** TAMBÉM AS MÚSICAS MONÓLOGO AO PÉ DO OUVIDO DE Chico Science e Nação Zumbi. // Novas Auroras da Banda Nação Zumbi, / Toda Casa tem um pouco de África de Sheik Tosado, / Rio, / Pontes e Overdrives de Chico Science e Nação Zumbi. //

**LOC:** EU QUERIA AGRADECER A TODOS QUE TIRARAM UM TEMPINHO PARA OUVIR ESTE PODCAST QUE ESTÁ DISPONÍVEL EM

	<p>TODAS PLATAFORMAS DE STREAMING DE ÁUDIO E CLARO,/ QUE VOCÊ COMPARTILHE NAS REDES SOCIAIS.//</p> <p><b>LOC:</b> FOI UM PRAZER ESTAR COM VOCÊS.// TCHAU!</p>
--	---

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento Mangubeat, mesmo após mais de trinta anos de seu surgimento, permanece vivo na cultura pernambucana e brasileira por meio de memórias coletivas, muitas vezes formadas pelos produtos midiáticos existentes. A presente pesquisa, iniciada em 2020, com o intuito de analisar a intermedialidade entre a cena mangue e a produção cinematográfica em Pernambuco, por meio da filmografia de diretores que são do Estado citado, proporcionou a criação deste podcast O Caranguejo, que respondeu à pergunta da pesquisa: como elaborar um podcast que possa apresentar as influências do Mangubeat na nossa cultura?

Em um primeiro momento, para responder esse questionamento, foi necessário a leitura bibliográfica sobre assuntos que são de interesse desta presente pesquisa, o que contribuiu para um enriquecimento maior sobre o tema. A partir das inquietudes surgidas, foram iniciadas as entrevistas remotamente via aplicativo de mensagens, como o WhatsApp, com pessoas que fazem parte do Movimento Mangubeat e ajudaram a construir e, de alguma forma, a criar essa cena mangue, além de pesquisadores especialistas no assunto. A escolha por entrevistas via internet ocorreu em virtude da dificuldade de entrevistas presenciais devido ao distanciamento físico e geográfico, uma vez que parte dos entrevistados não estavam em Pernambuco e, também, em função da pandemia da Covid-19, iniciada em março de 2020, que fez com que as atividades da universidade fossem realizadas de forma remota até junho de 2022 para evitar a contaminação das pessoas pelo novo coronavírus.

Para construir o roteiro e os scripts dos dois episódios houve a necessidade de viajar de Caruaru até Recife para captar paisagens sonoras e imagens de lugares que fazem parte da história do Movimento Mangubeat, passando por bairros da região central da capital pernambucana, como Centro e Santo Antônio. Nessa ocasião, também foram gravadas algumas falas de locução, captadas diretamente de locais específicos relacionados ao movimento e que, posteriormente, foram transcritas para os scripts dos episódios.

O processo de escrita do script do primeiro episódio seguiu uma linha do tempo relacionada com o início do Mangubeat até a morte do seu principal criador, Chico Science. Já o segundo teve como intenção mostrar as interfaces

do Mangubeat com o cinema e a moda, assim como, também, o seu legado para a sociedade pernambucana e brasileira. Além das paisagens sonoras recentes de ambientação da cena mangue, os dois episódios trazem trechos sonoros da plataforma de vídeo Youtube, diante do vasto acervo nessa mídia sobre essa manifestação cultural.

Dessa forma, observa-se que se cumpriu a intenção de se mostrar, por meio da mídia sonora podcast, o Movimento Mangubeat com recursos de áudio para enaltecer a sua relação com outras manifestações artísticas, que vão para além da música. Para isso se tornar acessível, o podcast O Caranguejo será veiculado em plataformas de ancoragens de podcasts e divulgada nas redes sociais digitais e mídias independentes. Assim, será alcançado um público que se interessa pelo tema ou que seja apresentado a ele por esse produto cultural.

Além disso, é importante destacar que esse produto se soma a outras centenas de homenagens aos trinta anos de criação do movimento, que contribuem para preservar a memória deste movimento de contracultura tão rico, despertando nas pessoas da época em que surgiu o desejo de propagar ideias sobre a realidade política daquele momento por meio das artes.

Este podcast não encerra a minha necessidade de buscar conhecimento sobre produtos sonoros narrativos e imersivos, com base no conceito de intermedialidade, para aprofundar aspectos relacionados ao Movimento Mangubeat. Existem questionamentos sobre esse tema que serão aprofundados, posteriormente, em um futuro mestrado.

## REFERÊNCIAS

ABPOD. PodPesquisa 2020. **Associação Brasileira de Podcasters**. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://abpod.com.br/podpesquisa/> Acesso em 17 de outubro de 2021.

ALBAGLI, S. (1996). **Divulgação científica: Informação científica para cidadania**. *Ciência Da Informação*, 25(3). Recuperado de <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>.

ASSIS, Pablo de. **O feed e a fidelização do podovinte**. In: LUIZ, Lucio (Org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA. Pesquisadores da Alcar referendam 1919 como início da radiodifusão no Brasil: Rádio Club de Pernambuco é considerada a pioneira. Alcar. Disponível em: <https://plone.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/editorial>. Acesso em: 07 dez. 2022.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Tradução: Marcelo Felix. 3a Ed. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2004.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BESSA, Audrey Manfredini. **Uma estética marginal: ManguêBit. Princípios e legados**. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2018.

Bonini, T. **The «Second Age» of Podcasting: reframing Podcasting as a New Digital Mass Medium**. Quaderns del CAC, 41(18), 2015.

CALABRE, Lia. **O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano (1940- 1946)**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.

CAMPIOLO, Francinelli Cristina. **Perfil jornalístico e o resgate das singularidades: um olhar às pessoas comuns**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1166-1.pdf> > Acesso em: 27 de mar. de 2023.

CARVALHO, Paula Marques de. **Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet**. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Católica de Pernambuco, 2 a 6 de setembro de 2011.

CASTRO, J. **Homens e caranguejos**. São Paulo, Brasiliense, 1967.

CHAGAS, Luãn José Vaz. **Entre fontes e jornalistas: a seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CHAGAS, Luãn José Vaz; VIANA, Luana. **Categorização de Podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico**. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante de XIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2021.

CLÜVER, C. **Intermedialidade**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 8-23, 16 jan. 2012.

BAZIN, A. **O cinema**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BESSA, A. M. **Uma estética marginal: ManguêBit. Princípios e legados**. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2018.

CALÁBRIA, L. **Chico Science & Nação Zumbi – Da lama ao caos (O livro do disco)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Cabogó, 2019.

COSTA, Cristina. **Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. São Paulo: Ed. Moderna, 2004

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio: ainda estamos no início do começo**. In: Anais do 29º Congresso Brasileiro de Comunicação. Brasília: Intercom, 2006.

\_\_\_\_\_. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21**. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. 30º Congresso Brasileiro de Comunicação. Santos, 1º set. 2007. 15f.

FONSECA, Nara Aragão. **Da lama ao cinema: interfaces entre o cinema e a cena manguê em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and signifying practices**. Londres: SAGE, 1997.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

A HERANÇA do malungo. **Jornal do Comércio. Caderno Especial**. Recife, p. 1-8, 02 fev. 2007.

KAPLÚN, Mario. **Produção de programas de rádio: do roteiro à direção**. Tradução Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti. Florianópolis: Insular, 2017.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside Radio 2022**. [S.l.]. 2022

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

\_\_\_\_\_. **Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo**. In: Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: SBPJor, 2017.

\_\_\_\_\_. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, Santiago de Compostela, v. 5, n 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luã. **Diversidade não é igual a pluralidade - Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, v. 1, n. 36, dez. 2017.

LEÃO, Ana Carolina Carneiro. **A nova velha cena: a ascensão da vanguarda Manguê Beat no campo da cultura recifense**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: A Moda E Seu Destino Nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIRA, Paula de Vasconcelos. **Uma antena parabólica enfiada na lama: ensaio de diálogo completo com o Mangubeat**. Dissertação (Antropologia Cultural). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2000.

LOPES, Leo. **Podcast: o guia básico**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora Ltda, 2015.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros radiojornalísticos: análise da rádio Eldorado de São Paulo. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

MANEVY, Alfredo. Nouvelle Vague. In: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MANSUR, A. **A Brodagem no Cinema em Pernambuco**. Recife: Editora Massangana, 2019.

MEDEIROS, Macello Santos de. **Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro**. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 5 a 9 de setembro de 2005.

MONÇORES, A. M. **Moda Mangue: a influência do movimento mangubeat na moda pernambucana**. Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Artes e Design, 2006.

Moura, Mariama da Mata Leite. **A influência do movimento manguebeat na cena cultural do Recife : um estudo a partir da identidade e do consumo /** Mariama Da Mata Leite Moura. – Recife, 2017.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material.** Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2007.

MÜLLER, J. E. **Intermedialidade revisitada: algumas reflexões sobre os princípios básicos desse conceito.** Tradução de Anna Stegh Camati e Brunilda Reichmann. In : DINIZ e VIEIRA (org.). *Intermedialidade e Estudos Interartes: Desafios da Arte Contemporânea 2*, Belo Horizonte, Rona Editora: FALE/UFMG, 2012, p. 75-95.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no Ciberespaço.** SP: Itaú Cultural-UNESP, 2003.

NAGIB, L.; JERSLEV, A. (eds). **Impure cinema: intermedial and intercultural approaches to film.** London, New York: I.B. Taurus, 2014, p. 21-39.

NEIRA, L. G. (2008). **A invenção da moda brasileira.** *Caligrama (São Paulo. Online)*, 4(1).

NOGUEIRA, Amanda Mansur Custódio. **O novo ciclo de cinema em Pernambuco.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

PAIVA, Samuel. **Árido Movie: da Morte do Pai ao Nascimento de uma Nova Mídia.** 2011. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura das Mídias do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1642.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1642.pdf).

\_\_\_\_\_. **Cinema, intermedialidade e métodos historiográficos: o Árido Movie em Pernambuco**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, Brasil, v.43, n. 45, p. 64-82, aug 2016.

\_\_\_\_\_. **Cinema and Its Intermedial Passages to Reality: The Case of the Árido Movie**. Alphaville: Journal of Film and Screen Media no. 19, 2020, pp. 81–100

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O que é contracultura. São Paulo: Nova Cultura: Brasiliense, 1986 (Coleção primeiros passos; 69).

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PREFEITURA DO RECIFE. Dados Socioeconômicos, [S.l.]. Disponível em: [Informações socioeconômicas | Prefeitura do Recife](#). Acesso em: 14 de dez. 2022.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 17. ed. São Paulo, Ática, 2012.

RAMOS, Lucas Borges. **Manguebeat - identidade narrativa**. Escola de Artes e Comunicação - USP, Relações Públicas, Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

RAJEWSKY, Irina. “**A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade**”. In: DINIZ, T.F.N.; VIEIRA, A.S. (orgs.). **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea 2**. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, p. 51-74, 2012.

RETROSPECTIVA 2021: Brasil tem dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa da FGV. **Tecnoblog**, 2021. Disponível em: [Retrospectiva 2021:](#)

[Brasil tem dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa da FGV | Portal FGV](#). 17 de outubro de 2022.

ROSSETO, Andrei do Santos. **Lama, caos e ruído na internet: o pioneirismo do Manguetronic Internet Radio, de Recife, na podosfera brasileira.** Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

SANTOS, D. N.; NOGUEIRA, A. M. C. **“Chico me empresta a tua ciência: a intermidialidade no filme Febre do Rato de Cláudio Assis.** Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, de 01 a 10 de dezembro de 2020.

SCHVARZMAN, Sheila – **Humberto Mauro e as Imagens do Brasil.** São Paulo:Edunesp, 2004

SILVA, S. P. ; SANTOS, R. S. **O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019.** Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020.

SILVA, Sergio Damasceno. Globo: pandemia eleva consumo de podcasts. Meio&Mensagem, 2021. Disponível em: [Globo: pandemia eleva consumo de podcasts \(meioemensagem.com.br\)](#). Acesso em: 14 de dez. de 2022.

TELES, J. **Da Lama ao Caos: quem som é esse que vem de Pernambuco? (Coleção Discos da música brasileira.)** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

\_\_\_\_\_. O malungo Chico Science. Recife: Bagaço, 2003.

VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos**. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, de 01 a 10 de dezembro de 2020.

ZEROQUATRO, Fred. **Primeiro Manifesto Mangue – Caranguejos com Cérebro (1992)**. Disponível em: [http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos\\_manifesto1.html](http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html) . Acesso em 27 out. 2020.

DANIEL DO NASCIMENTO SANTOS

## O CARANGUEJO: PODCAST NARRATIVO SOBRE O MANGUEBEAT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Comunicação Social do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em: 26/04/2023.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheila Borges de Oliveira  
(Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Amanda Mansur Custódio Nogueira  
(Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr Luãn José Vaz Chagas  
(Examinador Externo)  
Universidade Federal de Mato Grosso